

Extensionalizando a extensão: conhecer, agir e emancipar

Alessandra Borin Nogueira

Vera Lucia dos Santos Plácido

PUC
CAMPINAS

Editora
Splendet

Coordenação editorial: Caroline Reolon

Normalização e preparação do texto: Paula Carolina Pereira

Revisão: Camila Dalla Pozza

Capa, projeto gráfico e diagramação: Vinicius Martin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Editora Splendet, SP, Brasil)

P365p

Placido, Vera Lucia dos Santos; Nogueira, Alessandra Borin.

Extensionalizando a extensão: conhecer, agir e emancipar / Vera Lucia dos Santos

Placido. — Campinas: Editora Splendet, 2025.

221 p. : il., color.

ISBN: 978-65-89946-60-1

1. Extensão Universitária. 2. Educação Superior. 3. Interdisciplinaridade. I. Título

CDD 378.013

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Paula Carolina Pereira CRB-8/9755.

CONSELHO EDITORIAL SPLENDET

Reitor: Germano Rigacci Júnior

Vice-reitor: José Benedito de Almeida David

Editora-Chefe: Camila Brasil Gonçalves Campos

Alessandra Gambero, Bruna Branchi, Carlos Pizzolato, Cris Olivieri, Gabriel Stocker, Jonathas

Magalhães P. Silva, Leonardo Oliveira, Marcelo Knobel, Newton C. Frateschi, Pe. Adriano Broleze, Pe.

Paulo Sérgio, Renato Kirchner, Sílvia Matos, Tatiana Slonczewski, Wilson Ribeiro

Todos os direitos reservados à Editora Splendet Puc-Campinas

Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 | Pq. Rural Fazenda Santa Cândida |

Campinas – SP | CEP: 13087-571

Um diálogo possível (...)

A Extensão Universitária possui características inerentes ao seu fazer, independente do contexto político, econômico, ideológico e cultural da sociedade. Uma dessas características é a compreensão de que ela está intimamente relacionada ao sentido da Universidade. Desta forma, à medida em que é colocada em prática, nas entrelinhas, o que se apresenta é se a Universidade é próxima ou não da sociedade, das comunidades que a circunvizinham, dos conflitos próprios de diferentes grupos sociais, das demandas sociais e territoriais e do diagnóstico das potencialidades, especialmente de grupos sociais mais vulnerabilizados, dentre outras dimensões em que ela, naturalmente, se aproxima.

Aqui, entende-se o sentido não apenas como a Missão Institucional, mas, tão importante quanto, é a forma como a Universidade, tornada conteúdo, se aproxima de um universo que é complexo – o social – e dialoga com ele em outras perspectivas que não seja a vertical, de transposição do conhecimento, da submissão do outro a um saber que ele, tão pouco, é capaz de avaliar as consequências. A Extensão Universitária, consciente de si e da tríade ensino-pesquisa-extensão, é aquela atitude da Universidade em se colocar no chão dos territórios, em se aproximar das pessoas e ser, também, a sua voz, em se preocupar com mudanças quanti e qualitativas em suas vidas, em associar-se à empiria, ao técnico, ao científico, ao teórico e ao prático, num processo reconhecidamente educativo.

Justamente por ser educativo, ensina, aprende, transpõe e se transforma e isso acontece com todos os envolvidos. Docentes que se aproximam da extensão universitária, em pouco tempo, entendem que



o conhecimento técnico deve se somar a outros saberes; discentes que desenvolvem ações extensionistas, logo entendem que ela, per si, não é protagonista, mas valoriza o protagonismo do trabalho em equipe; comunidades e parceiros que estão envolvidos nos projetos, num curto período, compreendem que os tempos institucionais não são os mesmos e que os ajustes são também ferramentas de aprendizado; gestores institucionais, sempre preocupados com a avaliação e os resultados, pela característica própria da função, aprendem que a extensão é a estrutura de muitas formas de avaliação e, nem todas, são quantitativas.

Esse exercício de aprendizagem, que não se fecha em si mesmo, pelo contrário, se abre no encontro com o outro, é o que entendemos como dialogicidade que, em outras palavras, é a base para a metodologia extensionista. Não há extensão sem diálogo estabelecido a partir do reconhecimento que o outro existe e, na sua existência, é sabedor das suas dores, suas histórias, suas conexões e suas potencialidades. O outro, tornado alguém, é vida preenchida e que se preenche dia a dia, no cotidiano e nas suas relações.

Nessa perspectiva, sem o diálogo, o outro se torna ninguém e esta atitude o precariza, o amarra às condições que não escolheu e o torna vítima de um sistema que o acorrenta na colonização e na opressão. Sem o diálogo, só há vazios e infertilidade; não há transformações. Por isso, o diálogo, estabelecido como metodologia é também aproximação, vínculo afetivo, respeito, amorosidade, ponte entre saberes; é democratização do conhecimento, é a Universidade se colocando em saída. A partir do diálogo, entendido como base metodológica para a escuta e o diagnóstico, é possível estabelecer conexões, perceber coletividades a partir de identidades, mapear demandas, prospectar alternativas conjuntas.

Nesse sentido, os saberes se constroem na interdisciplinaridade e na interprofissionalidade que, a partir de aproximações constantes e diversas, os impactos serão percebidos, tanto na formação dos



alunos quanto para as comunidades e parceiros envolvidos, em diferentes tempos. Assim, a interação dialógica é uma base sobre a qual não se pode afastar durante a atividade extensionista; é ela que nos garante estar com o outro, de forma permanente e efetiva.

Com essa premissa em tela, este E-book materializa as diversas experiências de Extensão Universitária ao longo deste ano de 2025, orientadas pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da PUC-Campinas. Com ele, esperamos contribuir para a memória da Extensão na nossa Universidade, que sempre a praticou com seriedade, respeito e competência em seus projetos. Esperamos também que, ao lê-lo, o leitor perceba que a Extensão PUC-Campinas é eclética e difusa e que, ao ser assim, se revela na totalidade da complexidade dos nossos territórios. Desta forma, traz experiências com mulheres, com profissionais de abordagem social, com jovens, com pessoas 60 + retratando diferentes perspectivas de diálogo, de interação, de validação dos nossos resultados. Desta forma, todos os textos apresentados são resultados próprios da empiria da Extensão Universitária. Assim, sua escrita não segue um padrão normativo rígido, pelo contrário, o processo criativo que é a linha condutora dos projetos se faz presente em cada escrita, afirmação e apresentação de evidências. Por isso a responsabilidade de sua escrita cabe aos seus autores, respeitando-se sempre a interface – universidade–parceiros–comunidades envolvidas.

Por fim, desejamos que este E-book seja inspirador e esperançoso. Sem essas duas dimensões da natureza humana, a extensão universitária pode se tornar apenas mais um fazer que, até pode implicar em números, mas nunca em vidas transformadas.

Verão de 2025

Profa. Alessandra Borin Nogueira

Profa. Vera Placido

Sumário

Trabalhos resultados de Projetos de Extensão – Biênio 2024– janeiro/2026 **09**

A cor da desigualdade: saúde sem preconceito **10**

Ações voltadas à tecnologia para o envelhecimento saudável e ativo **18**

Ateliê de práticas participativas e estratégias de ação conjunta para o Campo Belo, Campinas. **30**

Carto(grafias): uma compreensão da rua como território na percepção do SOS Rua, Campinas-SP **37**

História e extensão: divulgação digital do acervo do instituto Babá Toloji **49**

Trabalhos resultados de Exposições e Ateliês de Extensão – Biênio 2024–janeiro/2026 **60**

Educação patrimonial: uma ecom arte africana e arte-afrobrasileira. **61**

Exposição de produtos “alma lavada” – saneantes domissanitários sustentáveis **81**

Sumário

Mãos que criam, vidas que transformam: cultura e criatividade como ferramentas de inclusão social em Campinas/SP	88
Metodologia de cooperação institucional para políticas habitacionais integradas: programa pro-habitat, PUC-Campinas	107
Mulheres (em saída): documentário dá voz a grupo de migrantes do jardim Campo Belo	117
Mulheres na varanda: ações de extensão para promoção de saúde da mulher vulnerabilizada	125
Prevenção ao trauma – Vitalità: promoção da saúde comunitária em Campinas	144
Produção Partilhada do Conhecimento nas Cartas de um Campo Belo	159
Desenvolvimento de aplicativo para coleta e processamento de dados de preços da cesta básica: uma solução tecnológica para o observatório PUC-Campinas	180
Projeto de extensão interdisciplinar “alma lavada”	186

Sumário

Alma Lavada – ateliê de extensão em sustentabilidade e saúde mental	198
Quando o mapa fala aparece o lugar: mulheres e memória do Campo Belo, Campinas, SP	204
Agradecimento (...)	217
Pósfácio	219



Trabalhos resultados de Projetos de Extensão

**Biênio 2024
Janeiro/2026**

A cor da desigualdade: saúde sem preconceito

José Gonzaga Teixeira de Camargo

Resumo

Nos indicadores de saúde, podemos observar o impacto em agravos geneticamente determinados e naqueles adquiridos, agravados ou de tratamento dificultado pelas condições desfavoráveis de vida da população negra. O público-alvo serão pacientes usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) e do sistema privado, que serão avaliados para a verificação do tamanho e das circunstâncias do problema, e os profissionais da saúde sobre letramento e sensibilização. Atuaremos em conjunto com os pesquisadores do tema, que nos municiarão de informações e dados para apresentarmos ao público-alvo. Paralelamente a isso, teremos já marcadas aulas, palestras, letramento e oficinas em conjunto com o CEAAB. Também programamos materiais didáticos como livros, página nas redes sociais, dramatização em vídeo e teatro e cartilhas a serem oferecidas como material de divulgação. Baseado em metodologias qualitativas, pretende-se analisar os dados e avaliaremos a ampliação do projeto.

Palavras-chave:

Saúde,
Desigualdade
Racial, Novas
Igualdades.

Introdução

Nos indicadores de saúde, podemos observar o impacto em agravos geneticamente determinados e naqueles adquiridos, agravados ou de tratamento dificultado pelas condições desfavoráveis de vida da população negra. O público-alvo serão pacientes usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) e do sistema privado, que serão avaliados para a verificação do tamanho e das circunstâncias do problema, e os profissionais da saúde sobre letramento e sensibilização. Atuaremos em conjunto com os pesquisadores do tema, que nos municiarão de informações e dados para apresentarmos ao público-alvo. Paralelamente a isso, teremos já marcadas aulas, palestras, letramento e oficinas em conjunto com o CEAAB. Também programamos materiais didáticos como livros, página nas redes sociais, dramatização em vídeo e teatro e cartilhas a serem oferecidas como material de divulgação. Baseado em metodologias qualitativas, pretende-se analisar os dados e avaliaremos a ampliação do projeto.

Objetivos

Compreender que o atendimento à saúde é direito de todos de forma igualitária, mas que diferenças étnicas devem ser levadas em consideração;

Constituir um banco de dados qualitativos a respeito da população de risco;

Contribuir diretamente com o fomento para políticas públicas mais assertivas no quesito saúde da população negra;

Realizar eventos de divulgação e alerta sobre a temática;

Divulgar os dados científicos que corroboram as afirmativas para o grande público;

Promover a educação sobre a temática para os profissionais da saúde;

Analisar, compreender e mapear a importância da individualização do atendimento e relação a grupos étnicos:

- Estimular o debate a respeito deste tema em diferentes ambientes de aprendizagem: salas de aula, oficinas pedagógicas, palestras, entrevistas e mídias sociais;

- Fomentar a formação dos nossos discentes atentos à importância das diferentes enfermidades que acometem grupos étnicos, alertando não apenas para o fenótipo, mas buscando informações de ancestralidade;

- Incentivar diferentes setores da sociedade a se envolverem com a difusão desse conhecimento para a prevenção de enfermidades.

- Difundir o conhecimento científico com recorte racial, capacitação dos profissionais de saúde e subsidiar a população com informações adequadas para que possamos construir coletivamente uma atenção à saúde mais justa.

Caracterização do público-alvo direto e indireto das atividades de extensão

O público-alvo serão pacientes usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) e dos sistemas privados, que serão avaliados para a verificação do tamanho e das circunstâncias do problema. Também faremos oficinas e discussões com os profissionais da saúde sobre letramento e sensibilização do problema, então essas pessoas também serão nosso público-alvo. Nessa linha, podemos incluir os alunos das faculdades da Escola de Ciências da Vida e podemos também articular com os residentes médicos e multiprofissionais.

Caracterização das Instituições Envolvidas diretamente na proposta

Existe uma articulação com a Prefeitura de Campinas, iniciada na reunião do dia 23 de janeiro. Há uma perspectiva de contato com a UNIMED Campinas (a qual esperarei a aprovação do Projeto, mas já adiantei com amigos que fazem parte da gestão da instituição). Também conto como parceiro o Hospital da PUC-Campinas.

Metodologia

A atuação será em conjunto com os pesquisadores do tema, que nos municiarão de informações e dados para apresentarmos ao público-alvo. Paralelamente a isso, teremos já marcadas aulas, palestras, letramento e oficinas em conjunto com o CEAAB.

Também programamos materiais didáticos como livros, página nas redes sociais, dramatização em vídeo e teatro e cartilhas a serem oferecidas como material de divulgação.

À Guisa de uma Conclusão

A saúde é resultado da forma como as pessoas vivem e o quanto acessam a educação, o meio ambiente equilibrado, lazer, habitação, entre outros. A forma de organização da sociedade brasileira historicamente estabeleceu hierarquias por classe social, gênero e raça que definiram diferentes formas desses indivíduos terem acesso aos determinantes do processo saúde-doença.

Dessa forma, a raça/cor/etnia é uma categoria importante a ser considerada quando se pensa em saúde no Brasil. Por muitos anos, a ideia de democracia racial não permitiu avanços na relação entre raça e saúde, mas ações intensas do movimento negro culminaram na criação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, que define diretrizes para esse cuidado no Brasil.

O Sistema Único de Saúde (SUS) já prevê, entre seus princípios, a equidade, que significa ofertar mais a quem mais precisa, ou seja, prestar um cuidado igualitário, mas respeitando as desigualdades existentes; portanto, é essencial que os serviços, e principalmente os profissionais da saúde, conheçam as diferentes formas de uma

assistência à saúde mais singular.

Nos indicadores de saúde, podemos observar o impacto em agravos geneticamente determinados e naqueles adquiridos, agravados ou de tratamento dificultado pelas condições desfavoráveis de vida da população negra, entre eles, a anemia falciforme, que é mais prevalente na população negra; a hipertensão arterial (pressão alta), que é mais frequente; o glaucoma, mais prevalente e mais grave nos negros; miomas, 3 vezes mais comuns em mulheres negras; o diabetes tipo 2, que é 9% mais comum entre homens negros que em brancos e 50% em mulheres negras que em brancas; além das doenças do trabalho, mortes violentas, mortalidade materna e mortalidade infantil.

Reconhecendo esta situação, o Ministério da Saúde lançou, em 2014, a Campanha de Enfrentamento ao Racismo no SUS, pois ao produzir situações de vida contrárias à promoção de saúde, tornar difícil o acesso da população negra aos diferentes setores e níveis do SUS ou propagar e utilizar preconceitos e estereótipos nos atendimentos são estabelecidos entraves na garantia à saúde da população negra.

A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra é uma resposta do Ministério da Saúde às desigualdades em saúde que acometem esta população e um reconhecimento de que as suas condições de vida resultam de injustos processos sociais, culturais e econômicos presentes na história do país. Nossa história, construída sobre as bases da desigualdade, impôs à população negra o lugar das classes sociais mais pobres e de condições mais precárias. Apesar da abolição oficial da escravidão dos povos africanos e seus descendentes, não há como negar que persiste ainda hoje, na nossa sociedade, um racismo silencioso e não declarado. A persistência desta situação ao longo desses anos é facilmente observada na precocidade dos óbitos, nas altas taxas de mortalidade materna e infantil, na maior prevalência de doenças crônicas e infecciosas, bem como nos altos índices de violência urbana que incidem sobre a população negra. A resistência dos



movimentos sociais vem denunciando a indignidade das condições de vida da população negra, traduzindo-as em reivindicações por políticas públicas que reduzam a desigualdade e ampliem o acesso aos bens e serviços públicos.

Coerente com a diretriz governamental que determina a redução da exclusão social, este Ministério entendeu ser fundamental a estratégia de formulação desta política, reafirmando o princípio da universalidade do SUS. O processo de formulação recebeu a contribuição e a aprovação do Conselho Nacional de Saúde. A pactuação do Plano Operativo pela Comissão Intergestores Tripartite (CiT) comprometeu todas as esferas de gestão do SUS com o desenvolvimento de iniciativas e metas da política, voltadas para a melhoria da saúde da população negra. Esta publicação, contendo o texto da Política, a Portaria nº 992, de 13 de maio de 2009, e o Plano Operativo pactuado na CiT, se destina à orientação de gestores e técnicos na sua implementação.

O Centro de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros Dra. Nicéa Quintino Amauro (CEAAB-PUC-Campinas) é uma unidade institucional da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, integrada pela comunidade acadêmica interna e pela sociedade civil organizada, representada pelo Movimento Negro de Campinas e foi a partir de uma provocação feita pelos integrantes desse Centro que trouxemos o tema para discussão.

Nesta provocação, havia a proposta de uma palestra da Prof.^a M^a. Aparecida Campos, na qual ela afirma que “Um estudo do Instituto Nacional do Câncer (Inca), divulgado em um evento na sede em Vila Isabel, na Zona Norte do Rio, indica que mulheres negras têm câncer de forma mais agressiva do que mulheres brancas. Segundo a pesquisadora Sheila Lima, a incidência entre a população negra chega a quase o dobro do que em pacientes brancas e é o primeiro grupo que mais morre vítima da doença.

Temos uma população miscigenada e nosso objetivo era



entender se morrem mais mulheres negras do que brancas por câncer; percebemos que sim e o subtipo mais agressivo da doença acomete mais mulheres negras: é quase o dobro”.

Ao pesquisar mais sobre o assunto, verifiquei os dados expostos na introdução desse projeto, e o incômodo foi enorme.

Assim, o presente projeto de extensão, inclusive com possibilidades de inserção no currículo como uma nova disciplina – curricularização da Extensão – dando oportunidades de equalizar o atendimento e tratamento da população negra em geral.

Ações voltadas à tecnologia para o envelhecimento saudável e ativo

Francisco de Salles Cintra Gomes¹

Gabrielli Felix Fernandes²

Isabela Russo Fuckner³

Yago Tiburtino da Silva⁴

Resumo

O objetivo deste artigo é ressaltar algumas das ações de extensão desenvolvidas por alunos para o público sênior. A participação na extensão tem promovido a socialização de ideias e de resultados, gerando novas alternativas de inovação para uma vida melhor. Neste artigo, estão presentes algumas das ações de extensão realizadas no Vitalità, Centro de Envelhecimento e Longevidade, da PUC-Campinas, para o público sênior. Na metodologia, estão as reuniões presenciais de orientação e as oficinas periódicas com o público-alvo. Alternativas foram apresentadas e soluções foram desenvolvidas com vistas à qualidade de vida. Nos resultados e na discussão, são comentadas algumas das ações realizadas no Projeto de Extensão e as alternativas propostas. Nas considerações finais, são apontados os ganhos para os alunos e para o público sênior decorrentes das ações de intervenção.

Palavras-chave:

**Extensão
Universitária;
Público Sênior;
Projetos de
Extensão.**

¹ Docente Extensionista da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Engenheiro Eletricista, Mestre em Engenharia Elétrica, Faculdade de Engenharia Elétrica. Participa do Programa Institucional Vitalità. E-mail: salles@puc-campinas.edu.br

² Discente do curso de Engenharia Biomédica da PUC-Campinas, aluna bolsista de Extensão. Participa do Programa Institucional Vitalità. E-mail: gabrielli.ff@puccampinas.edu.br.

³ Discente do curso de Engenharia Biomédica da PUC-Campinas, aluna voluntária de Extensão. Participa do Programa Institucional Vitalità. E-mail: Isabelarf@puccampinas.edu.br

⁴ Discente do curso de Engenharia Elétrica da PUC-Campinas, aluno voluntário de Extensão. Participa do Programa Institucional Vitalità. E-mail: yago.ts@puccampinas.edu.br.

Introdução

A população idosa no Brasil, com 60 anos ou mais, chegou a 32,1 milhões de pessoas, representando 15,8% da população, segundo o Censo de 2022 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Trata-se de um aumento de 56% em relação a 2010, quando eram de 20,5 milhões de pessoas, representando 10,8% da população (MDHC, 2024).

A longevidade da população tem se tornado uma das grandes preocupações da universidade. Nos programas institucionais da PUC-Campinas, está presente o Vitalità, Centro de Envelhecimento e Longevidade, criado em 2020, que está voltado ao público sênior e que, por meio do diálogo permanente, vem realizando trabalhos de expressivo valor para a sociedade. Por outro lado, os projetos de extensão universitária têm colaborado e reforçado fortemente as ações intervencionistas em muitas comunidades.

No biênio 2024-2025, um dos projetos de extensão que está sendo desenvolvido considera a tecnologia para o público sênior como eixo temático, com uma proposta de ação e de intervenção que está vinculada a um dos Programas Institucionais da PUC-Campinas, que é sobre longevidade, e que poderá gerar uma força transformadora na vida do público sênior ao proporcionar melhores condições para uma vida saudável nas dimensões física, social e mental. Soluções inovadoras e de tecnologias podem melhorar significativamente a vida das pessoas com alternativas que favoreçam e melhorem a autonomia e a independência.

Os projetos de extensão têm colaborado para a abertura de um grande caminho para a participação dos alunos e dos professores na Extensão Universitária. Os projetos de extensão são como “uma via de mão-dupla” entre universidade e sociedade ao possibilitar que o saber acadêmico e o saber popular se encontrem (GADOTTI, 2017).



As ações de extensão se destacam pela importância do desenvolvimento da autonomia dos participantes. A possibilidade de um aprendizado mútuo estimula o surgimento de novas soluções e de aplicações de conhecimentos frutos da pesquisa, do ensino e da extensão que são realizados na universidade.

Os alunos universitários participam, de forma autônoma, com a possibilidade de entrarem ou de saírem dos projetos a qualquer momento. A dinâmica dos projetos de extensão se dá com a realização de reuniões semanais de orientação com os alunos para a preparação das atividades e dos materiais. Com o público-alvo, são realizadas rodas de conversa ou oficinas periódicas para que, por meio do processo dialógico, sejam encontradas alternativas para melhores condições de vida da comunidade.

Os Projetos de Extensão da Pontifícia Universidade Católica de Campinas são realizados em conjunto com a Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão e contam a participação das comunidades parceiras.

Projeto de extensão voltada à tecnologia para o público sênior



O projeto de extensão, voltado à tecnologia para o público sênior, conta com a participação de alunos e de um professor coordenador. A presença dos estudantes nos vários projetos de extensão da universidade contribui para o cumprimento da missão institucional da PUC-Campinas quanto à formação integral da pessoa humana e à construção de uma sociedade justa e solidária. Os alunos vivenciam outras realidades além da sala de aula e, com isso, desenvolvem maior consciência social. Esses alunos contribuem, hoje, com sua participação e, no futuro, terão condições para desenvolver muitas outras ações, por iniciativa própria, para a sociedade.

Os alunos se conscientizam que o conhecimento produzido pode servir à sociedade ou para a comunidade, ao mesmo tempo em que desperta clareza para as questões sociais. Os alunos veem que “nos

tornamos capazes de intervir na realidade” (FREIRE, 2004, p.46).

O projeto conta um plano de ações com objetivos claros das atividades que serão desenvolvidas juntamente com a comunidade parceira e com a participação dos alunos (PUC-CAMPINAS, 2025). A participação do aluno na extensão dá condições de “contribuir na construção de pessoas humanizadas, profissionais competentes, éticos e comprometidos com sua sociedade” (ALMEIDA, 2015).

Metodologia

O Trabalho de Extensão que está sendo desenvolvido se caracteriza pela intervenção na comunidade e pelo diálogo, presente nas oficinas, para melhores condições de vida. A presença dos alunos é fundamental para enriquecer o trabalho de extensão nas oficinas e nas demais ações extensionistas. A metodologia do trabalho de extensão possui um plano detalhado de atividades, com cronograma no qual são consideradas as oficinas, as reuniões de orientação e outras ações. A flexibilidade é importante para adequar os melhores momentos com o público sênior.

A organização e a participação continuada dos estudantes contribuem para uma melhor disseminação de informações e de conhecimentos para o público sênior e para os alunos.

O público alvo do projeto de extensão conta com a participação de pessoas com mais de 60 anos, público 60+ ou público sênior, ligados ao Vitalità da PUC–Campinas (VITALITA, 2025). As ações normalmente são realizadas no Vitalità, Centro de Envelhecimento e Longevidade da PUC–Campinas, que articula parcerias para projetos de inovação, criação de tecnologias e ações de promoção do envelhecimento ativo que atendam às necessidades do público sênior e estimulem a cultura do convívio e solidariedade intergeracional.

As ações continuadas da extensão têm um leque de atuações, como: oficinas periódicas, materiais informativos de apoio à autonomia, melhorias para a comunidade e o uso de redes sociais, o que amplia o conhecimento conjunto adquirido. Entende-se, por exemplo, que para uma oficina presencial com 30 participantes do público sênior, a participação de 10 ou mais alunos poderá estar adequada desde que eles saibam como poderão contribuir ou atuar. Muitos deles que participam querem fazer algo prático desde o primeiro momento, outros querem ver o que será realizado e aos poucos vão crescendo

em participação.

Na metodologia está presente a interação dialógica com a comunidade que, por meio do diálogo nas rodas de conversa, favorece a busca de alternativas para melhorar a qualidade de vida da comunidade e de cada um dos participantes. A extensão oferece aos alunos participantes, bolsistas e voluntários oportunidades para vivenciar diferentes realidades.

Tecnologia e o público sênior

No campo da tecnologia e da inovação, o público jovem tem mais facilidade para se adequar às novidades e, nesse sentido, tem mais condições de contribuir para com o público sênior que, na maioria das vezes, apresenta certa dificuldade. Sendo assim, a participação dos alunos na extensão para a elaboração de materiais informativos é oportuna, considerando que as dificuldades vivenciadas nas oficinas e as soluções conjuntas obtidas dão condições para a criação de conteúdos direcionados para gerar autonomia ao público sênior. Neste aspecto, a participação dos alunos tem grande valor e tem possibilitado que surjam novas oficinas com especificidades próprias.

A participação dos alunos sempre é bem-vinda na Extensão, em particular as pessoas do público sênior que têm muito apreço pelos alunos e, de certa forma, querem aprender com eles. A metodologia básica considera os temas a serem tratados e a preparação para as oficinas com o público sênior. A partir das oficinas, são elaborados os materiais informativos e os demais materiais de apoio. As ideias apresentadas pelos alunos se tornam processos ou produtos que poderão ser desenvolvidos a partir do próprio conhecimento e de estudos. Com isso, a participação dos alunos tem contribuído e tem proporcionado diferencial nas ações da extensão.

A tecnologia desempenha um papel crucial na minimização de riscos de acidentes, proporcionando maior segurança e independência. A adaptação das residências para o público sênior é essencial para garantir segurança e bem-estar. Por exemplo, sistemas de alertas de voz que informam quando o chão do banheiro está molhado tornam a

vida mais segura e reduzem os riscos de quedas.

A tecnologia pode melhorar a qualidade de vida e promover a autoestima e facilitar o desenvolvimento de novas habilidades: por exemplo, os smartphones têm contribuído para uma vida mais ativa e social para o público sênior por meio de aplicativos de mensagens, videochamadas e outras funcionalidades.

Atualmente, muitos idosos utilizam smartphones com facilidade para conversar com amigos e familiares, o que torna sua vida mais ativa e saudável e além de melhorar a comunicação, esses dispositivos promovem a inclusão digital, permitindo que acessem informações e serviços on-line com maior autonomia.

Ações realizadas e resultados

O objetivo do projeto de extensão é melhorar a qualidade de vida para as pessoas por meio do levantamento das suas reais necessidades. Esta ação desenvolvida possibilita que o aluno participante se torne consciente de que o conhecimento produzido pode servir à sociedade (FERNANDES, 2011). Essa parceria entre extensão e comunidade colabora fortemente para a transformação social.

Os alunos participantes na extensão que estudam engenharia têm buscado alternativas a partir de dispositivos ou de soluções existentes no mercado e, diante das questões apontadas, também buscam possibilidades através do conhecimento acadêmico que podem levar a criação de algo novo.

Os alunos têm realizado rodas de conversa ou oficinas com o público sênior para utilizar smartphone para lembretes de horários. A partir das oficinas, os alunos desenvolveram materiais explicativos simples para apoiar a autonomia do público sênior e, além disso, foi elaborado um artigo – Dispositivos Eletrônicos e os Horários de Medicação – para um congresso universitário. Nesse artigo, os alunos, além de relatar os aprendizados decorrentes das rodas de conversa, apresentam um pequeno questionário respondido por conhecidos,



jovens e pessoas com mais de 60 anos, e constatou-se que tanto os jovens quanto os idosos utilizam, de modo habitual, os smartphones para lembretes de horários; os jovens um pouco mais. Outra constatação foi que os aplicativos voltados à administração da medicação têm destaque para o público jovem, no entanto, o público sênior prefere o aplicativo de fábrica do smartphone devido a sua simplicidade intuitiva e a sua facilidade. Como curiosidade, o uso do relógio despertador de cabeceira para acordar está mais presente no público sênior.

Nas oficinas, sob o viés da tecnologia, os alunos reforçam a importância da automatização das casas com dispositivos “smart” utilizados em casas inteligentes que promovam e que possibilitem melhores condições de autonomia e de independência ao público sênior.

As casas adaptadas, respeitando o estilo de vida próprio do público sênior, podem gerar alternativas que favoreçam a segurança e, com isso, poderão fomentar um impacto social positivo. Tecnologias e serviços simples têm valor para o público sênior e podem dar conforto, por exemplo, ao saber que as portas da residência estão fechadas ou avisar se uma janela está aberta quando começa a chover.

A título de demonstração, os alunos têm o costume de levar nas oficinas alguns dispositivos simples de tecnologias, como por exemplo, controles remotos que acionam luzes da casa ou sistemas eletrônicos capazes de enviar mensagens para os celulares.

Os materiais informativos têm papel importante e facilitador. A produção conjunta de materiais informativos, como vídeos, cartilhas e outros, possibilita autonomia e dá maior abrangência para o conhecimento adquirido.

A comunicação e a sociabilidade são importantes e têm destaque nas oficinas. As tecnologias auxiliam na comunicação e podem melhorar a sociabilidade e a autoestima tendo em conta que muitos idosos moram sozinhos ou ficam sozinhos por um período de tempo; outras tecnologias podem dar condições para melhorar a vida do público sênior e auxiliar no envelhecimento saudável e ativo.

Ganha destaque nos diálogos com o público sênior a “casa segura”, que se manifesta na preocupação de se evitar quedas e no desejo de ter



algo fácil para um pedido de socorro caso aconteça algum imprevisto.

Os alunos buscaram alternativas que pudessem dar maior segurança e encontraram vários dispositivos com tecnologia além das tradicionais. Uma delas é uma luz noturna, uma vez que muitos do público sênior comentaram que se levantam habitualmente de madrugada para algum cuidado pessoal e acabam despertando. A luz noturna com pouca intensidade é acionada pelo movimento e poderá auxiliar para evitar quedas e facilitar a retomada do sono. Outros relataram nas oficinas que um botão físico no celular para envio de uma mensagem para pessoas próximas tem relevância em situações de emergência.

Figura 1

Dispositivos presentes nas oficinas dialogadas



Luz noturna com sensor de movimento



**Botão de socorro via controle remoto
Alerta sonoro com mensagem para
smartphone**

Na Figura 1, estão dois dispositivos propostos pelos alunos para promover bem-estar e segurança ao público sênior: o primeiro é a “luz noturna com sensor de movimento” e o segundo é “um botão de alerta sonoro que envia mensagem para smartphone”; este botão de alerta pode ser um botão de controle remoto preso na roupa ou pode estar num colar. O dispositivo de mensagem apresentado na Figura 1 funciona com Wi-Fi e a configuração da mensagem para smartphone é feita a partir do aplicativo do fabricante.

Considerações Finais

A extensão tem proporcionado aos alunos um melhor desenvolvimento integral, acadêmico e social. As oficinas, mediadas pelo diálogo, têm possibilitado a vivência além da sala de aula e colocado os alunos diante da realidade do público sênior. As rodas de conversa têm promovido desenvoltura para os alunos e para os participantes. Artigos desenvolvidos pelos alunos reforçam que a atuação dos mesmos pode ir muito além daquela comunidade, possibilitando que os conhecimentos e as experiências adquiridas cheguem a outros públicos.

A visão inicial do aluno de engenharia com viés tecnicista para as soluções é aperfeiçoada pela capacidade de interagir através do diálogo. A participação dos alunos nas ações da extensão exige esforço para conciliar as demais atividades acadêmicas, mas com o andamento do curso, o aluno ganha autoconfiança diante de novas situações desafiadoras e o diálogo, próprio da extensão e que permeia as rodas de conversa, vai se tornando presente na vida dos discentes e, com isso, se tornam capazes de intervir na realidade. O público sênior tem admiração pelos alunos, interage e demonstra forte interesse pelo conhecimento que é exposto por eles. Os dispositivos e as soluções apresentados pelos alunos são muito valorizados pelo público sênior.

A extensão transforma a sociedade e também transforma os alunos na futura atuação profissional.

Referências

ALMEIDA, L. P. **A extensão universitária no brasil:** processos de aprendizagem a partir da experiência e do sentido. 2015. Disponível em: <https://www.unilim.fr/dire/692>. Acesso em: 22 abr. 2025.

FERNANDES, M. A. **Trabalho Comunitário: Uma Metodologia para Ação Coletiva e educativa da Extensão Universitária em Comunidades.**

In: MENEZES,

Ana Luisa Teixeira; SÍVERES, Luiz. Transcendendo Fronteiras a Contribuição

da Extensão das Instituições Comunitárias de Ensino Superior (ICES). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. p. 138–158.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia.** 30. ed. São Paulo: Paz na Terra, 2004.

GADOTTI, M. **Extensão Universitária: para quê?** In: Instituto Paulo Freire. São Paulo, 15 fev. 2017. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/proexc/images/curriculariza>

%C3%A7%C3%A3o/biblioteca/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_Para_qu%C3%A A_Moacir_Gadotti.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2025.

PUC-CAMPINAS. **Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Missão da Universidade.** Disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/projetos-de-extensao/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

Ateliê de práticas participativas e estratégias de ação conjunta para o Campo Belo, Campinas.

Claudio Manetti¹

Fabio Boretti Netto de Araujo²

Bianca Prado³

Carolina Brigagão Afonso dos Santos⁴

Resumo

Palavras-chave:

Urbanismo participativo; diagnóstico urbano; projetos de extensão.

O Ateliê pretende estabelecer vínculos que permitam a troca de saberes entre bolsistas de Extensão, alunos de Graduação e líderes comunitários do território estudado, previamente convidados e apresentados ao exercício proposto, para realizarem, coletivamente, um diagnóstico dos espaços urbanos de uso público para que estratégias de intervenção possam ser coletivamente definidas.

¹ Docente Pesquisador e Responsável pelo ProHabitat , PUC-Campinas

² Docente Extensionista do ProHabitat , PUC-Campinas.

³ Discente bolsista de extensão, ProHabitat, PUC-Campinas.

⁴ Discente voluntária de Extensão, ProHabitat, PUC-Campinas.

Introdução

O território denominado de “Campo Belo”, onde vários programas institucionais têm efetivado ações de pesquisa e extensão universitária pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, localiza-se na região sul do município de Campinas, compreendendo um agrupamento urbano de aproximadamente 20 bairros, situados na Região Administrativa “São Domingos”, conforme Plano Diretor de 2018, fazendo parte da Grande Macrozona denominada “MACROMETROPOLITANA”.

Com aproximadamente 55.000 habitantes em uma região de aproximadamente 7km², conforme dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, esse território caracteriza-se por uma urbanização fragmentada, que se iniciou com parcelamento preliminar nos anos de 1950, parcamente ocupada até meados dos anos 1970, quando a expansão do Aeroporto de Viracopos estimulou o adensamento populacional intensificado nos anos 1990, de forma desordenada e marcada por imensa fragilidade social.

Apenas nos primeiros anos da década de 2000, iniciou-se o processo de regularização fundiária e a construção de infraestrutura de saneamento básico na região.

Passados cerca de 30 anos do rápido crescimento desordenado, o compartimento sul e sudoeste campineiro se intensificou como um vetor de grandes concentrações urbanas sem, no entanto, acumular infraestruturas e condições de equidade, ao contrário dos vetores norte e leste municipal. O Campo Belo (Setor Administrativo São Domingos) e demais bairros circunvizinhos de Viracopos apresentam precariedades evidentes pela fragmentação urbana causada pelas barreiras rodoviárias e fluviais, estrutura fundiária (nas franjas entre o urbano e o rural), redes viárias internas sem pavimentação e sob as pressões da drenagem, moradias com graves problemas físicos

e de insalubridade, ausência de espaços públicos de qualidade, dificuldades de mobilidade pedonal, além da influência do tráfego.

Poderíamos descrever este território sob esta ótica, onde a carência de urbanidade, de espaços públicos e de moradia com o mínimo de qualidade os caracteriza assim como, tristemente, inúmeros outros territórios excluídos do desenvolvimento urbano equânime e justo que crescem no território nacional. Fato que, mesmo evidente aos olhos de quem estuda e pontua determinadas características físicas e urbanas do território, definitivamente não qualifica os resilientes moradores que bravamente, ao longo de três décadas, lutam por melhorias da região.

Uma população miscigenada, oriunda de várias regiões também fragilizadas do território nacional, que batalha por direitos e melhorias organiza-se e estabelece vínculos de afeto e apoio capazes de reduzir tamanho abandono e apagamento.

A aproximação da Universidade, através dos Programas Institucionais aos territórios fragilizados como o Campo Belo, busca compreender essa condição para dialogar com as formas de enfrentamento das precariedades do lugar, quem sabe até encontrando possibilidades de redução deste descompasso de desigualdade ao fazer com que pequenas ações, circunscritas à escala que a extensão universitária é capaz de estabelecer, possam amplificar a voz dos moradores que tanto precisam fazê-lo.

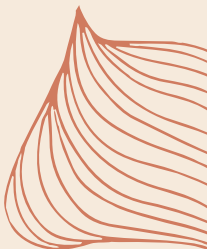
O Pro-Habitat, programa que predica trabalhar com parceiros externos, sejam técnicos de prefeituras ou agentes transformadores de territórios como líderes e associações de moradores, através dos docentes responsáveis, bolsistas extensionistas e alunos voluntários pretende, através deste ateliê, conectar estudantes de arquitetura e urbanismo aos líderes comunitários em prol de um diagnóstico físico e social do território e imaginar ações e pequenas intervenções urbanísticas, arquitetônicas e paisagísticas de diferentes prazos e

recursos necessários originando, assim, uma espécie de panorama geral que poderá, no futuro, criar planos estratégicos de desenvolvimento local compartilhado com a população residente.

Ações que, dentro das possibilidades que a extensão



universitária consegue estabelecer, estimulem e capacitem, em uma dialógica relação entre academia e lideranças comunitárias, que possam estimular a participação dos demais moradores, ampliando a rede de colaboração e fomentando grupos organizados capazes de amplificar a voz do território e que aproximem estudantes de arquitetura e urbanismo aos problemas enfrentados pelos territórios urbanos fragilizados, enriquecendo a formação técnica e, sobretudo, cidadã de futuros planejadores e pesquisadores da cidade contemporânea.



Justificativa

Reduzir a distância entre a cidade real e a idealizada por planos hierárquicos (ou, neste caso, em especial, a ausência de qualquer plano de cidade) e pensar uma forma de refletir sobre a cidade e o direito à cidade de forma comunitária e colaborativa, com impacto e inovação social, pode potencializar o desenvolvimento de comunidades democráticas e inclusivas e, sobretudo, capazes de pleitear direitos e acesso aos recursos necessários para melhorias urbanas e habitacionais.

A ideia da participação popular nas decisões de planejamento e desenho urbano não é nova. Experiências urbanas realizadas nas décadas de 1980 e 90, que valorizavam trocas participativas para a definição de orçamento público em Belo Horizonte e Porto Alegre, por exemplo, estruturaram o Estatuto da Cidade, de 2001, que define a participação social como ferramenta essencial para a consolidação de planos diretores e definição de políticas públicas.

Destacamos, por fim, o valor da Extensão na missão da Universidade em construir laços fraternos em busca de uma sociedade mais justa e equânime, estimulando pesquisa e transformando o ensino de modo a aproximá-lo das reais circunstâncias das cidades brasileiras.

Objetivos

A proposta deste ateliê de extensão deve propiciar a troca entre saberes acadêmicos e técnicos transmitidos nos componentes pedagógicos das faculdades e os saberes coletivos oriundos das experiências vividas no território pelos seus moradores e, sobretudo, pelas

diversas formas de luta por conquistas de melhorias, por meio das formações de redes de apoio comunitária. Essa vertente fundante da formação de pensadores mora nas atividades extensionistas e destaca-se como principal objetivo deste ateliê de extensão.

Para tanto, deve-se desenvolver um atento diagnóstico das demandas territoriais e sociais para que as estratégias sejam assim desenhadas como respostas precisas e viáveis, tanto ao prazo quanto aos recursos que dispõem os envolvidos.

Estabelecer uma relação dialógica entre os discentes e as lideranças comunitárias para que melhorias urbanas possam ser idealizadas e ações estratégicas para diferentes agrupamentos sociais possam ser pensadas coletivamente, utilizando-se das corretas ferramentas e recursos do próprio território para intervenções a curto ou médio prazo, ou criando estratégias de parceiras para intervenções a longo prazo ou com recursos provenientes de eventuais parceiras com outros setores econômicos da região.

Ressaltamos, no entanto, que em uma relação de estímulo e resposta, característico da ação extensionista entre academia e território externo, por vezes uma estratégia previamente construída e estruturada, pode se transformar e adaptar às circunstâncias do próprio ateliê proposto. São as surpresas do diálogo!

As descobertas resultantes desta etapa de diagnóstico podem orientar caminhos até então não previstos, redirecionando o percurso sem, contudo, reduzir o impacto desta interface entre saberes.



A construção de estratégias de intervenção poderá ampliar conexões no território de estudo, aproximando pessoas e interesses, amplificando vozes e conectando “expertises”.

Conquistar tais objetivos, fomentando a ampliação gradual de quadros de lideranças comunitárias locais e sensibilizando estudantes às questões enfrentadas nos tecidos fragilizados nos trará subsídios para qualificar e avaliar o impacto desta atividade extensionista.

Para a realização deste ateliê e com objetivo de estabelecer um diagnóstico das demandas do território, faz-se necessário a utilização de um grande mapa base com indicação de equipamentos referenciais do entorno urbano, além do espaço físico capaz de abrigar rodas de diálogo e trabalho em equipe, onde população e alunos estabeleçam trocas necessárias para a consolidação do trabalho.

Público - alvo

Dois grupos se apresentam como “público-alvo” para a consolidação deste Ateliê de Extensão:

Escolas e Faculdades: alunos de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Ambiental, Geografia, Direito e demais faculdades com interface às questões relacionadas ao território urbano. Imagina-se que estudantes extensionistas e de iniciação científica dos demais Programas Institucionais poderiam contribuir imensamente na leitura das demandas do território estudado, com um olhar complementar aos graduandos acima citados. Esta troca de saberes, que caracteriza a leitura do tecido urbano, poderá enriquecer a atividade e ampliar parcerias e novos arranjos institucionais entre Programas;

Lideranças comunitárias: que possam dividir experiências reais vividas cotidianamente no território. Deste modo, a construção de estratégias pactuam com as reais demandas dos grupos sociais que pretendemos sensibilizar.

Propõe-se uma instância democrática e aberta à troca de saberes coletivos, podendo estabelecer lastros necessários para a consolidação de propostas. Para tanto, sugere-se a utilização da “Casa da Orosimbo” como espaço de trabalho.

Carto(grafias): uma compreensão da rua como território na percepção do SOS Rua, Campinas-SP

Vera Lúcia dos Santos Placido¹

Rodrigo da Costa Joaquim²

Caroline Carvalho Pitanga da Silva³

Caroline Alves Gomes Carneiro⁴

Mabylle Desireé Vieira Teixeira⁵

Mateus Andrade Antezanac⁶

Valquíria Cravo da Costa⁷

Resumo

A vida na sociedade moderna pressupõe alguns equipamentos urbanos que simbolizam o nível de desenvolvimento econômico e social. Um desses equipamentos são as ruas; por elas, transitamos cotidianamente e nelas também assistimos diversas manifestações artísticas, culturais, sociais e políticas. Assim, elas são o lócus da transitoriedade social e qualquer forma de fixidez, certamente, exige planejamento e determinação do “lugar” apropriado para ocorrer, como é o caso das feiras, lojas comerciais, escritórios e outros serviços permanentes. Nesse contexto, como pensar a vida de milhares de pessoas que vivem em situação de rua? Que outras ruas existem para além das que transitamos? Como profissionais que estão na linha de frente com essa população percebem a rua como espaço de vida? Como, a partir destas informações, podemos melhorar as políticas públicas existentes? Essas e outras questões são abordadas ao longo deste texto, que retrata uma experiência extensionista desenvolvida com o SOS Rua, na cidade de Campinas, SP.

Palavras-chave:

**Cartografia Social,
Rua e Entre
Ruas, Território,
Cidadania.**

¹ Docente Extensionista desenvolvendo o projeto intitulado: “Entre ruas e espacialidades: pessoas em situação de rua em Campinas” – biênio 2024-2026. Gerente de Extensão junto a Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão – PUC-Campinas

² Bolsista de Extensão, Faculdade de Geografia. Plano de extensão intitulado: O lugar vivido no “entre ruas”: diagnóstico, ação e proposição.

³ Discente Voluntária de Extensão – Faculdade de Geografia

⁴ Discente Voluntária de Extensão – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

⁵ Discente Voluntária de Extensão – Faculdade de Geografia

⁶ Discente Voluntário de Extensão – Faculdade de Ciências de Dados

⁷ Discente Voluntária de Extensão – Faculdade de Geografia

Introdução

O século XXI está sendo conhecido por nos trazer perspectivas jamais imaginadas em tempos anteriores, como a possibilidade de termos outras formas de inteligência coabitando o planeta, como a Inteligência Artificial (IA) e todos os avanços que ela representa. Olhando para esse prisma, seria fácil para uma pessoa mais encantada com o desenvolvimento tecnológico afirmar que o mundo será regido por tecnologias e por uma comunicação digital. Desta forma, relações seriam estabelecidas a partir do entendimento de tecnologias, sistemas e modelagens da nossa realidade.

Estendendo essa compreensão para a cartografia, como não a alinhar ao mundo das imagens, da rapidez, dos softwares avançados, da instantaneidade do tempo via diversos e robustos banco de dados? Esse alinhamento é praticamente natural e, posicionando a sua trajetória como técnica, se espera que, cada vez mais, os mapas continuem a ser produzidos a partir de conteúdos específicos, compreendidos a partir de procedimentos metodológicos dominados por determinadas áreas do conhecimento. Estes conteúdos serão determinantes para a tomada de decisão dos gestores, de todos os setores da sociedade.

Mas, do ponto de vista espacial, a elaboração de um mapa não deve almejar “apenas” a espacialização dos dados quantitativos, já que dados qualitativos também são fundamentais para se planejar novas possibilidades de gestão; são indutores de novas percepções e, neste sentido, devem balizar as decisões, complementando os dados estatísticos.

Nesta perspectiva, compreendemos os mapas como instrumentos base para a análise espacial, partindo do pressuposto que a vida em sociedade acontece em um palco com recorte tempo/ espaço bem-posicionado. Se partimos desse pilar, qualquer debate



e compreensão acerca da sociedade nos cobra um conhecimento de como ela se espacializa; em outras palavras, como ela se relaciona com o tempo/espaço, sendo também produtora de (Geo)grafias. Mas, é importante destacar que esta produção se inicia no plano dos sujeitos sociais, ou seja, primeiro se centra na percepção do indivíduo e nas diferentes condutas que desenvolverá a partir dessas percepções. Como nos diz Eric Dardel (1990), ao nos lembrar que a condição humana supõe um espaço, um conjunto de relações e trocas, de direções e distâncias que vão condicionar, de algum modo, o lugar da nossa existência.

Ao sermos produtores de (Geo)grafias, ou seja, de uma compreensão muito própria dos espaços em que experienciamos diferentes sensações e percepções a partir das nossas funções e atividades, analogamente, também organizamos territórios a partir dessas relações mais íntimas. Esse indicativo é o que sustenta o projeto de extensão apresentado para ser executado no biênio 2024-2026, intitulado “Entre ruas e espacialidades: pessoas em situação de rua em Campinas”, ancorado no Programa Institucional Desenvolvimento Humano e Integral – Levante-te e Anda.

Entre os objetivos principais desse projeto, destacam-se:

- Compreender os moradores em situação de rua como sujeitos sociais e espaciais, identificando-os no tempo e no espaço;
- Constituir um banco de dados qualitativos a respeito da população em situação de rua na cidade de Campinas;
- Contribuir diretamente com o fomento para políticas públicas mais assertivas para os moradores em situação de rua;
- Elaborar mapas a partir de informações coletadas nas entrevistas, questionários semiestruturados e nas histórias orais;
- Divulgar os resultados obtidos em diferentes canais, visando minimizar os vários estereótipos que envolvem as pessoas em situação de rua.

Esses objetivos foram delineados a partir do conhecimento de que, estatisticamente, a população em situação de rua cresce a cada ano no nosso país. Numa primeira vista, este fato se deve às constantes crises econômicas além, obviamente, de governos variáveis em suas





políticas públicas. A depender da ideologia partidária que assume o poder, o Estado oscila nas abordagens do bem-estar social ao neoliberalismo escrachado. No entanto, sabemos que há um pano de fundo, diretamente relacionado à história territorial do nosso país que é, para a sociedade brasileira, como uma verdadeira ferida – estamos nos referindo à formação e organização do nosso território. Esses processos estão pautados desde sempre na mesma lógica – crescimento desordenado das cidades – periferização – migração interna. Este tripé move a organização do território que, sob ele impõe outra lógica: a de uma globalização perversa, à luz do pensamento de Milton Santos (2007). Esta, por sua vez, privilegia os desejos do capital voraz que circula por diferentes territórios sem se importar e se comprometer eticamente com nenhum; o que a move é o lucro mesmo que, para isso, milhares de vidas fiquem à margem do desenvolvimento.

É claro que descrevemos acima uma leitura de certa forma “rasa” a respeito de como essas duas dinâmicas se encontram: na base, a vida humana, suas percepções e a sua organização em sociedade; acima, os proclames do capital e a tomada de decisão a respeito da especialização dos lugares. Alguns se tornam mais competitivos, tecnológicos e à frente do tempo; outros, mais lentos, com poucas oportunidades e exportadores de pessoas que migram ao sabor da economia, já que são instigadas a procurar, per si, melhores condições de vida.

Tem-se aí uma das chaves para se compreender a desigualdade social que assola o nosso país e que, infelizmente, é visível a olhos nus nas cidades. Se, de um lado, temos o desenvolvimento econômico e as suas vantagens sentidas e vividas por poucos grupos sociais, de outro, vidas humanas à deriva, como a nos mostrar que precisamos fazer muito para que outros valores também entrem nesta balança, como a equidade, a justiça social e a solidariedade entre a diversidade dos povos.

O problema se impõe à medida que esses dois mundos estão cada vez mais próximos. Mesmo que as pessoas mais abastadas decidam morar em condomínios fechados, elas precisam acessar a cidade como um todo, uma vez que isso é um meio para a manutenção



de suas riquezas. Ao acessarem a cidade, deparam-se com a exclusão em todos os níveis e com pessoas que simplesmente não têm moradia. A sua morada é a rua.

A rua, por ser de todos, não revela ninguém. Ela revela coisas, materialidades: lojas, comércios, outdoors, instituições, bancos, carros, dentre outros. Nas ruas, não vemos as pessoas, mas o que elas carregam e/ou usam. Neste contexto, como promover a cidadania?

Acreditamos que, o primeiro passo seja revelar o que nos aproxima enquanto seres humanos. Algumas características são exclusivas: todos possuímos uma história espacial e uma geografia peculiar: onde nascemos, as qualidades e fragilidades dos lugares que dotamos de valores afetivos, as perspectivas que vislumbramos, as potencialidades percebidas, dentre outras dimensões próprias da vida humana em sociedade, como nos apontaram, em diferentes perspectivas, Relph (1979), Tuan (1983), Holzer (1996), Dardel (2011), Serpa (2019). A essas dimensões chamamos de espacialidade e a sua compreensão implica em entendermos, com maior clareza, como se dão as relações sociais no cotidiano e como, a partir delas, podemos elaborar nossa compreensão de cidadania.

Em outras palavras, precisamos compreender o cotidiano de quem lida com a rua como meio e modo de vida para milhares de pessoas, ou seja, para além de se caracterizar como um não-lugar, dialeticamente, as ruas são também lugar e território. Como avaliam as suas experiências? O que entendem por violência? O que mudariam nas ruas da cidade? O que desejam para o futuro? Essas questões são importantes indicativos para entendermos a cidade, em diferentes escalas, por diferentes sujeitos sociais. Com essas questões em tela e com a aproximação com o SOS-Rua⁸ – parceiro direto do projeto de extensão conduzido pela docente e grupos de discentes envolvidos –, definiu-se como ponto de partida para se compreender a rua como território com o desenvolvimento de uma cartografia social com esses profissionais responsáveis pela abordagem da população adulta em



⁸ Serviço especializado em abordagem social adulto. Programa de parceria entre a Associação Conélia Vlieg e a Secretaria Municipal de Assistência Social.

situação de rua, em Campinas. Esse recorte nos colocará em contato com outras representações espaciais da cidade e, certamente, nos permitirá entender como diferentes políticas públicas são fundamentais para a garantia de direitos e para a elaboração de um desenvolvimento que seja humano e integral.

Metodologia

O desenvolvimento do projeto de extensão assenta-se nos pressupostos da cartografia social que, como metodologia, entende que os mapas sociais são representações do espaço, realizados pelas pessoas que ocupam um território, nos quais apresentam a forma como vivem e trabalham os espaços simbólicos e afetivos (ACSELRAD, 2013). Na cartografia social, as comunidades e os grupos sociais envolvidos representam o mundo vivido a seu modo. Para tanto, o método utilizado na produção dos mapas baseia-se nos pressupostos da Fenomenologia que, em linhas gerais, preconiza que todo fenômeno deve ser entendido em si mesmo e a sua manifestação deve ser compreendida no tempo e no espaço. Desta forma, a fenomenologia não nega a percepção, pelo contrário, parte dela para compreender o fenômeno na sua totalidade.

Compreendendo o território como uma totalidade vivida que se apresenta em diversos fenômenos e fatos que se justapõem, os mapas elaborados por grupos sociais vão representar suas realidades territoriais, inseridas no cotidiano vivido.

O processo de construção da Cartografia Social inicia-se, segundo Silva (2012, p. 7), mediante a efetivação de alguns questionamentos: por que e para que fazer um mapa? Quais as intenções e intencionalidade? Por que divulgar e como divulgar?

Assim, o mapa social só existe a partir da participação efetiva e incondicional do grupo. Nesse aspecto, não há como produzir mapas coletivos ignorando os métodos participativos de transferência de tecnologia e do conhecimento científico (GORAYEB; MEIRELES, 2014).

Os pressupostos acima arrolados não devem ser entendidos como se fossem uma “camisa de força”, pelo contrário, são norteadores na produção cartográfica que privilegia dimensões qualitativas como: afetividade e vínculos, experiências e vivências, as mais diversas.

Assim, as oficinas da cartografia social com o SOS Rua tem como principal objetivo mapear as percepções dos profissionais que atuam na abordagem da população adulta em situação de rua, em todas as regiões de Campinas. Como percebem o espaço geográfico da cidade, sendo também território? Que violências identificam? Entende-se essas questões como fundamentais para materializar as suas preocupações e os vários dilemas percebidos por eles na execução de um trabalho que não se restringe à assistência social enquanto o exercer de uma política, mais que isso: ela se posiciona como a garantia do direito e dignidade da vida humana.

Os encontros acontecem, em média, a cada mês, e têm em torno de duas horas de atividade. A partir do mapa mudo da cidade de Campinas, os profissionais indicam os elementos e os fatos importantes percebidos e vivenciados por eles. No próximo encontro, o mapa apresentado traz as informações mencionadas anteriormente e, novamente, novos dados podem ser acrescentados. Esta lógica de elaboração de um mapa a partir do espaço dialógico do qual todos participam e se posicionam é a base que fundamenta a cartografia social, já que possibilita a apropriação coletiva da produção. Ao final do processo, quando todos entendem a representação espacial como identitária, ou seja, se veem no resultado obtido, pode se afirmar que a cartografia está validada. Trata-se, então, de uma metodologia qualitativa e processual, pautada na escuta atenta em rodas de conversas, no trabalho coletivo em torno da discussão e elaboração dos mapas e na validação por todos do resultado. Além da validação, também decidem em relação as estratégias para a divulgação e a comunicação de todo o processo.

Ao longo deste ano definiu-se, em conjunto com a equipe SOS Rua, a elaboração de três mapas: “A Rua e Percepções”; “Cartografias das Ausências” e “A rua como possibilidade para a cidadania”.

Até o presente momento, dois mapas estão no processo final de validação, sendo apresentados e discutidos no presente trabalho.

Discussões e resultados

A cartografia social se consubstancia numa metodologia que, por si só, é um grande resultado, isso porque promove a aproximação das pessoas com a sua espacialidade, ou seja, entendem rapidamente que não apenas percebemos os espaços, como também somos produtores dele a partir da nossa percepção. Em outras palavras, não somos seres alienígenas nos espaços; somos seus produtores e organizadores diretos. Quando não temos essa consciência, o espaço geográfico se torna distante, por vezes, pertencendo a uma outra geografia, e isso dificulta nos tornarmos autores da cidadania; somos, neste caso, cidadãos incompletos, como dizia Milton Santos (2007).

Quando as pessoas se debruçam sobre um mapa mundo e, aos poucos, percebem que o seu saber pode e deve ser mapeado, sentem-se seguras e autoras de uma informação única que pode ser utilizada para melhorar, mais ainda, as políticas públicas existentes. Esta dimensão é fundamental para compreendermos o espaço geográfico em diversas proximidades. A cada proximidade, a diferenciação de categorias geográficas que, geralmente, denominamos como sinônimos como exemplo, lugar, região e território, ganha contornos muito próprios e, finalmente, entendemos como cada uma das categorias geográficas se diferencia. Abaixo, alguns registros desses momentos.

Figura 1

Oficina de Cartografia Social- Cartografia – O que percebemos? Junho/2025.



Figura 2

Oficina de Cartografia Social- Cartografia – O que percebemos? Junho/2025.



Figura 3

Oficina de Cartografia Social – Cartografia das Ausências Agosto/2025.



A rua como lugar é, na verdade, um não-lugar. Ela está para a transitoriedade, para o rápido, para o fluído, para as marcas de uma sociedade; não está para a vida em comunidade, para a solidariedade e empatia nem para a proximidade. Este não-lugar tornado lugar para os que vivem sucessivos ciclos de exclusão e violência faz parte de um território no qual vários interesses se encontram, às vezes, de forma conflituosa. O que pode ser feito para que esse território, tornado lugar para alguns, possa ser instrumento para novas lógicas de gestão que permita aos excluídos encontrar outras possibilidades de ser?

Ao discutir a violência com os profissionais que atuam na abordagem da população adulta em situação de rua, ela se materializa em várias ausências: desde ausências de banheiros, de água, de comida, de espaços adequados para a higiene pessoal, até a sinergia de políticas públicas intersetoriais. Essas ausências foram mapeadas em uma cartografia denominada por eles como “cartografia das ausências”. O que essas ausências nos indicam? O que podemos fazer para aprofundar este debate e propormos ações efetivas?

Tem-se aqui indicativos fortes para aprofundarmos o debate a respeito da cidadania e do Direito à cidade, uma vez que acreditamos que esta discussão se coloca como uma primazia para uma sociedade que deve, antes de tudo, conhecer a si mesma. Nesse sentido, qual seria o papel da Universidade e, de forma muito especial, da extensão universitária? Finalizamos com os dizeres da Política Nacional da Extensão Universitária, (2012, p. 19), por acreditarmos na sua potência:

É nesse contexto que a Universidade está desafiada a atuar. Cabe a ela promover a superação da perplexidade, da paralisia teórica e prática, do adesismo e do voluntarismo ingênuo. Enquanto instituição produtora do conhecimento, a Universidade deve oferecer aos governos e aos atores sociais subsídios para as escolhas que precisam ser feitas, os instrumentos científicos de que carecem para intervenções e atuações mais lúcidas e comprometidas com a plena emancipação humana. Instrumentos científicos, sim, mas sustentados por um compromisso ético e pela paixão que impulsiona o engajamento na busca de um mundo melhor.

Referências

ACSELRAD, H. (org.) **Cartografia social, terra e território**. Rio de Janeiro: IPPUR; UFRJ, 2013.

DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FORPROEXT. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012.

GORAYEB, A.; MEIRELES, J. Cartografia social vem se consolidando com instrumento de defesa de direitos. **Rede Mobilizadores**, 10 fev. 2014. Disponível em: <http://www.mobilizadores.org.br/coep/Publico/consultarConteudoGrupo.aspx?TP=V&CODIGO=C20142610482831>.

HOLZER, W. A Geografia humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 8-19, 1996.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 14 ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2007.

SERPA, A. **Por uma geografia dos espaços vividos**: geografia e fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019.

TUAN, Y-F. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

História e extensão: divulgação digital do acervo do instituto Babá Toloji

João Miguel Teixeira de Godoy¹

Paulo Tadao Hiamatu Solimeo²

Valentina Cornacchia²

Mateus Coelho Grimaldi²

Beatriz da Silva Lisboa²

tefany Gotardo Cana²

Julia Alves Dansa²

Resumo

A presente proposta apresenta a produção de materiais digitais como resultado do projeto de extensão vinculado ao acervo do Instituto Cultural Babá Toloji. A iniciativa envolveu alunos e docentes na organização, pesquisa e divulgação da cultura africana e afro-brasileira. Os materiais visam promover educação, valorização do patrimônio e combate a estereótipos culturais.

Palavras-chave:

**Extensão
Universitária;
Cultura Afro-
Brasileira;
Patrimônio
Cultural.**

¹ Professor extensionista vinculado ao programa institucional Centro de Estudos Africanos e Afro-brasileiro.

² Aluno extensionista bolsista vinculado ao projeto "O Acervo do Instituto Cultural Babá Toloji: organização, divulgação e pesquisa".

Introdução

A presente proposta de exposição de produtos é um desdobramento e está articulada com o projeto de extensão denominado “O Acervo do Instituto Cultural Babá Toloji: organização, divulgação e pesquisa”, em desenvolvimento desde novembro de 2024, vinculado ao programa institucional Centro de Estudos Africanos e Afro-brasileiros (CEAAB) da PUC-Campinas. Os objetivos e atividades previstas neste projeto envolveram um conjunto de procedimentos para organizar, catalogar e preservar o acervo documental do Instituto Cultural Babá Toloji, tornando-o acessível ao público em geral, bem como a professores, pesquisadores, alunos das escolas públicas e universitários. Nesse sentido, buscou-se realizar um levantamento detalhado do acervo existente; desenvolver um sistema de catalogação e arquivamento de documentos; digitalizar e criar um banco de dados acessível do acervo; capacitar alunos e membros da comunidade em práticas de conservação e gestão de documentos; promover a divulgação e o acesso ao acervo para pesquisa e educação; além de promover a divulgação a partir da montagem de exposições museográficas abertas ao público em geral, bem como promover a divulgação a partir da confecção de material impresso de circulação geral e material de apoio didático, bem como de audiovisuais a respeito do acervo existente.

A elaboração de cartilhas de divulgação, em formato eletrônico, a serem disponibilizadas no Instagram do Instituto, foi uma das formas de materialização das atividades e objetivos relacionados acima. A confecção deste material envolveu não apenas os alunos voluntários e bolsistas do projeto de extensão, mas também grupos de alunos da Faculdade de História mobilizados nas atividades previstas de curricularização da extensão, bem como os docentes responsáveis pelos componentes curriculares cursados por estes alunos.

As cartilhas representam, portanto, o resultado de um esforço coletivo de pesquisa e reflexão, de trocas e diálogos entre diferentes níveis de atividades da vida acadêmica e entre a universidade e seus parceiros externos, mas também, e sobretudo, um serviço e uma intervenção da universidade na sociedade, viabilizando reciprocidades pelas quais esta se renova e se atualiza, incorporando demandas e a sociedade, por sua vez, aprofunda reflexões e conhecimentos em função de temas e problemas que lhes são fundamentais.

Do ponto de vista mais específico, a elaboração das cartilhas de divulgação envolveram iniciativas de valorização e reconhecimento da importância da cultura africana e afro-brasileira, muitas vezes folclorizadas e esvaziadas de sentido para a compreensão efetiva de experiências sociais de grupos subalternizados.

Tradicionalmente negligenciadas ou sub-representadas, a preservação e o estudo crítico dos temas envolvidos possibilitam um processo novo de ressignificação e construção de uma cidadania cultural necessária.

Do ponto de vista da educação e da conscientização, o produto a ser exposto cria oportunidades de aprofundamento no conhecimento sobre a história da cultura africana e afro-brasileira, criando condições e promovendo a inclusão e o respeito pela diversidade cultural e étnica, desconstruindo posturas preconceituosas e estereotipadas presentes no senso comum.

Desenvolvimento do capítulo

As cartilhas eletrônicas de divulgação foram elaboradas por alunos da Faculdade de História envolvidos nas atividades de curricularização da extensão, envolvendo os docentes Jefferson Zeferino e Gustavo Jungueira e ainda contou com apoio e colaboração dos discentes voluntários e bolsistas vinculados ao projeto de extensão “O Acervo do Instituto Cultural Babá Toloji: organização, divulgação e pesquisa”, sob responsabilidade do professor João Miguel T. de Godoy.



O trabalho de confecção das cartilhas seguiram um conjunto de etapas, começando pela montagem e orientação preliminar das equipes de alunos. Desenvolvemos noções básicas envolvendo os processos de conservação preventiva dos acervos museológicos, bem como os procedimentos de seleção e classificação de acervos, especificamente daqueles envolvendo cultura material e arte africana e afro-brasileira envolvendo, sobretudo, procedimentos voltados para registro e catalogação desses acervos. Em seguida, as equipes realizaram visitas monitoradas junto ao acervo do Instituto Toloji, para contato direto e registro fotográfico das peças de arte africana e aprofundamento das informações sobre as especificidades dessa produção artística. Por fim, as equipes reuniram as informações coletadas, aprofundaram a pesquisa sobre suas características gerais, artísticas e históricas, na bibliografia especializada, e realizaram a montagem das cartilhas para posterior divulgação nas redes sociais.

Do ponto de vista da concepção de extensão, considerou-se a interface entre produção acadêmica e o que convencionou-se chamar de “história pública”, pois toda sociedade tem formas de relação com o passado, com a História exercendo papel importante nessa mediação, tanto como disciplina da educação básica quanto no ensino superior, contemplando ações didáticas e de pesquisa em ambas as instâncias. Contudo, para além do que é estabelecido nos ambientes de ensino institucionalizado, existem demandas sociais diversas para relações das comunidades com o passado, com a divulgação pública desses conteúdos exercendo um papel importante em suas diversas manifestações. No Brasil, é comum que o espaço de divulgação popular do conhecimento histórico seja ocupado por indivíduos que não são formados no campo da História, como jornalistas que publicam livros de grande sucesso editorial, desenvolvedores de blogs e páginas na internet e, mais recentemente, youtubers e podcasters. Apesar do passado não ser um monopólio dos historiadores, professores e estudantes de História, esta comunidade especializada tem muito a contribuir ao segmento de divulgação na produção de material de qualidade acerca dos mais diversos assuntos da área.

Em virtude disso, o objetivo desta atividade de extensão é



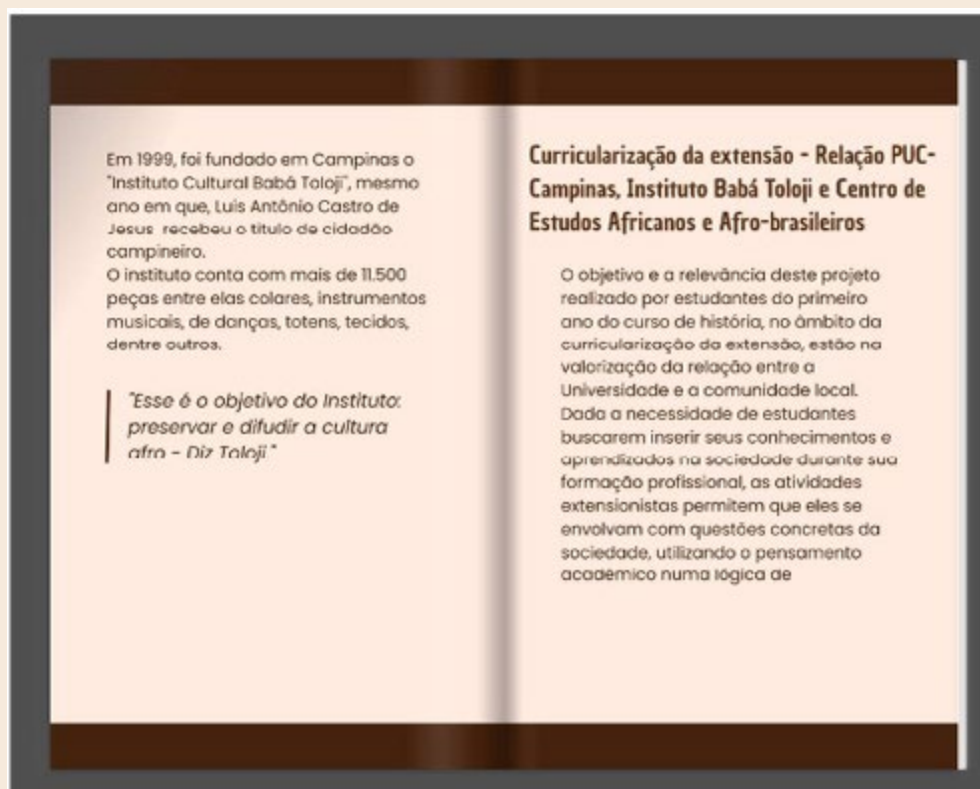
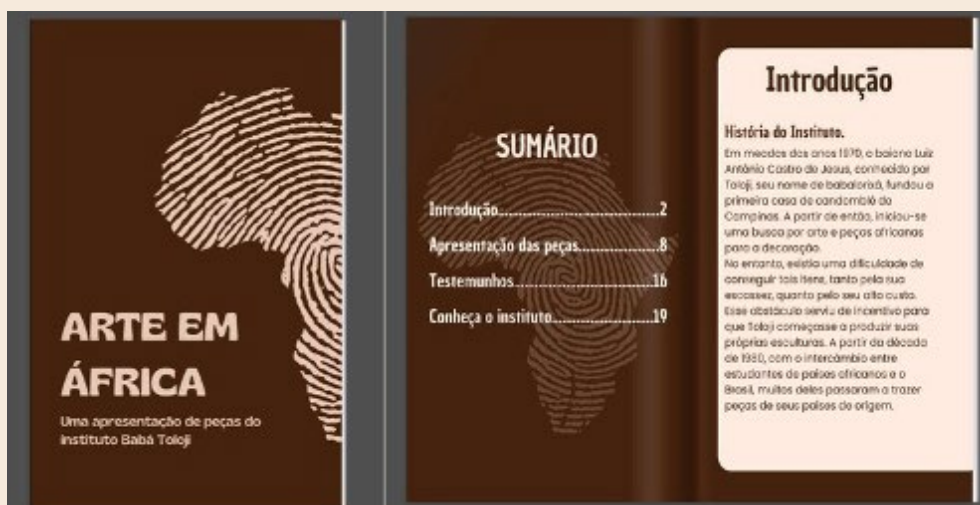
apresentar os tipos de fontes históricas, seus potenciais de análise para os contextos históricos em que elas estão inseridas e suas formas de abordagem, para que a comunidade não acadêmica possa se familiarizar com o processo de produção científica do conhecimento sobre o passado. Finalmente, optou-se por realizar esta atividade por meio da divulgação dos materiais produzidos de maneira on-line, em redes sociais de amplo alcance e vasto poder de circulação.

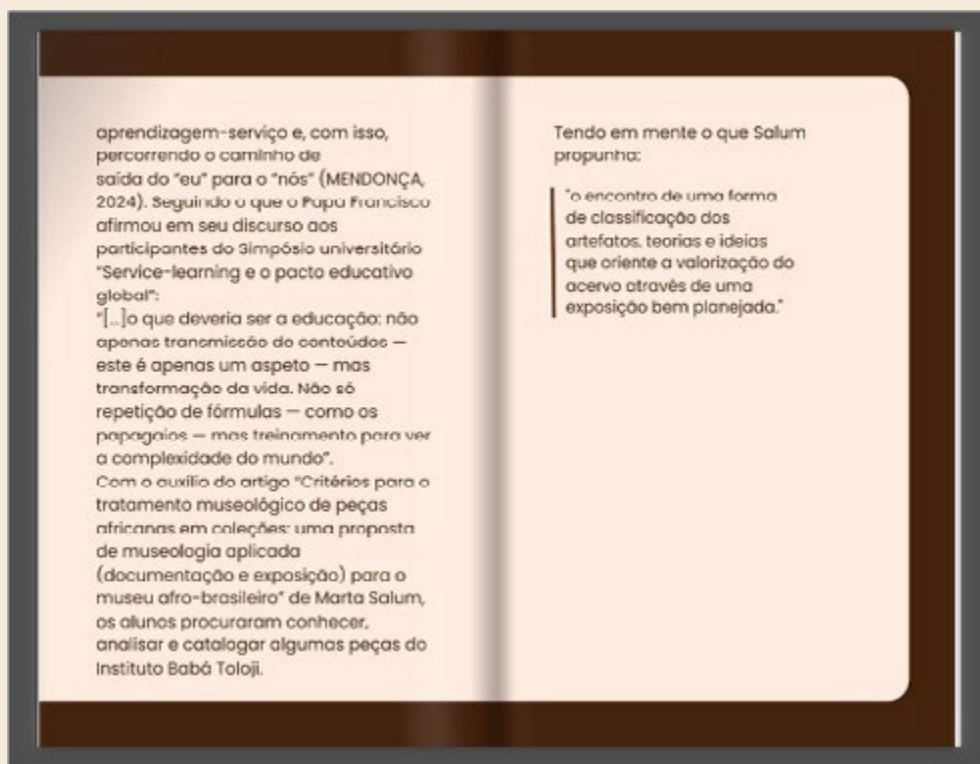
Considerações Finais

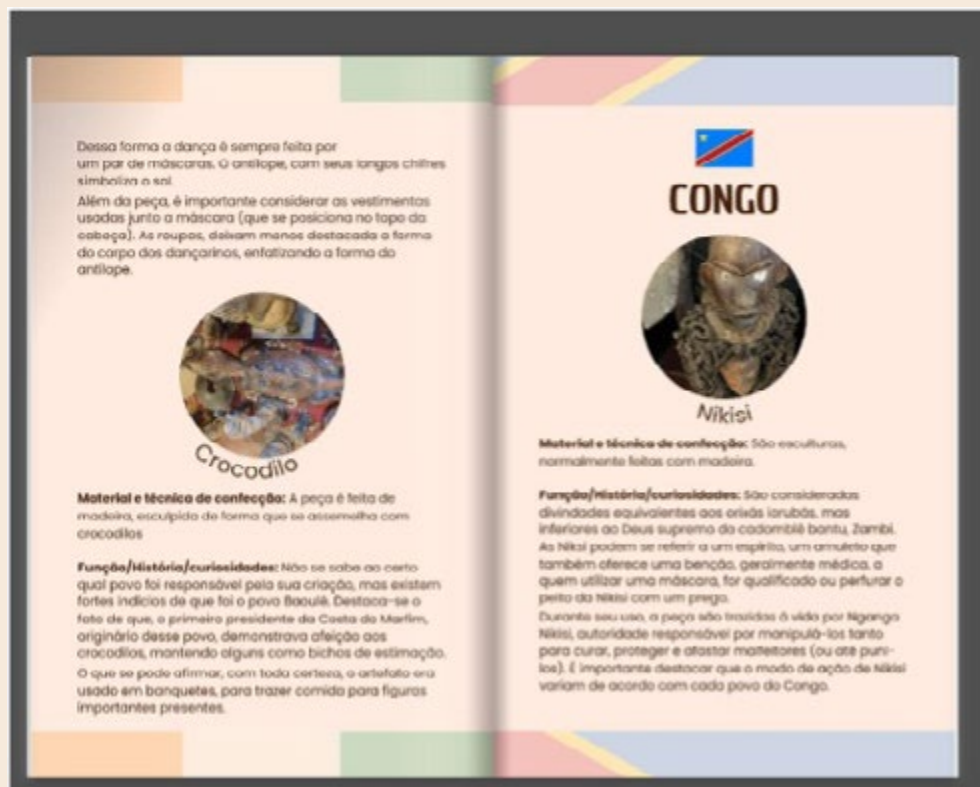
A produção dos materiais digitais a partir do acervo do Instituto Cultural Babá Toloji representa uma experiência exitosa de articulação entre ensino, pesquisa e extensão universitária. Ao envolver discentes, docentes e membros da comunidade em práticas colaborativas de investigação, preservação e divulgação, o projeto reafirma o compromisso social da universidade com a valorização da cultura afro-brasileira e com a promoção de uma educação crítica e inclusiva. Para além da formação acadêmica, a iniciativa contribui para a construção de uma cidadania cultural mais consciente, ao oferecer instrumentos de conhecimento e reflexão sobre heranças históricas fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira. O uso das redes sociais como espaço de circulação dos conteúdos amplia o alcance do projeto e fortalece o diálogo entre universidade e sociedade, potencializando o impacto das ações extensionistas no combate aos estereótipos e na promoção da diversidade.

Anexo

Exemplo de cartilha eletrônica de divulgação









BENIN



Oba Yoba

Materiais e técnica de confecção: Peças de bronze, esculpidas na forma de rei e rainha.

Função/história/curiosidades: São peças que representam rei e rainha, ou seja, Oba e Yoba. O rei tinha papel central na política, religião e liderança militar, enquanto a rainha atuava como conselheira, na política e como mística ao rei. As peças representam aspectos políticos, espirituais, remetem aos costumes e valores ancestrais, mostrando também a comunicação com o espíritos dos antepassados para que tomem decisões.

Testemunhos

"Participar de um projeto de extensão no meu primeiro semestre foi uma experiência grandiosa, em um primeiro momento foi algo inesperado, essa interação me despertou sentidos investigativos e observativos, o que veio aumentar ao estar trabalhando em grupo, em um contexto histórico e sensível sobre as questões da sociedade".

Gabriela

"Eu nunca pensei que entraria em contato com um acervo tão grande logo no meu primeiro semestre, foi também a primeira vez que entrei em contato com um acervo voltado para as civilizações africanas, sobre o qual eu possuía pouco conhecimento, foi muito gratificante essa oportunidade de conhecer e entender mais sobre povos pouco falados ou estudados no ensino brasileiro".

Bianca

"A experiência da ida ao acervo Baba Toloji me abriu horizontes. Já possuindo um conhecimento da mitologia africana, ao experienciar este contato com as peças pude observar todo um universo de forma materializada, carregando tudo aquilo que já era familiarizada, porém, vim a entender que minha compreensão era pouca comparada com o que estava ali presente. Observar as peças como uma parte da história da África de uma forma materializada diferente daquilo que meu imaginário proporcionava, foi engrandecedor, não apenas como historiadora, mas como pessoa."

Giovanna

"Achei muito interessante conhecer mais sobre a cultura africana que se desenvolveu ao longo de muitos séculos, de poder contar uma parte da história desse povo e aprender sobre como eles expressavam as relações com suas divindades".

Otávio



Um trabalho por:
 Ana Júlia Urzini Passi
 Bianca Dinizman Azeite
 Eliza Ladislau Reis
 Gabriela Zarilho Concarini
 Giovanna Souza Giordano
 Larissa Ruan Neves
 Myrella Fernandes Arrêche
 Otávio Gordini

Supervisionado por:
 João Miguel Teixeira de Cadey
 Jefferson Zepherino



Trabalhos resultados de Exposições e Ateliês de Extensão

**Biênio 2024
Janeiro/2026**

Educação patrimonial: uma ecom arte africana e arte-afrobrasileira.

Joao Miguel Texeira de Godoy¹

Resumo

O trabalho integra um projeto de extensão da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2024–2025), cujo foco é o estudo da história da África, com ênfase na cultura material e na arte tradicional africana e afro-brasileira. Desenvolvido no campo da educação patrimonial, o projeto busca divulgar e compreender, de forma crítica, a história africana e afro-brasileira por meio do acervo do Instituto Cultural Babá Toloji (Campinas/SP). Participam cerca de 50 alunos do curso de História da PUC–Campinas, que realizam atividades como observação, catalogação, pesquisa e divulgação de peças artísticas. O trabalho exige embasamento teórico para interpretar e reinterpretar tradições artísticas, combatendo estereótipos e preconceitos, dentro de uma perspectiva decolonial que valoriza os significados sociais, culturais, políticos e espirituais dessas expressões. Inserido nos desafios da implementação da Lei nº 10.639/2003, o projeto promove o estudo sistemático de esculturas africanas e afro-brasileiras, considerando materialidade, contextos socioculturais e usos diversos. Como resultado, foram elaboradas cartilhas didáticas, ilustrações e conteúdos a serem utilizados em escolas públicas e no programa PIBID em 2025. O material também integra o canal on–line do Instituto Babá Toloji, ampliando o alcance das ações educativas. Mesmo com encerramento previsto para novembro de 2025, o projeto já apresenta impactos significativos: contribui para a curricularização da extensão, apoia a disciplina de História da África

Palavras–chave:

Educação
Patrimonial;
Arte Africana;
Perspectiva
Decolonial.

¹ Docente Extensionista da Faculdade de História da PUC–Campinas.

e fortalece os estágios obrigatórios. Ao articular universidade, escola e comunidade, consolida-se como ferramenta de ensino-aprendizagem e de combate ao racismo por meio da valorização do patrimônio afro-brasileiro e africano.

Introdução

O contexto do projeto pode ser resumido como segue. O primeiro ponto a destacar refere-se aos debates e controvérsias em torno das questões envolvendo a construção da memória coletiva, identidade social, patrimônio histórico-cultural, cidadania, democracia, entre outros temas correlatos que vieram à tona no Brasil a partir do último processo de redemocratização, dos anos de 1980 em diante. Os debates envolveram efetivamente o campo acadêmico, como demonstra uma publicação emblemática da época, mas teve enraizamento e desdobramentos visíveis no campo da sociedade e do espaço público. De certa forma, junto com outras problemáticas, ajudaram a definir as estruturas e dinâmicas do espaço público atual, espaço este que se constitui como uma nova instância da sociedade civil, que dela se autonomiza, sem se confundir com o Estado. É nesse espaço ainda que os agentes, sociais e estatais, comparecem nas suas diversas configurações discursivas, disputando legitimidade e hegemonia. As chamadas “guerras culturais” e a emergência da pauta de valores, apresentam-se como uma das facetas dessa realidade atual. Assim, também há a emergência dos movimentos identitários (movimento feminista, movimento negro, entre outros). Neste novo contexto, os debates em torno do tema memória e identidade adquiriram novos significados, pois tais noções não podem ser pensadas numa perspectiva essencialista. Seus conteúdos e sentidos se forjam no terreno da história e dos embates sociais e políticos que cada momento enseja.

O segundo ponto diz respeito à problemática das relações étnico-raciais no Brasil e o problema do racismo, da discriminação racial e social, dos preconceitos, da intolerância diante das diferenças e da exclusão nas suas mais diversas formas que assume em nossa sociedade. A escravidão, enquanto regime de trabalho compulsório,

ainda persiste no Brasil contemporâneo, mas a escravidão enquanto critério de estratificação social e o escravismo enquanto sistema econômico estiveram na base de nossa formação histórica geral, social, política, econômica e cultural e configuraram uma certa estrutura que persiste em muitos aspectos. A inventividade política e cultural como marca das ações e dos acontecimentos no presente, as tendências conjunturais de avanços e retrocessos introduzem aos poucos possibilidades de mudanças e superação diante dessa realidade herdada. O passado morto, que é ao mesmo tempo vivo, constitui também uma das estruturas da vida cotidiana. Aprendemos isso com Agnes Heller (2008); não é exatamente nesse espírito que justifica-se uma lei voltada para o ensino e a discussão das relações étnico raciais no Brasil? A Lei nº 10.639/2003, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, obriga o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas do ensino fundamental e médio. A lei inclui no currículo escolar a história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e a importância do negro na formação da sociedade.

O terceiro ponto diz respeito às questões relativas aos novos desafios que são colocados à democracia quando, no contexto atual de globalização, as identidades culturais específicas de diferentes grupos tornam-se instrumento da vida política porque tornam-se objeto da conquista de direitos. É nesse sentido que entendemos a relevância social e teórica do presente projeto de extensão.

Sendo assim, as contribuições do presente projeto de extensão para a sociedade podem ser pensadas em diferentes dimensões (valorização cultural, educação, conscientização política; relação universidade e sociedade, coesão comunitária, convivência democráticas das diferenças, desenvolvimento social, entre outros aspectos), pois envolvem iniciativas de valorização e reconhecimento da importância da cultura africana e afro-brasileira, muitas vezes folclorizadas e esvaziadas de sentido para a compreensão efetiva de experiências sociais de grupos subalternizados. Tradicionalmente

negligenciadas ou sub-representadas, a preservação e o estudo crítico dos temas envolvidos possibilitam um processo novo de ressignificação e construção de uma cidadania cultural necessária.

Do ponto de vista da educação e da conscientização, o projeto cria oportunidades de aprofundamento no conhecimento sobre a história da cultura africana e afro-brasileira, criando condições e promovendo a inclusão e o respeito pela diversidade cultural e étnica, desconstruindo posturas preconceituosas e estereotipadas presentes no senso comum.

Por outro lado, o projeto depende do envolvimento da comunidade para sua viabilização. Isso, por um lado, estimula a associação entre o conhecimento teórico elaborado nas universidades e uma prática efetiva na comunidade que, de forma participativa e integrada às condições concretas, permite questionar, analisar e construir novos saberes e práticas transformadoras. Por outro lado, ao fortalecer as identidades, termina por promover o orgulho e a coesão social entre afrodescendentes e não-afrodescendentes.

Sendo assim, o trabalho proposto faz parte do desenvolvimento de um projeto de extensão que acontece na Pontifícia Universidade Católica de Campinas a partir do ano de 2024 e ainda está vigente em 2025. O projeto em questão tem como tema principal o estudo da história africana e afro-brasileira, sobretudo nos seus aspectos culturais e na sua cultura material, focado nas características da produção da arte tradicional africana e afro-brasileira. Artes visuais e de ornamento corporal sobretudo, ficando para um outro projeto as artes interpretativas e as artes do espetáculo. Alguns pontos podem ser elencados, de maneira muito breve, a respeito dessas características.

Primeiro, a relação entre arte e cultura material. Distinção mais corriqueira na cultural ocidental moderna, mas difícil na tradição africana, uma vez que os objetos de uso cotidiano, no processo mesmo de sua produção e utilização na vida prática, estão imbuídos de um valor simbólico explícito, artístico e muitas vezes religioso ou político. Decorre isso de um processo inexistente ou incompleto daquele desencantamento do mundo que nos fala Max Weber, ou seja,

a organização da sociedade e do comportamento social a partir de esferas autônomas e funcionais como marca do desenvolvimento da modernidade ocidental. Uma arte que se abre a uma multiplicidade de olhares e perspectivas de aproximações, como sugere a pesquisadora Marta Heloisa Leuba Salum: “em culturas antropocêntricas como as não-ocidentais, a arte faz parte da vida na mesma dimensão em que a vida faz parte da arte. Como um fenômeno de múltiplas direções, o etnólogo suíço Jean Gabus, do Musée de Neuchâtel, qualificou a arte africana de “objeto testemunho”, por suas funções variadas: desde a religiosa, a educativa, a mnemônica, ou, em muitos casos, a do próprio registro da história, material e visual, entre outras” (SALUM, 2024).

Em segundo lugar, a produção artística visual africana não se limita à arte dita tradicional. Segundo Jan Vansina, podem ser classificadas em quatro categorias: arte tradicional, arte turística, arte popular urbana e arte acadêmica. Essas diferenças e classificações ocorrem em função dos temas, estilos, consumidores, finalidades e localização das unidades produtivas. Na arte tradicional, há um predomínio das esculturas e da pintura mural, praticada geralmente no ambiente rural e pequenas cidadelas; de estilo figurativo e geométrico, tem funções utilitárias ligadas às instituições, cerimônias de iniciação, ritos funerários, assim como nas cortes reais e palácios de soberanos. A arte turística, por sua vez, volta-se para o consumo de um público estrangeiro, produzida a partir de temas exóticos e anedóticos; com estilo figurativo simplificado, buscam atender ao gosto principalmente europeu, do qual decorre uma certa aproximação com os cânones semieuropeizados, segundo Vansina. Já a arte popular urbana, surgida nas primeiras décadas do século XX, compõe-se de pinturas em muros das casas urbanas, bem como de retratos, insígnias e cartazes para lojas, veículos, cinemas etc. Por fim, a arte acadêmica, mais próxima dos modelos ocidentais e praticadas por artistas formados nas academias oficiais nessas tradições e estilos, com clientes preferenciais nos poderes públicos, igrejas e mercado artístico internacional (VANSINA, 2010, p. 698).

Tabela

A tabela abaixo ilustra bem esse conjunto de características:

Categoria	Tipo de obra	Finalidade	Clientela	Urbano/ rural	Papel do artista
Tradicional	Exemplares não padronizados. Acabamento cuidadoso	Utilitária	Público local Privada local	Rural	Artesão
Turística	Padronizada Acabamento grosseiro Imitação da arte tradicional	Lembrança	Estrangeiros residentes Turística	Venda urbana	Artesão
Popular	Padronizada Acabamento grosseiro	Exposição	Público local Privada local	Urbano	Artesão
Acadêmica	Trabalho uniforme Acabamento cuidadoso	Exposição	Estado Estrangeiros residentes	Urbano	Artista inspirado

Fonte: VANSINA, J. As artes e a sociedade após 1935. In: KI-ZERBO, J.(org.). História Geral da África. Brasília: Unesco, 2010.

No caso do Brasil, devemos considerar os seguintes aspectos. Alguns anos atrás, um diagnóstico geral apontava para o caráter incipiente dos estudos a respeito da cultura material africana, sobretudo da arte africana, nos meios acadêmicos brasileiros. Falava-se, então, de “um campo em construção”, no qual as iniciativas apresentavam-se descontínuas e bastante tímidas (BEVILACQUA, 2017, p.7). Apesar do trabalho pioneiro de Nina Rodrigues, a publicação de seu estudo analisando um conjunto de peças africanas e afro-brasileiras ser de 1904 (*As Bellas Artes nos colonos pretos do Brasil*) não desencadeou uma linha sistemática de pesquisa e debates ou um processo consistente de acúmulo de trabalhos e reflexões. Certamente avanços recentes ocorreram, mas não no ritmo desejável, a ponto de reconhecermos a existência de um campo consolidado de pesquisa.

No entanto, esse quadro mais tímido não reflete, necessariamente, a inexistência de coleções especializadas em arte africana no Brasil. A coleção do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, tem seu acervo com peças adquiridas desde o início do século XIX. O acervo de arte africana do Museu paraense Emilio Goeldi foi constituído de peças coletadas na África Central entre 1887 e 1904. Em 1958, Pietro Maria Bardi manifestou suas intenções em montar uma coleção para o Museu de Arte de São Paulo (MASP). Em 1959, Agostinho da Silva começou a conceber a possibilidade de formar uma coleção a partir da exposição “A Arte de um povo de Angola”, na Universidade da Bahia, com peças do Museu do Dundo. Em 1969, Ulpiano Bezerra de Menezes iniciou a coleção do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE). Algum tempo antes, o Museu Nacional de Belas Artes iniciou sua coleção com um conjunto de peças africanas do diplomata Gasparino da Mata e Silva. Depois disso, outros estudiosos destacaram-se neste processo, como Pierre Verger, na formação da coleção do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia, concluído em 1982. Em 2004, Emanuel Araujo constituiu a coleção do Museu Afro-Brasil, em São Paulo. (BEVILACQUA, 2017, p.9).

A coleção com a qual estamos desenvolvendo este presente projeto tem uma origem específica. Hoje, compõe o acervo de uma instituição cultural denominada Instituto Cultural Babá Toloji. Trata-

se de uma organização cultural, sem fins lucrativos, ligada à casa de candomblé “Comunidade da Tradição do Culto Afro Ilesin Ogun LaKayie Osinmole”, cujo idealizador e responsável é Luis Antônio de Castro Jesus, cujo nome de babalorixá é Toloji. O Instituto está localizado na cidade de Campinas e reúne um acervo em torno de 11.500 peças que remetem ao universo da cultura africana e afro-brasileira e define como objetivo principal: “Preservar a memória histórica dos registros Afro-Brasileiros; incentivar o conhecimento e apreciação da Arte Africana nos seus vários segmentos; viabilizar estudos e pesquisas voltados para a Cultura Afro através de acervo próprio e intercâmbio com outras instituições; produzir música, vídeos, publicações, exposições, etc., que possam ser consumidos pela comunidade em geral”

Sua página na internet traz um conjunto de informações sobre as atividades desenvolvidas pelo instituto, mas também indica algumas limitações que, para serem superadas, dependem do estabelecimento de parcerias. Propõe-se a realizar eventos culturais e educacionais relativos à Cultura Afro, bem como cursos, seminários e oficinas artísticas. Informa ainda que estudantes universitários, de ensino fundamental e médio e demais interessados poderão ter acesso aos livros sobre cultura afro e, também, fazerem entrevistas com a equipe do Instituto. Informa que as visitas percorrerão as peças e seus históricos, lendas, utilidades, origem e técnicas artísticas. Peças selecionadas e representativas da cultura afro estão disponíveis para serem expostas em outros espaços culturais e eventos. Este serviço objetiva melhorar o acesso de visitantes de outras cidades brasileiras à cultura afro por meio da presença física do acervo do Instituto. A exposição é acompanhada de um folheto informativo que apresenta os aspectos históricos e técnicos. Em seu amplo salão, estão expostas obras artísticas inspiradas na cultura afro e peças históricas utilizadas em rituais religiosos. O acervo é composto por quadros, livros e, sobretudo, esculturas. Ao todo, são quase 11.500 peças representativas da riqueza cultural africana e afro-brasileira. No entanto, esse acervo ainda não dispõe de metodologia museológica de identificação e tombamento. Entendem que a proposição de um projeto de pesquisa visando a organização irá reunir profissionais em

museologia, arquivologia e antropologia para catalogar as peças, criar sistemas de inclusão e pesquisa informatizada, rotinas operacionais de acervo e serviços museológicos etc. O Instituto possui uma importante coleção de peças representativas da Cultura Afro, porém não dispõe de espaço adequados e destinado à exposição e ainda carece de infraestrutura que suporte exposições temáticas e possibilite instrumentos de conservação preventiva de seu acervo.

Metodologia

A arte africana já foi observada e avaliada a partir de múltiplas perspectivas, olhada a partir de mediações culturais diversas no tempo e no espaço. Olhar do colonizador europeu, do evangelizador, do escravizador, do etnógrafo, do turista, do colecionador de arte, dos artistas modernistas, do historiador da arte, entre outros. Mais recentemente, alguém lembrou de perguntar aos próprios africanos seus significados. O fato é que muitas camadas de significados pesam nos ombros desse conjunto de esculturas, máscaras, pinturas etc. No Brasil, mais atualmente, a arte produzida na África, sobretudo a tradicional e suas imitações, e a produzida pelos africanos e seus descendentes aqui, arte afro-brasileira como habituou-se a ser chamada, tem sido interpretada, avaliada e incorporada na ótica da noção de patrimônio cultural e histórico. Dadas as características marcantes de nossa formação social, uma nação que se constitui, e se inventa, a partir de uma ex-colônia portuguesa, escravista e mercantil, com expressiva presença de africanos e descendentes na condição de força de trabalho cativa, atrelada aos fluxos do mercado mundial e controlada pelo capital mercantil, esta nova perspectiva de incorporação e análise dessa produção artística adquire uma renovada relevância, sobretudo porque a escravidão, negra e indígena, não foi apenas a forma assumida pelo regime de trabalho compulsório, mas foi também critério central de estratificação social definidor, portanto, dos grupos, das hierarquias e das relações. Foi, por fim, instrumento de poder e princípio dos mecanismos de controle social e enquanto patrimônio cultural e histórico, a arte africana e afro-brasileira são testemunhas deste universo estruturado de relações e processos.

Temos, então, os critérios a partir dos quais podemos ler esta produção artística. A realização desta leitura depende de um aprendizado sistematizado e consciente. A educação patrimonial

pretende desenvolver essa habilidade. Do ponto de vista metodológico, o presente projeto procura incorporar algumas orientações gerais definidas nas propostas de Educação Patrimonial. Essas orientações preveem uma formalização mínima, uma vez que se apresentam como trabalho educacional e organização de processos educativos, formais ou informais. Envolvem, portanto, definição de procedimentos e sequenciamento de etapas de complexidade crescente, que se iniciam com a observação e exercícios de percepção visual/sensorial, com o objetivo de identificação dos objetos; passando para a fase de registro por diferentes meios, com o objetivo de fixação dos conhecimentos e aprofundamento das observações e análise crítica; em seguida, busca-se ampliar e aprofundar a pesquisa a partir de outras fontes de informação, definição de problemas e elaboração de hipóteses, com o objetivo de desenvolver as capacidades de julgamento crítico e interpretação das evidências e significados; e, por fim, o momento de apropriação, consolidação e capacidade de recriação do conhecimento construído.

A Educação Patrimonial é um recurso de letramento cultural. Nesse sentido, busca desenvolver o aprendizado de uma linguagem e dos instrumentos intelectuais de elaboração de um discurso. A capacidade de identificar, selecionar, classificar e avaliar bens culturais significativos, materiais e imateriais. Colaborando para seu reconhecimento, sua valorização e preservação, não apenas porque possuem um valor em si mesmo mas, principalmente, porque se constituem como testemunhos, como fontes de informação, sobre determinados contextos históricos, determinados sistemas de relações sociais e processos de produção, circulação e usos de objetos e ideias, determinados modos de agir, pensar e sentir humanos no tempo e no espaço. De um lado, criando a possibilidade de construção de identidades coletivas de maneira crítica porque ampliando a consciência histórica desse processo, que é a percepção da vida coletiva como resultado da ação humana, que a gera e transforma.

A metodologia de trabalho desenvolvida pela Educação Patrimonial está sistematizada em publicações do Instituto do Patrimônio Histórico

Nacional (IPHAN), como o Guia Básico de Educação Patrimonial (2009). A instrumentalização dessa metodologia objetiva não apenas divulgar, mas também compreender, de forma crítica e fundamentada, a história africana e afro-brasileira a partir do acervo do Instituto Cultural Babá Toloji, situado na cidade de Campinas (SP).

Desenvolvimento

O trabalho vem sendo desenvolvido com alunos do curso de História da PUC-Campinas e envolve atividades de observação, catalogação, conservação, pesquisa, classificação e divulgação de peças artísticas pertencentes ao Instituto. Este processo tem exigido o estudo e a reflexão de diferentes referenciais teóricos voltados à interpretação e à reinterpretação das tradições artísticas africanas e afro-brasileiras. A crítica aos estereótipos, aos preconceitos, às generalizações, simplificações e deturpações às quais foram sujeitas as manifestações artísticas e a cultura material africana exigiu um esforço de incorporação de uma perspectiva essencialmente decolonial, visando reconstruir sentidos e reconhecer os valores sociais, políticos, espirituais e culturais dessas expressões artísticas.

Lembramos acima as camadas de sedimentações interpretativas que pesam nos ombros da produção artística africana e afro-brasileiras e a necessidade de crítica sistemática de visões que foram se cristalizando sobre esse universo cultural. Nesse sentido, os debates em torno do conceito de decolonialidade apontam para novas estratégias de aproximação desse “objeto” que não é apenas objeto e que deve ser encarado como sujeito de seu sentido. Isso é que nos ensinam os trabalhos e reflexões de autores como Aníbal Quijano (2005), Walter D. Mignolo (2017), Kabemgele Munanga (2004), entre outros.

Além disso, deve ser considerado que este esforço vem sendo desenvolvido nos contextos dos dilemas e desafios da implementação



da lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. Apesar dos avanços que esse parâmetro legal introduziu no reconhecimento e valorização das contribuições da cultura africana e afro-brasileira, muito ainda resta a ser feito e, neste cenário, o presente projeto de Educação Patrimonial busca trazer contribuições nesse sentido.

O trabalho contou com a participação de aproximadamente 50 alunos das turmas do terceiro e quarto período do curso de História que, divididos em equipes, escolheram diversas peças escultóricas da arte africana e da afro-brasileira, em um estudo sistemático dessas peças, no que diz respeito à sua materialidade, características explícitas, tradições artísticas, funcionalidades sociais, políticas e religiosas, contexto de produção, tradições étnico-culturais, entre outros aspectos.

Além disso o trabalho é um desdobramento e está articulado com o projeto de extensão denominado “O Acervo do Instituto Cultural Babá Toloji: organização, divulgação e pesquisa”, em desenvolvimento desde novembro de 2024, vinculado ao programa institucional Centro de Estudos Africanos e Afro-brasileiros (CEAAB) da PUC-Campinas. Os objetivos e atividades previstas e realizadas neste projeto envolviam um conjunto de procedimentos para organizar, catalogar e preservar o acervo documental do Instituto Cultural Babá Toloji, tornando-o acessível ao público em geral, bem como a professores, pesquisadores, alunos das escolas públicas e universitários. Nesse sentido, buscava-se realizar um levantamento detalhado do acervo existente; desenvolver um sistema de catalogação e arquivamento de documentos; digitalizar e criar um banco de dados acessível do acervo; capacitar alunos e membros da comunidade em práticas de conservação e gestão de documentos; promover a divulgação e o acesso ao acervo para pesquisa e educação, além de promover a divulgação a partir da montagem de exposições museográficas abertas ao público em geral, bem como promover a divulgação a partir da confecção de material impresso, de circulação geral, e material de apoio didático, assim como de audiovisuais a respeito do acervo existente.



A elaboração de cartilhas de divulgação, em formato eletrônico, a serem disponibilizadas no Instagram do Instituto, foi uma das formas de materialização das atividades e objetivos relacionados acima. A confecção desse material envolveu não apenas os alunos voluntários e bolsistas do projeto de extensão, mas também grupos de alunos da Faculdade de História mobilizados nas atividades previstas de curricularização da extensão, bem como os docentes responsáveis pelos componentes curriculares cursados por estes alunos.

As cartilhas são, portanto, resultado de um esforço coletivo de pesquisa e reflexão, de trocas e diálogos entre diferentes níveis de atividades da vida acadêmica e entre a universidade e seus parceiros externos, mas também, e sobretudo, um serviço e intervenção da universidade na sociedade, viabilizando reciprocidades nas quais a universidade se renova e se atualiza incorporando demandas, e a sociedade aprofunda reflexões e conhecimentos em função de temas e problemas que lhes são fundamentais.

Do ponto de vista mais específico, a elaboração das cartilhas de divulgação envolve iniciativas de valorização e reconhecimento da importância da cultura africana e afro-brasileira, muitas vezes folclorizadas e esvaziadas de sentido para a compreensão efetiva de experiências sociais de grupos subalternizados. Tradicionalmente negligenciadas ou sub-representadas, a preservação e o estudo crítico dos temas envolvidos possibilitam um processo novo de ressignificação e construção de uma cidadania cultural necessária.

Já do ponto de vista da educação e da conscientização, o produto resultante cria oportunidades de aprofundamento no conhecimento sobre a história da cultura africana e afro-brasileira, criando condições para a promoção da inclusão e o respeito pela diversidade cultural e étnica, desconstruindo posturas preconceituosas e estereotipadas presentes no senso comum.

As cartilhas eletrônicas de divulgação foram elaboradas por alunos da Faculdade de História envolvidos nas atividades de curricularização da extensão juntamente dos docentes, contou ainda com o apoio e a colaboração dos alunos voluntários e bolsistas vinculados ao projeto

de extensão “O Acervo do Instituto Cultural Babá Toloji: organização, divulgação e pesquisa”, sob responsabilidade do professor João Miguel T. de Godoy.

O trabalho de confecção das cartilhas seguiu um conjunto de etapas, começando pela montagem e orientação preliminar das equipes de alunos. Desenvolvemos noções básicas, envolvendo os processos de conservação preventiva dos acervos museológicos, bem como os procedimentos de seleção e classificação de acervos, especificamente daqueles que envolvem cultura material e arte africana e afro-brasileira, e desenvolvendo, sobretudo, procedimentos voltados para o registro e a catalogação desses acervos. Em seguida, as equipes realizaram visitas monitoradas junto ao acervo do Instituto Toloji, para contato direto e registro fotográfico das peças de arte africana e aprofundamento das informações sobre as especificidades dessa produção artística. Por fim, as equipes reuniram as informações coletadas, aprofundaram a pesquisa sobre suas características gerais, artísticas e históricas, na bibliografia especializada e realizam a montagem das cartilhas para posterior divulgação nas redes sociais.

Do ponto de vista da concepção de extensão, considerou-se a interface entre produção acadêmica e o que convencionou-se chamar de história pública, pois toda sociedade tem formas de relação com o passado, com a História exercendo papel importante nessa mediação, tanto como disciplina da educação básica quanto no ensino superior, contemplando ações didáticas e de pesquisa em ambas as instâncias. Contudo, para além do que é estabelecido nos ambientes de ensino institucionalizado, existem diversas demandas sociais para as relações das comunidades com o passado, com a divulgação pública desses conteúdos exercendo um papel importante em suas diversas manifestações. No Brasil, por exemplo, é comum que o espaço de divulgação popular do conhecimento histórico seja ocupado por indivíduos que não são formados no campo da História, como jornalistas que publicam livros de grande sucesso editorial, desenvolvedores de blogs e páginas na internet e, mais recentemente, youtubers e podcasters. Apesar do passado não ser um monopólio dos historiadores,

professores e estudantes de História, esta comunidade especializada tem muito a contribuir ao segmento de divulgação do conhecimento histórico, especialmente na produção de material de qualidade acerca dos mais diversos assuntos da área. Em virtude disso, o objetivo da atividade de extensão é apresentar diferentes tipos de fontes históricas, seus potenciais de análise para os contextos históricos em que elas estão inseridas e suas formas de abordagem, para que a comunidade não acadêmica possa se familiarizar com o processo de produção científica do conhecimento sobre o passado. Finalmente, optou-se por realizar essa atividade por meio da divulgação dos materiais produzidos de maneira on-line, em redes sociais de amplo alcance e vasto poder de circulação.

Conclusões

A produção dos materiais digitais a partir do acervo do Instituto Cultural Babá Toloji representa uma experiência exitosa de articulação entre ensino, pesquisa e extensão universitária. Ao envolver discentes, docentes e membros da comunidade em práticas colaborativas de investigação, preservação e divulgação, o projeto reafirma o compromisso social da universidade com a valorização da cultura afro-brasileira e com a promoção de uma educação crítica e inclusiva.

Para além da formação acadêmica, a iniciativa contribui para a construção de uma cidadania cultural mais consciente, ao oferecer instrumentos de conhecimento e reflexão sobre heranças históricas fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira. O uso das redes sociais como espaço de circulação dos conteúdos amplia o alcance do projeto e fortalece o diálogo entre universidade e sociedade, potencializando o impacto das ações extensionistas no combate aos estereótipos e na promoção da diversidade.

O resultado deste trabalho, na forma de elaboração de cartilhas informativas da pesquisa realizada, contendo contextos didáticos e ilustrações diversas a serem distribuídas e discutidas nas escolas da rede pública do município de Campinas, tem dado suporte ao desenvolvimento do trabalho no programa PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) em 2025. Vale destacar também que o conteúdo produzido compõe o acervo informativo do canal online de divulgação do Instituto Babá Toloji, ampliando o alcance das ações educativas e patrimoniais do projeto.

Embora o encerramento oficial do projeto esteja previsto para novembro de 2025, já apresenta resultados efetivos. Ele tem garantido o cumprimento das exigências de regulamentação da curricularização da extensão no âmbito da faculdade de História, tem também oferecido instrumentos de aprendizagem na disciplina da História da África,

prevista no currículo do curso de História. Tem também auxiliado no material de apoio aos trabalhos desenvolvidos no âmbito dos estágios obrigatórios da faculdade de História e do Pibid no que diz respeito ao estudo da História da África e afro-brasileira. Por fim, tem dado suporte à plataforma on-line de divulgação do Instituto.

Ao promover o diálogo entre universidade, escola e comunidade, o projeto tem se mostrado uma importante ferramenta de ensino-aprendizagem e de combate ao racismo e as diferentes modalidades de preconceito por meio da valorização do patrimônio cultural afro-brasileiro e africano.

HELLER, A. **O cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

MIGNOLO, W. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **RBCS**, v. 32, n. 94, 2017: e329402.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Niterói: EDUFF, 2004.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org). Buenos Aires, Argentina: 2005. p. 227-278.

Referências

Exposição de produtos “alma lavada” – saneantes domissanitários sustentáveis

Marcelo José Della Mura Jannini¹

Tatiana Slonczewski²

Ana Carolina Vicente da Silva Almeida³

Beatriz Martins Lopes⁴

Resumo

Palavras-chave:

Extensão
Universitária;
Sustentabilidade;
Promoção de
Saúde Mental.

O projeto “Alma Lavada” está vinculado ao Programa Institucional Desenvolvimento Humano e Integral – Levanta-te e Anda (PDHI-LA), da PUC-Campinas. Esta exposição se refere aos produtos gerados pela comunidade de mulheres da Comunidade Santa Rita Cássia, no bairro Campo Belo, em Campinas. Produtos como sabões, obtidos a partir de óleo de soja já utilizados, limpa vidros, multiuso, bem como aromatizantes e sachês, foram confeccionados pelas mulheres da comunidade. São saneantes com formulação sustentável, de baixo custo e baixa toxicidade. Essas oficinas foram conduzidas pelos docentes extensionistas, pelas alunas bolsistas e pelas mulheres da região do Campo Belo, sendo estas, também, participantes das ações interdisciplinares realizadas pelo projeto.

¹ Docente, Mestre vinculado ao Programa Institucional Desenvolvimento Humano e Integral – Levanta-te e Anda (PDHI –LA) da PUC-Campinas, desenvolvendo os Projetos de Extensão “Limpeza Verde” e “Alma Lavada”.

² Docente, Doutora da Faculdade de Psicologia e vinculada ao Programa Institucional Desenvolvimento Humano e Integral – Levanta-te e Anda (PDHI –LA) da PUC-Campinas, desenvolvendo os Projetos de Extensão “Varanda” e “Alma Lavada”.

³ Discente da Faculdade de Enfermagem da PUC-Campinas e bolsista de Extensão vinculada ao Projeto.

⁴ Discente da Faculdade de Psicologia da PUC-Campinas e bolsista de Extensão vinculada ao Projeto.

Introdução

As atividades de limpeza e desinfecção de superfícies materiais, embora cotidianas e de vasta amplitude, podem trazer riscos à saúde humana, já que são viabilizadas pela utilização de produtos de limpeza que, por sua vez, são constituídos por produtos químicos. Levantamentos oficiais realizados pelo SINITOX (Sistema Nacional de Informações Toxicológicas) elencam os agentes domissanitários ocupando a segunda posição nacional na causa de intoxicações. Tal órgão considera este panorama como um problema de saúde pública.

Neste sentido, iniciativas sustentáveis de geração de saneantes alternativos sustentáveis têm sua importância na qualidade de vida e na saúde aliada à composição de baixo custo e baixa toxicidade envolvidos.

No presente trabalho, as oficinas correspondem tanto ao espaço de construção de um saber ou de um produto, quanto ao grupo que o desenvolve, aproximando sua prática a um modo como cada oficina pode ser concebida na perspectiva de saúde mental e da interdisciplinaridade, qual seja “lugar de aprendizagem, de produção, de intercâmbio, de ampliação das relações, de mergulho no universo cultural” (LIMA, 2004).

Nesse contexto, portanto, a sustentabilidade é amplamente considerada, como um estilo de vida que engloba a forma dos seres humanos relacionarem-se consigo mesmos, entre si e com o meio ambiente (PAULISTA; VARVAKIS; MONTIBELLER-FILHO, 2008).

Em relação à utilização dos produtos domissanitários por algumas comunidades vulnerabilizadas, a literatura científica identifica a existência de diversos fatores de risco, sendo alguns deles a falta de leitura e compreensão das informações contidas nos rótulos, o frequente uso de misturas caseiras para uma suposta potencialização da eficiência da limpeza e a ausência de uso de EPI adequado para

manipulação. Com relação aos procedimentos pós-utilização, são identificados o desconhecimento dos malefícios causados pelo contato de domissanitários com o organismo e a inadequação na escolha de medidas a serem adotadas diante da intoxicação a partir do uso (JANNINI; PINHEIRO; MACEDO, 2014; SOUZA; SEIXAS; MIRANDA, 2015).

Justificativa

A exposição de produtos proposta resulta da experiência das oficinas interdisciplinares de sustentabilidade desenvolvidas entre 2024 e 2025, em caráter extensionista, como parte das atividades do Projeto Alma Lavada, da PUC-Campinas.

No período em questão, as oficinas foram realizadas com mulheres moradoras da região do Campo Belo, um território socioeconomicamente vulnerável do município de Campinas – SP. Os encontros iniciais ocorreram de forma presencial, entre outubro e dezembro de 2024, com periodicidade quinzenal e duração de duas horas cada, partindo de uma caracterização das participantes e do levantamento das necessidades do desenvolvimento do primeiro sabão artesanal a partir de amostras de óleo de cozinha usado. Em 2025, os encontros passaram a ser semanais, com o desenvolvimento de outros produtos domissanitários sustentáveis, tais como limpavidros e aromatizadores de ambiente. Metodologias grupais e participativas foram priorizadas, como a educação acerca dos riscos envolvidos no uso de sanitizantes domésticos e da possibilidade do uso sustentável.

Ao todo, aproximadamente 30 (trinta) mulheres participaram, com idades entre 25 (vinte e cinco) e 80 (oitenta) anos, sendo a maioria casada, tendo a atividade doméstica como ocupação prioritária, e baixa escolaridade. Nos levantamentos realizados com elas, foi identificado o uso frequente de misturas de sanitizantes comerciais, envolvendo situações de risco à saúde.

No primeiro semestre de 2025, o grupo se consolidou e desenvolveu um maior protagonismo e autonomia com relação à organização e proposição das atividades, tendo se apropriado gradativamente dos procedimentos necessários para o desenvolvimento dos produtos sanitizantes e das habilidades de

multiplicar esse conhecimento aos pares.

Sendo assim, de modo a validar essa possibilidade multiplicadora inerente à metodologia extensionista e valorizar o conhecimento que provém das comunidades atendidas pelo projeto, a presente proposta de ateliê busca oferecer aos participantes a possibilidade de experimentar algumas das atividades desenvolvidas e de se relacionar com a equipe responsável e com as mulheres participantes, construindo uma aprendizagem significativa que amplia e dissemina o alcance da construção conjunta de conhecimento.

Objetivos

A exposição aqui proposta objetiva a multiplicação de saberes e conhecimentos relacionados à confecção de saneantes domissanitários sustentáveis, divulgando os produtos gerados a partir das oficinas, bem como a metodologia de obtenção. Além disso, fazem parte das oficinas a conscientização sobre a utilização correta de saneantes comerciais, como também sobre os riscos de certas misturas desses produtos.

O intuito da atividade é contribuir para um processo de aprendizagem imersiva e significativa em sustentabilidade e promoção de saúde mental das participantes, por meio do desenvolvimento de produtos domissanitários com componentes sustentáveis. No encontro presencial com duas horas de duração, as participantes foram orientadas sobre a importância do uso correto de sanitizantes domésticos, bem como sobre as etapas envolvidas no desenvolvimento de alguns desses produtos, das escolhas dos componentes, até a decoração das embalagens, com estratégias dinâmicas e que estimulam o diálogo entre os envolvidos e a convivência coletiva. Ao final, as participantes receberão os produtos que terão desenvolvido e serão convidados a avaliar, de forma dialógica, a atividade.

Público-alvo

Comunidades interna e externa envolvidas, direta e indiretamente, nos projetos de extensão. A atividade foi presencial e com número de vagas limitada a 20 (vinte)

JANNINI, M.J.D.M; PINHEIRO, G.A.; MACEDO, I.; SILVA, J.A. Conscientização sobre o uso correto de saneantes domissanitários visando a prevenção de acidentes, intoxicações e contaminação ambiental. **Diálogos**, v. 19, n. 1, 2014.

LIMA, E. A. Oficinas, Laboratórios, Ateliês, Grupos de Atividades: Dispositivos para uma clínica atravessada pela criação. In: COSTA, C. M. e FIGUEIREDO, A. C. **Oficinas terapêuticas em saúde mental – sujeito, produção e cidadania**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004, p. 59– 81.

PAULISTA, G.; VARVAKIS, G.; MONTIBELLER-FILHO, G. Espaço emocional e indicadores de sustentabilidade. **Ambiente & Sociedade**, v. XI, n. 1, p. 185– 200. 2008.

SOUZA, R. O. L.; SEIXAS FILHO, J. T.; MIRANDA, M. G ; e CARVALHO NETO, F. M. O Impacto dos produtos domissanitários na saúde da população do Complexo do Alemão – Rio de Janeiro. **Química nova na escola (QNEsc)**, v. 37, n. 2, p. 93–97, 2015.

Referências

Mãos que criam, vidas que transformam: cultura e criatividade como ferramentas de inclusão social em Campinas/SP

Bruno Truzzi¹

Guilherme Ferreira Alves²

Resumo

Palavras-chave:

Economia da Cultura; Indústrias Criativas; Extensão Universitária; Inclusão Social; Metodologia.

Este artigo apresenta a metodologia de implementação do projeto de extensão Mãos que Criam, Vidas que Transformam, desenvolvido pela PUC-Campinas entre fevereiro de 2025 e janeiro de 2026. A proposta tem como objetivo promover a inclusão social e o empoderamento de populações vulneráveis por meio da Economia da Cultura e das Indústrias Criativas (Ecic). O percurso metodológico foi estruturado em cinco etapas: diagnóstico, planejamento, execução, divulgação e avaliação, fundamentado em referenciais teóricos que articulam cultura, criatividade, desenvolvimento local e justiça social. Pretende-se discutir como a arte e a criatividade podem funcionar como catalisadores de autoestima, geração de renda e fortalecimento de vínculos comunitários, tendo o território como elemento-chave para a transformação social.

¹Docente, Doutor, da Escola de Economia e Negócios (EcoN/PUC- Campinas).

²Discente de Administração (PUC-Campinas)

Introdução

No Brasil, a histórica superestrutura de desigualdades sociais se expressa das mais diferentes formas, revelando o caráter multidimensional para este cenário. Aspectos raciais, de gênero, classe social e território são dimensões transversais a este complexo cenário, revelando-se as barreiras normativas e socioeconômicas enfrentadas por mulheres e negros no Brasil, historicamente super-representados nos segmentos de renda e escolaridade mais baixos da população brasileira (ADORNO, 1996; FERNANDES, 1964, 1972; GONZALEZ; HASENBALG, 1984; HASENBALG; VALLE-SILVA, 1999; LANGFUR, 2006).

Dados recentes revelam a magnitude desse problema. Em 2022, 59,3 milhões de pessoas viviam em situação de pobreza e a desigualdade social atingiu patamares alarmantes, com um índice de Gini de 0,515 e estimativas apontam para mais de 280 mil pessoas em situação de rua (IBGE, 2022; IPEA, 2022). A violência contra mulheres também se mostra um problema persistente, com 1.437 feminicídios registrados em 2022 (Fórum Brasileiro de Segurança Pública-FBSP, 2022) e o desemprego juvenil atingiu taxas alarmantes, com 14,8% de desocupação entre jovens de 14 a 29 anos (IBGE, 2022).

Em Campinas-SP, a situação não se diferencia significativamente do cenário nacional. Dados de 2020 indicam que 14,7% da população vivia em situação de pobreza (IBGE, 2022). Estimativas apontam para cerca de 1.200 pessoas em situação de rua na cidade, 12 feminicídios foram registrados em 2022 (Secretaria de Segurança Pública de São Paulo-SSP/SP, 2022) e a taxa de desocupação entre jovens era de 12,5% no primeiro trimestre de 2023 (IBGE, 2023).

A demanda por ações urgentes e eficazes, que visem à superação desse cenário, é inegável. Nesse contexto, o presente projeto de extensão, a ser desenvolvido no município de Campinas, interior de São Paulo, entre fevereiro de 2025 e janeiro de 2026, propõe explorar

o potencial da Economia da Cultura e das Indústrias Criativas (ECIC) como ferramenta de inclusão social e empoderamento de pessoas em situação de vulnerabilidade social, incluindo aquelas que residem em áreas periféricas, jovens, pessoas negras, mulheres, pessoas em situação de rua e outros grupos socialmente marginalizados.

A Cultura, em suas múltiplas formas de expressão, desde as artes visuais e cênicas até a música, a literatura e o artesanato, possui um poder singular de transformação social. Este campo transcende a dimensão estética e se revela como um instrumento capaz de fortalecer a autoestima, promover o desenvolvimento de habilidades, estimular a expressão individual e coletiva, e (re)construir identidades positivas. As Indústrias Criativas, por sua vez, compreendendo um conjunto de atividades que englobam design, moda, gastronomia, produção audiovisual e outras áreas, oferecem oportunidades concretas de geração de renda, inserção no mercado de trabalho e participação ativa na economia local.

A articulação entre Cultura, Indústrias Criativas e o instrumental Econômico, portanto, configura-se como uma estratégia promissora para enfrentar os desafios da vulnerabilidade social. Ao investir no potencial criativo e cultural de indivíduos e grupos marginalizados, o projeto de extensão almeja capacitá-los a construir projetos de vida dignos, pautados na autonomia, na cidadania e no pleno exercício de seus direitos.

Dados sobre Desigualdade Social e Vulnerabilidade em Campinas

Localizada no interior de São Paulo, Campinas é um polo urbano e econômico de relevância no cenário nacional. Com uma população de 1.139.047 habitantes (IBGE, 2022), a cidade se destaca como a terceira mais populosa do estado, evidenciando sua importância demográfica. Sua economia diversificada, impulsionada pelos setores industrial, de serviços e tecnológico, abriga empresas de grande porte e um polo tecnológico em constante expansão. Além disso, Campinas se consolida como um centro de pesquisa e desenvolvimento, abrigando universidades renomadas como a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e o histórico Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), que contribuem para o avanço científico e tecnológico da região.

Apesar de sua relevância econômica e na produção de conhecimento e tecnologia, Campinas/SP, assim como outras cidades brasileiras, enfrenta desafios sociais. Ainda que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH-M) tenha registrado valor de 0,81 em 2010, alcançando o município às mais elevadas colocações do ranking nacional; bem como, que os dados mais recentes para o PIB classifiquem Campinas como o 12º colocado no ranking nacional (IBGE, 2021), diversos aspectos ligados às desigualdades sociais persistem. O Boletim 58 da Secretaria Municipal de Saúde de Campinas (SMS-Campinas, 2022) revela desigualdades sociais significativas na mortalidade, com um risco consistentemente maior de óbito nos moradores de áreas com menor Nível Socioeconômico (NSE). Um estudo do Observatório PUC-Campinas expõe a vulnerabilidade social das mulheres, em especial pretas e pardas, com renda média mensal de R\$ 145,43, evidenciando a desigualdade até mesmo entre os indivíduos de baixa renda (Observatório PUC-Campinas, 2020).

Economia da cultura e geração de renda

A cultura, em suas diversas formas, é um motor de desenvolvimento econômico e social. As indústrias criativas, em particular, têm um papel fundamental na geração de emprego, renda e inovação (Throsby, 2001; UNCTAD, 2018).

O mundo está diante de novas tendências globais, que impactam o ambiente econômico e todas relações sociais (WEF, 2024). Um novo padrão de globalização, mudanças climáticas, demográficas, nos padrões de consumo, a digitalização da economia, Inteligência Artificial (IA) generativa e flexibilização das relações trabalhistas são exemplos das novas dinâmicas globais (IET *et al.*, 2023). Em função da superestrutura de desigualdades sociais, especialmente em termos de gênero e raça/cor, os países do chamado Sul Global tendem a enfrentar desafios ainda maiores e questões históricas terminam por se aprofundar: acesso à saúde, acesso à educação, acesso à cultura e desiguais condições de inserção laboral.

As novas tendências econômicas e sociais geraram consequências divergentes para os mercados de trabalho em todo o mundo em 2023 (WEF, 2024). A nível individual, os resultados do mercado de trabalho também são divergentes, uma vez que os trabalhadores apenas com educação básica, negros, mulheres e, especialmente, os jovens enfrentam níveis de emprego mais baixos (IBGE, 2022). Diante deste cenário, alguns setores, tipos de ocupações e conhecimentos oferecem potenciais caminhos para superar os desafios impostos. Dentre estes, destacam-se a Economia da Cultura e das Indústrias Criativas (ECIC), a Economia Digital, as Economias Prateada e do Cuidado, os empregos verdes e os conhecimentos lógicos e matemáticos. Em função de seu potencial e dinamismo, estes setores são conhecidos como: “as Economias do Futuro” (IET *et al.*, 2024).

Com a maior valorização do conhecimento como insumo essencial para a dinâmica atual da economia global e mesmo diante

da mudança do paradigma de consumo, com consumidores migrando de bens para serviços, a Economia da Cultura e das Indústrias Criativas (ECIC) ganharam maior representatividade nos últimos anos (Itaú Cultural, 2023).

Entre os 4º trimestres de 2022 e 2023, o emprego na economia criativa demonstrou variação positiva de 4% (+287 mil postos de trabalho), alcançando o número total de 7.747.315 de trabalhadores, o mercado de trabalho da Economia da Cultura e das Indústrias Criativas (ECIC) atinge seu maior patamar desde o início da série histórica disponível.³ Comparativamente, no mesmo período, a taxa de variação no emprego da economia brasileira foi de 2% (1,6 milhões de postos de trabalho) (Fundação Itaú, 2024).

Quanto ao tipo de vínculo de trabalho, entre os 4º trimestres de 2022 e 2023, observa-se uma ampliação mais intensa dos postos de trabalhos formais na economia criativa (+3%), comparativamente à formalização do agregado da economia brasileira (+1%). Ainda assim, nota-se que a Ecic registrou um aumento mais intenso da informalidade (+5%) comparativamente à formalidade (+3%). No agregado da economia brasileira, a informalidade ampliou-se em 3% (Fundação Itaú, 2024).

Quanto ao perfil de gênero e raça/cor dos trabalhadores da economia criativa, observam-se algumas semelhanças e diferenças em relação ao agregado da economia brasileira. Em linha com a economia brasileira, a Ecic apresenta maior participação masculina (55% de homens) na composição da força de trabalho. Ainda assim, a participação feminina na economia criativa é ligeiramente maior em relação ao total da economia brasileira: 45% e 43%, respectivamente. Considerando o aspecto étnico-racial, no mesmo período de análise, a participação de negros (agregado de pretos e pardos, 41%) na economia criativa mostra-

³ Utilizando dados trimestrais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADc), divulgada periodicamente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Painel de Dados da Fundação Itaú extrai, sistematiza e divulga informações sobre o mercado de trabalho da Economia da Cultura e das Indústrias Criativas (Ecic) a partir de informações disponíveis desde o 1º trimestre de 2012. Acesse, aqui, a metodologia completa do Painel de Dados da Fundação Itaú.

se menos expressiva do que para o agregado da economia brasileira (55%) (Fundação Itaú, 2024).

No 4º trimestre de 2023, o salário médio da economia criativa (R\$4,5 mil) superou em cerca de 50% o salário médio da economia brasileira (R\$3 mil). Ainda assim, quando focalizada, a transversalidade das desigualdades de gênero e raça/cor da economia brasileira também se expressam na economia criativa. Os salários médios de pretos (R\$2,8 mil) e pardos (R\$3 mil) registraram valor 45% inferior aos dos trabalhadores brancos (R\$5,6 mil) da economia criativa. Além disso, em todos os grupos raciais analisados, as mulheres auferem salários inferiores aos dos homens. No período em questão, os salários das mulheres (R\$3,2 mil) é, em média, 42% inferior ao dos homens (R\$5,6 mil) (Fundação Itaú, 2024).

Economia criativa, inclusão social e saúde mental

A cultura e as artes podem ser ferramentas poderosas para a inclusão social, promovendo a autoestima, o desenvolvimento de habilidades e a participação cidadã (GIRARD, 2014). Ao oferecer oportunidades para que indivíduos e grupos marginalizados se sintam parte da sociedade e desenvolvam seu potencial, as pessoas podem:

Fortalecer a autoestima: a participação em projetos culturais e artísticos, como oficinas de música, teatro ou dança, permite que os indivíduos descubram e desenvolvam suas habilidades, o que contribui para o aumento da autoestima e da confiança em si mesmos;

Desenvolver habilidades: as atividades culturais e artísticas podem ajudar a desenvolver diversas habilidades, como a criatividade, a expressão, a comunicação, o trabalho em equipe e a resolução de problemas. Essas habilidades são valiosas não apenas no âmbito pessoal, mas também no mercado de trabalho;

Exercer a cidadania: a participação em projetos culturais e artísticos que abordam temas sociais e políticos permite que os indivíduos reflitam sobre a realidade que os cerca e se engajem na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Estudos têm demonstrado o impacto positivo da cultura e das artes na inclusão social. Uma pesquisa realizada pela UNESCO (2019), por exemplo, revelou que a participação em atividades culturais e artísticas está associada a um maior senso de pertencimento e participação cívica.

Já em relação à saúde mental, a arte e a cultura têm um impacto positivo, auxiliando na redução do estresse, da ansiedade e da depressão (STUCKEY; JORGENSEN, 2010). Ao se envolver com atividades artísticas, como ouvir música, pintar, desenhar ou dançar, as pessoas podem:

Reduzir o estresse e a ansiedade: a arte e a cultura podem ser uma forma de relaxamento e de escape dos problemas do dia a dia, ajudando a reduzir os níveis de estresse e ansiedade;

Melhorar o humor: a participação em atividades artísticas prazerosas pode estimular a liberação de neurotransmissores associados ao bem-estar, como a dopamina, o que contribui para a melhora do humor;

Desenvolver a expressão emocional: a arte e a cultura podem ser um canal para expressar emoções complexas, como a tristeza, a raiva ou o medo, o que pode ser terapêutico para lidar com essas emoções de forma mais saudável.

Uma pesquisa publicada no periódico *The Arts in Psychotherapy*, em 2010, por exemplo, mostrou que a participação em atividades artísticas, como a pintura e a escultura, pode reduzir os sintomas de ansiedade e depressão em adultos (STUCKEY; JORGENSEN, 2010).

O Espaço Humano e a Ação Social

A intrínseca relação entre território e as dinâmicas sociais que

moldam o espaço é central na obra de Milton Santos (1977, 2006). Seus conceitos de “meio técnico- científico-informacional” e “rugosidades” desvendam a complexa interação entre organização social, econômica e a configuração do espaço urbano, com destaque para o impacto nas populações vulneráveis. O “meio técnico-científico-informacional”, conjunto de infraestruturas, tecnologias e informações, estrutura o espaço, revelando desigualdades em sua distribuição (SANTOS, 2006). As “rugosidades”, marcas do tempo e do uso do território, expõem cicatrizes urbanas, como áreas de pobreza e infraestruturas deterioradas, evidenciando a desigualdade social (SANTOS, 1977).

A interação entre o meio técnico-científico-informacional e as rugosidades impacta diretamente as populações vulneráveis, marginalizadas e excluídas do acesso a recursos e oportunidades (SANTOS, 2006). A falta de infraestrutura, a moradia precária, a violência e a segregação espacial são algumas manifestações dessa exclusão. A obra de Milton Santos convida à reflexão sobre a produção do espaço urbano e à busca por cidades mais justas, considerando a complexa interação entre atores sociais, relações de poder e dinâmicas econômicas, visando soluções que atendam às necessidades de toda a população (SANTOS, 1977).

Justificativa do projeto

As populações vulneráveis em Campinas-SP enfrentam desafios complexos e interligados, como a falta de moradia, de oportunidades, de apoio social e psicológico, a discriminação e a violência. A Economia da Cultura e das Indústrias Criativas (ECIC) podem ser um catalisador para a superação dessas dificuldades, proporcionando:

Empoderamento: através da expressão artística e cultural, os participantes podem fortalecer sua autoestima, confiança e senso de pertencimento;

Desenvolvimento de habilidades: oficinas de arte, música, dança, teatro, artesanato e outras atividades criativas podem desenvolver habilidades valiosas para a vida pessoal e profissional;

Geração de renda: a capacitação em áreas como design, moda, gastronomia, produção audiovisual e outras pode abrir portas para a inserção no mercado de trabalho e a geração de renda;

Promoção da saúde mental: a arte e a cultura podem ser um refúgio para lidar com traumas, ansiedade e outros problemas de saúde mental, promovendo o bem-estar emocional;

Fortalecimento de vínculos sociais: as atividades em grupo podem criar laços de solidariedade, apoio mútuo e senso de comunidade.

Objetivos

Geral: Promover a inclusão social e o empoderamento de populações vulneráveis em Campinas/SP, por meio Economia da Cultura e das Indústrias Criativas (ECIC).

Específicos:

- Realizar oficinas de arte, música, dança, teatro, artesanato e outras atividades culturais, visando o acolhimento psicológico, melhoria da autoestima, bem como oferecendo alternativa para geração de renda e capacitação para o mundo do trabalho;
- Capacitar os participantes em áreas das indústrias criativas, como design, moda, gastronomia e produção audiovisual, visando o acolhimento psicológico, a melhoria da autoestima, bem como oferecendo alternativas para geração de renda e capacitação para o mundo do trabalho;
- Promover a produção e a divulgação de trabalhos artísticos e culturais dos participantes, valorizando a diversidade e a expressão individual e coletiva;
- Oferecer apoio social e psicológico aos participantes, em colaboração com a rede de assistência social do município e outras entidades parceiras;
- Estabelecer parcerias com empresas e instituições locais para facilitar a inserção dos participantes no mercado de trabalho e o acesso a oportunidades.

Metodologia

A metodologia do projeto Mãos que Criam, Vidas que Transformam não se limita à realização de oficinas culturais e criativas, mas estrutura-se como um processo de pesquisa-ação e extensão participativa, que tem como eixo central a escuta ativa, o diálogo e a coprodução de saberes. O diferencial está em articular quatro dimensões: escuta/reflexão, formação, criação de conexões e integração territorial.

Diagnóstico (fevereiro a maio de 2025):

Escuta ativa: levantamento das necessidades e expectativas dos participantes por meio de entrevistas, rodas de conversa e observação participante.

Diálogo territorial: articulação com lideranças comunitárias, CRAS, CREAS, ONGs e coletivos culturais para compreender vulnerabilidades e potencialidades locais.

Reflexão crítica: uso das categorias de Milton Santos (2006) para identificar as “rugosidades” e as desigualdades territoriais de Campinas.

Planejamento (junho e julho de 2025):

Formação colaborativa: coelaboração dos planos de oficinas com os próprios participantes e parceiros locais, valorizando saberes comunitários.

Conexões com o poder público e redes de fomento: aproximação com secretarias municipais, equipamentos culturais, universidades e instituições privadas para buscar apoio logístico, financeiro e de políticas públicas.

Criação de redes: envolvimento de artistas locais, produtores culturais e empreendedores criativos para fortalecer o ecossistema de cultura e criatividade da cidade.

Execução (agosto de 2025 a janeiro de 2026):

Formação em artes e indústrias criativas: realização de oficinas de música, teatro, dança, artes visuais, moda, gastronomia e audiovisual, com acompanhamento psicológico e social.

Espaços de reflexão: rodas de conversa após as oficinas, promovendo a troca de experiências, o fortalecimento da autoestima e a construção de vínculos sociais.

Conexões práticas com o território: visitas a espaços culturais, feiras criativas e empreendimentos locais, aproximando os participantes de oportunidades reais de inserção produtiva.

Divulgação (novembro de 2025 a janeiro de 2026):

Visibilidade comunitária: mostras culturais, feiras criativas, catálogos digitais e exposições em espaços públicos.

Articulação em rede: promoção de parcerias com veículos de comunicação, conselhos de cultura e redes acadêmicas para dar maior alcance às produções.

Avaliação (novembro de 2025 a janeiro de 2026):

Avaliação participativa: coleta de depoimentos e grupos focais com os participantes, de modo a incluir suas percepções como critério de impacto.

Indicadores sociais e culturais: análise de autoestima, geração de renda, vínculos comunitários e inserção em redes de apoio.

Produção de conhecimento: elaboração de relatórios e artigos científicos que sistematizem o processo metodológico e seus resultados, ampliando a contribuição do projeto para o campo da extensão universitária.

Resultados preliminares/ esperados

A proposta metodológica articula extensão universitária, economia criativa e justiça social em um formato inovador. Ao contrário de ações pontuais, o projeto busca consolidar uma rede de apoio comunitária sustentável, ampliando as possibilidades de inclusão produtiva e cidadã.

Espera-se que a metodologia contribua não apenas para resultados imediatos (formação, autoestima, geração de renda), mas também para o fortalecimento de políticas públicas locais de cultura e assistência social. A combinação entre arte, território e economia cria um espaço fértil para repensar os papéis da universidade e da cultura no enfrentamento das desigualdades urbanas.

Considerações Finais

O presente Projeto de Extensão foi elaborado de modo a corresponder a um esforço tangível para atenuar os impactos da vulnerabilidade social e impulsionar a inclusão e o empoderamento de grupos marginalizados no município de Campinas-SP. Ao alçar a Economia da Cultura e das Indústrias Criativas (ECIC) à condição de eixos norteadores de sua atuação, o projeto coaduna com uma perspectiva contemporânea que reconhece o poder transformador da arte e da criatividade na vida dos indivíduos e das comunidades e que apreende a importância da dimensão territorial na análise da vulnerabilidade social e na proposição de soluções inovadoras.

Considerando que a arte, em suas múltiplas formas de expressão, possui a capacidade de despertar o potencial criativo inerente a cada ser humano proporcionando, assim, um espaço de expressão, de reflexão e de (re)significação da própria história, ao estabelecer um diálogo com a cultura, os participantes do projeto são convidados a transcender suas experiências de exclusão e a (re)construir suas identidades, fortalecendo a autoestima, o senso de pertencimento e a capacidade de almejar um futuro distinto.

As indústrias criativas, por sua vez, oferecem um leque de oportunidades para que os participantes desenvolvam habilidades valiosas, explorem suas vocações e se capacitem para ingressar no mercado de trabalho. Ao investir na capacitação de profissionais criativos e empreendedores, o projeto contribui para a geração de renda, para o desenvolvimento local e para a construção de projetos de vida autônomos e dignos.

A Economia da Cultura e das Indústrias Criativas (ECIC), em sinergia com o apoio da comunidade local e o engajamento dos participantes, constituem ferramentas poderosas para a transformação social. Ao promover a inclusão, o empoderamento e o

desenvolvimento humano, o projeto de extensão almeja construir uma sociedade mais justa, igualitária e humana em Campinas-SP.

Além disso, o projeto Mãos que Criam, Vidas que Transformam propõe uma metodologia capaz de unir cultura, criatividade e território em uma estratégia de inclusão social. A ênfase na pesquisa-ação e na avaliação participativa garante que o processo seja construído com e para os sujeitos em situação de vulnerabilidade.

É crucial frisar que o êxito do projeto dependerá do envolvimento de todos os atores sociais envolvidos, desde a equipe executora e os parceiros institucionais até os participantes e a comunidade em geral. Somente por meio de um esforço coletivo será possível tecer uma rede de solidariedade e de oportunidades que permita às populações vulneráveis trilhar um caminho de superação e de (re)construção de suas vidas.

Nesse sentido, é fundamental destacar que a inclusão social não se restringe à dimensão econômica, mas também envolve a dimensão territorial, ou seja, o acesso a um espaço urbano justo, democrático e inclusivo. A Economia da Cultura e das Indústrias Criativas (ECIC) pode ser agente de transformação do espaço urbano, promovendo a revitalização de áreas degradadas, a valorização da identidade local e a criação de espaços de convivência e de expressão cultural.

As atividades culturais e criativas podem gerar novas centralidades, fortalecer a economia local e promover a inclusão social em diferentes escalas do território. A produção cultural e criativa pode contribuir para a (re)apropriação do espaço público pelas populações marginalizadas, garantindo o direito à cidade e à participação cidadã.

A dimensão territorial da inclusão social se manifesta na criação de projetos que valorizem a diversidade cultural, a memória coletiva e o patrimônio material e imaterial das comunidades. Ao promover a (re)apropriação do espaço público, o projeto contribui para a construção de um espaço urbano mais humano, onde as diferenças

são valorizadas e as populações vulneráveis têm suas necessidades e direitos atendidos.

Por fim, espera-se que este projeto sirva de inspiração para outras iniciativas que busquem, na cultura e na criatividade, um caminho para a construção de um futuro mais justo e promissor para todos.

Referências

ADORNO, S. Desigualdade racial no Brasil contemporâneo. **Estudos Avançados**, v. 10, n. 28, 1996.

COELHO, M. R. Apresentação: raça, classe e gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 64, 1988.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Dominus, 1964.

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difel, 1972.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. 2023.

GIRARD, G. **Cultural Development: A Critical Study**. Paris: UNESCO Publishing, 2014.

GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Garamond, 1984.

HASENBALG, C.; VALLE-SILVA, L. Educação e desigualdade racial no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 107, 1999.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 7 fev. 2025.

IPEA. Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2022.

LANGFUR, L. Violência e raça no Brasil: um estudo sobre homicídios (1980– 2002). **Dados**, v. 49, n. 3, 2006.

Observatório PUC–Campinas. Disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/observatorio/estudos/>. Acesso em: 7 fev. 2025.

SANTOS, M. **O Espaço Humano**. Editora Edusp, 2006.

SANTOS, M. **Sociedade e Espaço**: formação social e função do território. São Paulo: Editora Hucitec, 1977.

Secretaria de Segurança Pública de São Paulo. Estatísticas Criminais. 2023.

STUCKEY, H. L.; & JORGENSON, R. The connection between art, healing, and public health: A review of current literature. **American Journal of Public Health**, v. 100, n. 2, p. 254–263, 2010.

THROSBY, D. **Economics and Culture**. Cambridge University Press, 2001.

UNCTAD. Creative Economy Outlook: Trends, Challenges and Opportunities. UNCTAD, 2018.

Metodologia de cooperação institucional para políticas habitacionais integradas: programa pro-habitat, PUC-Campinas

Claudio Manetti¹

Fabio Boretti Netto de Araujo²

Carolina Brigagão Afonso dos Santos³

Bianca Prado⁴

Marianna Viziack de Angelis⁴

Resumo

Este artigo apresenta um dos trabalhos realizados pelo Programa PRO-HABITAT, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em parceria com a Prefeitura Municipal de Piracicaba, formalizado mediante Termo de Cooperação Técnica, de 2024, cujo teor engloba tanto o desenvolvimento da política habitacional do município, bem como para seus desdobramentos nas áreas da pesquisa e extensão acadêmica.

Palavras-chave:

**Cooperação Institucional;
Políticas Públicas;
Extensão e Pesquisa.**

¹ Docente Pesquisador e Responsável pelo ProHabitat, PUC-Campinas

² Docente Extensionista, ProHabitat, PUC-Campinas

³ Discente bolsista de Extensão (2024), ProHabitat, PUC-Campinas

⁴ Discente voluntária de extensão (2025), ProHabitat, PUC-Campinas

Introdução

Em meados de 2024, foi assinado um Termo de Cooperação Técnica institucional entre a Pontifícia Universidade Católica de Campinas e a Prefeitura Municipal de Piracicaba, que homologou a realização de trabalhos entre a SEMUHGET⁵ e o Programa Pro-Habitat, que estabeleceu parâmetros e procedimentos voltados para a construção da política pública municipal, utilizando-se dos dispositivos já existentes no conjunto legislativo, ancorados pelo Plano Diretor Municipal. Ainda que tais dispositivos estejam enunciados como o Programa Municipal de Assistência Técnica à Habitação de Interesse Social – PATHIS, houve a necessidade, por bem, de buscar meios e formas de implementá-los mediante um novo escopo técnico entre as partes, permitindo aproximações de cunho público social, o que vem a estabelecer prerrogativas de fortalecimento político da gestão urbana, assim como seus desdobramentos no âmbito da gestão de espaços da cidade e novas reivindicações de futuro, bem construídas junto à população.

Cabe ressaltar que os trabalhos advindos das práticas municipais levam em conta a identificação de áreas ocupadas e suas localizações numa visão geopolítica das intervenções por compartimentos identificados como um arranjo territorial de problemas e similaridades. Ainda nesse contexto, cabe aos programas de escala estruturar abrangências que permitam amplificar ações e destinar planos de aplicação de recursos. Dentre as inúmeras leituras e levantamentos, estão previstos o reconhecimento de estrutura física

⁵ A Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Territorial de Piracicaba SEMUHGET passou por reformulações administrativas a partir do novo governo municipal, que se iniciou em janeiro de 2025. Pela estruturação política administrativa de Piracicaba, novas secretarias, cujo objeto fim se aproximam das ações relacionadas às questões urbanas propriamente ditas, estão subdivididas em setores distintos, como habitação, obras de infraestrutura, equipamentos institucionais e políticas públicas de desenvolvimento territorial, além de assuntos vinculados diretamente ao meio ambiente, cultura, assistência social e regularização fundiária. As novas atribuições dessas pastas e orçamentos pressupõe desafios de integração de políticas e programas de atuação nos contextos mais sensíveis da cidade e

e ambiental, a rede de suportes urbanos, a base legal da propriedade da terra, as infraestruturas e superestruturas interagentes e todos os pressupostos e possibilidades que devem ser implementados diante do ideal de consolidação urbana, miscigenando cidades diversas pelo direito equânime de ser uma só.

Essas ações municipais demonstram que as diversas formas de reconversão de áreas fragmentadas e degradadas, incluindo áreas de risco por deslizamento ou inundação, já se apresentam como base concreta de atuação em análise prévia, bem como suas amplitudes de escala, fortalecendo questões programáticas e cronogramas estratégicos de continuidade.

Portanto, como tática, a metodologia adotada foi sendo constituída gradualmente, par e passo, cujos fundamentos permitissem apontar para a solidez técnica das escolhas e proposições, e como experimentações concretas, de interesse mútuo convertido em processos de organização e ações no município. Do ponto de vista da universidade, tais questões apontam para a formalização institucional das normativas internas, otimizando aspectos relativos a processos de pesquisa, trocas institucionais entre organismos voltados para a formação de quadros, e consolidação do conjunto de programas de extensão existentes.

Diante do número de demandas do município, quanto aos núcleos habitacionais que apresentam fragilidades evidentes, optou-se por aprofundar os encaminhamentos e análises nas áreas que já estivessem num estágio mais adiantado para desencadear novas medidas e intervenções a partir da regularização da terra. Pelas informações obtidas, o município conta com 25 núcleos já regularizados.

Esses núcleos estariam aptos a entrar numa nova fase de qualificação habitacional e demais intervenções urbanas. Como método, optou-se pela escolha de área denominada Jardim Glória. Essa estratégia se apoia na brevidade de prazos e contingente técnico, além de ser um esforço de aproximação de uma área que se destaque como sendo representativa – “a parte que contenha o todo”; ou seja, diante da multiplicidade dos problemas nos diversos núcleos habitacionais do

município, saber priorizar é constituir critérios como parte da política pública.

O núcleo habitacional Jardim Glória está localizado entre as ruas Maestro Pettermann, Raposo Tavares, Presidente Rodrigues Alves, Albert Einstein, articuladas pela avenida das Monções, que acompanha paralelamente o córrego do Enxofre. A área está inserida no bairro Vila Cristina, quase que incrustada em relevo de anfiteatro, numa grota, micro bacia do Enxofre.

A nascente está guardada pela capela São Francisco de Assis e Santa Clara, magnífica obra edificada pelo Frei Francisco Erasmo Sigrist (1932–1998). A história do lugar está intimamente ligada a história do Frei Sigrist, diante dos desafios que transformou a favela de 1980 num conjunto de relações urbanas que se confundem com o bairro da envoltória. Dentre as lutas de reconversão do lugar estão as edificações de moradias, contenções e drenagens, instalações de água e saneamento básico, além das benfeitorias, como os muros de pedra, a capela e o plantio de palmeiras que marcam solemente o caminho das “portas” do novo bairro até o desfecho no largo da capela.

Atualmente, o Jardim Glória conta com cerca de 150 unidades habitacionais com aproximadamente 800 habitantes (SEMUHGET, 2008). Novas intervenções vieram a se somar aos esforços da comunidade, contemplando ações públicas relacionadas ao processo de regularização fundiária implementado pela Prefeitura Municipal de Piracicaba, em julho de 2020.

Nesse sentido, a eleição do Jardim Glória como “estudo de caso”, para o norteammento dos trabalhos do Termo de Cooperação, se faz como amostra significativa do conjunto potencial do escopo para o desenvolvimento do Plano Habitacional Municipal.

Duas linhas embasam preliminarmente a experiência:

1. Constituir meios e processos de estruturação, parte a parte, das premissas do Plano Municipal de Habitação com base no conjunto das experiências concretas de Piracicaba e questões trazidas do inter-relacionamento institucional e a população moradora do lugar;

2. Atuar diretamente em áreas, cujo estágio de reconversão urbana e habitacional já se mostrem oportunas quanto aos desdobramentos no âmbito das unidades habitacionais, considerando a composição de fomentos, novos desdobramentos de qualidade urbana e novos planos e projetos afinados à política pública com reciprocidades técnicas e reflexivas na Universidade.

As primeiras leituras técnicas do lugar realizadas a partir do Termo de Cooperação apontam para a necessidade de compreendê-la como um contexto relacionado às diversas escalas de abrangência entre a moradia e suas inter-relações com a cidade, tanto quanto nas questões da paisagem edificada dos bairros que a conforma, como nas relações geográficas marcadas pelos problemas ambientais da bacia hidrográfica do Enxofre, especialmente nos núcleos localizados no quadrante intermediário do médio Enxofre, onde estão as nucleações precárias em áreas de risco por deslizamentos⁶.

Pode-se dizer que este compartimento abriga um mosaico de problemas que apontam para soluções que devem contemplar as interfaces entre as águas (abastecimento e saneamento), drenagens, ausência de unidades de organização entre edificações, espaços livres e áreas de reserva ambiental.

Sobre o olhar “intramuros” no âmbito do Jardim Glória, o grupo técnico de trabalho organizou um conjunto de pressupostos para implementar o levantamento das condições físicas e ambientais das habitações e suas relações com os bairros de entorno imediato.

É a partir desse processo de entrevistas com as famílias moradoras sobre as condições físicas dos imóveis e o registro técnico das condicionantes de cada edificação que irá se evidenciar, no mapeamento das possibilidades de constituição de categorias, quanto aos graus de precariedade de cada qual, nos quais os resultados deverão permitir a obtenção de informações mais detalhadas que apoiem as intervenções isoladas ou em agrupamentos de unidades.

⁶ Ver os trabalhos acadêmicos de Extensão do curso de Engenharia Civil, disciplina do primeiro ano da Projeto Ambiental, ministrada pelos professores Engenheiro Agrônomo Ms. Álvaro André Francato, Geólogo Ms. Paulo Locatelli, na qual os grupos de estudo puderam realizar leituras territoriais e reconhecimento dos trechos de alteração do sistema hídrico e ambiental da bacia do Córrego do Enxofre.

A proposta de converter o núcleo que ainda revela problemas físicos, bem como a realidade socioeconômica de seus moradores, a contar com o levantamento das edificações e suas abrangências urbanas, aponta para a composição de forças públicas e recursos associados, na garantia de estabelecer um cronograma de ações pela totalidade da área. Uma das reuniões com os moradores permitiu que as famílias presentes se manifestassem quanto ao estado físico das habitações do bairro. Nesse sentido, resolveu-se, por bem, elaborar uma planilha de leitura e de reconhecimento das habitações (isoladas e em conjunto), a fim de fundamentar os levantamentos técnicos em campo, via Diagnósticos Edifícios e Urbanístico.

Módulo 1: Relação Lote / Rua⁷

- **Acessibilidade:** diferença de cotas de nível entre soleira da unidade habitacional, nas cotas de acesso, bem como nas áreas de calçada onde o percurso é conflituoso, e em ruas com declividades altas e pavimentos alterados;
- **Drenagem Superficial:** diferença de cotas entre térreos decorrentes das variações de níveis que comprometam a drenagem das águas pluviais das vias de acesso às residências;
- **Identificação de Residências:** endereços, números, catálogos da residência em serviços de diferentes secretarias públicas;
- **Padrões de Energia e Água:** agrupamentos de conjunto edificados, cuja similaridade se dê, constituindo blocos de intervenção;
- **Divisas entre Lote e Calçadas:** existência de limites físicos (muro, cercamento, gradil etc.), avaliando características de fechamentos, e reconhecer a existência de eventuais patologias estruturais;
- **Edificações em Divisas de Lotes:** avaliar diferença entre cotas

⁷ Este módulo poderá ser aferido em casas isoladas e (ou) grupos de casas em situação análoga, devido a interferência de características extra lotes que impactam mais do que em apenas uma residência do conjunto edificado.

de nível entre terrenos vizinhos, drenagem entre lotes e vielas sanitárias, ou qualquer interferência observada.

Módulo 2: Características Estruturais/Construtivas

- **Identificação do Sistema Estrutural:** localização de pilares, vigas e do sentido de apoio das lajes (quando visível). Observar outras formas de técnicas de edificação, assim como alvenaria estrutural ou outros materiais utilizados;

- **Análise Estrutural:** identificar e mensurar características físicas dos elementos estruturais (pilares, vigas e lajes) e eventuais patologias estruturais como trincas, rachaduras, armaduras expostas, ausência de preenchimento estrutural etc.;

- **Estrutura de Cobertura:** identificar tipologias de cobertura, elementos da estrutura da cobertura e eventuais patologias estruturais e construtivas, drenagem das águas pluviais, condutores, rufos, calhas etc.;

- **Fundações, Aterros, Arrimos:** identificar possíveis alterações em cotas de nível, deslizamentos estruturais, trincas, fissuras em arrimos, alvenarias com rachaduras que poderiam ser causadas por recalques de fundações, ou outras variáveis;

- **Alvenarias:** identificar os elementos das alvenarias, suas características construtivas e estruturais, identificar fissuras, trincas, frestas etc.;

- **Reboco e Revestimentos:** identificar características de revestimentos de alvenarias (quando houver). Identificar infiltrações, pontos de umidade e demais patologias causadas por capilaridades, ausência de impermeabilização, ausência de infraestruturas de drenagem (superficial em vielas, escadas expostas e interferência entre habitações – ou subterrâneas, especialmente em casos de vazamentos ou condução de fluxos em vias);

- **Contrapisos e Pisos:** situações de pavimentação interna das edificações e nas extensões das áreas externas. Observar os casos de

assentamentos, tipos (derrapantes e antiderrapantes);

- **Pinturas:** observar as condicionantes das paredes externas e internas quanto as pinturas e revestimentos de paredes.

Módulo 3: Salubridade em Ambientes Construídos

- **Esquadrias:** avaliar dimensão e funcionamento das esquadrias. Área de luz e ventilação dos ambientes, conflitos com vizinhança;

- **Temperatura:** aferir temperaturas internas dos ambientes e identificar características de forro e ventilação que possam, no ambiente avaliado, causar eventual excesso de temperatura.

Módulo 4: Instalações Prediais

- **Infraestruturas de Abastecimento:** avaliar pontos de abastecimento de água fria, condições de instalações de abastecimento de água (registros, torneiras, conexões em pias, vasos sanitários, tanques etc.);

- **Infraestrutura de Saneamento:** avaliar pontos de esgotamento sanitário, caixa de gordura e conexão com a rede pública (quando houver); quando não houver, observar outras formas de conexões com áreas externas, identificar o tipo de esgotamento sanitário da residência (fossa séptica, conexão irregular com outras redes ou descarte in natura irregular);

- **Infraestrutura Elétrica:** avaliar a quantidade de pontos de elétrica por ambiente, característica da fiação, tomadas e interruptores. Avaliar, também, se a fiação está exposta ou em eletrodutos (expostos ou embutidos nas alvenarias).

Módulo 5: Programa, Usos e Funções

- **Caracterização das Famílias por Unidade Habitacional (ou**

das famílias por residência): número de indivíduos, idades, graus de parentesco, condições físicas de cada membro da família, funções motoras, ocupação interna dos espaços da unidade;

- **Conflitos no uso de ambientes internos:** identificar possíveis zonas de conflitos, sejam pela dimensão dos espaços, usos adequados e concentrações entre usuários e os lugares da residência;

- Potencialidades de reformulação de espaços internos e externos de cada unidade: observar áreas subutilizadas ou espaços residuais pertinentes a intervenções de ampliação ou reformas, identificação de novas necessidades ou de adição de novos cômodos, observar potencialidades de ajustes ou reformas entre unidades, nos casos de agrupamento de resoluções.

Módulo 6: Habitação e Seu Contexto

- **Totalidade da área (ou gleba), bem como a pertinência das correlações de entorno imediato:** observar, em campo e na aplicação de ferramentas e mapeamentos de escala dos bairros, potencialidades de intervenções em agrupamentos de unidades e em outras formas de intervenção que se considere como hipótese de projetos na escala do bairro (ou unidade urbana estudada);

- **Estruturas em redes de mobilidade dos bairros:** estabelecer levantamentos das redes viárias, transportes e sistemas hídricos (bacias hidrográficas), que reestabeleçam as tessituras urbanas, incluindo-se, também, as áreas livres, equipamentos etc.;

- **Reconhecer os sistemas ambientais:** observar os tecidos urbanos e seus vazios [sistemas de áreas livres], assim como as categorias de reconversão e suas implicações na política ambiental municipal;

- Elaboração de planos e projetos que alimentem o programa de urbanização e inserção habitacional e ambiental das comunidades localizadas inicialmente nas bacias hidrográficas onde se encontram os núcleos identificáveis para desdobramentos do programa no âmbito da bacia do Córrego do Enxofre.

Considerações finais

Do ponto de vista das correspondências entre organismos institucionais [universidade/sociedade], se abrem novas oportunidades de aprendizado, nas quais os parceiros necessitam descobrir quais seriam as melhores combinações e arranjos para operar metas de resolução de problemas diversos.

Três pressupostos revelam possibilidades de atuação conjugada:

i) Composição técnica equilibrada para desenvolvimento de programas públicos na construção de políticas de acesso à cidade – cooperação como aliança;

ii) Constituição de prazos para implementação de projetos, planos e programas com possibilidades de dilatação ou de outras formas de extensão, dadas as variações temporais de cada agente – tempo como caminho;

iii) Captação de recursos em diversas fontes de fomento, cuja dimensão dos acordos se constituam em composição de forças que garantam a plena execução de produtos mais inteiros – orçamento como chancela.

Assim, a estruturação de metas para formatação do escopo do programa de recuperação territorial em áreas carentes condicionadas à requalificação de moradias na cidade acentua o conceito de habitação para as questões diretamente ligadas à requalificação urbana e ambiental. Habitar a cidade, cultivar cidadanias.

Mulheres (em saída)¹: documentário dá voz a grupo de migrantes do jardim Campo Belo

Cecília Helena Toledo Vieira²

Vera Lúcia dos Santos Placido³

Caroline Alves Gomes Carneiro⁴

Cleópatra Maziero Georges⁴

Daniel Ribeiro dos Santos⁴

Enzo Zaros⁴

Erica Barbosa de Jesus dos Reis⁴

Johnny Pereira de Lima Filho⁴

Julia Ferreira de Araujo⁴

Lorena Bonfá Biguetti⁴

Lizandra Kelly de Lima⁴

Mabylle Desireé Vieira Teixeira⁴

Maria Gabriela Lopes Guimarães⁴

Mateus Andrade Antezana⁴

Murilo Araujo Sacardi⁴

Sophia Miranda Ângelo Barbosa⁴

Valquíria Cravo da Costa⁴

O documentário audiovisual traz as histórias de cinco mulheres migrantes que deixaram suas cidades de origem em busca de novos caminhos e se estabeleceram no Jardim Campo Belo, na periferia de Campinas (SP). A partir de suas vozes e experiências, cada uma delas contou os desafios enfrentados no processo migratório, as

Resumo

Palavras-chave:

**Documentário;
Visibilidade;
Histórias
de Vida;
Coletividade.**

¹ Documentário audiovisual produzido no projeto interdisciplinar "Mulheres em saída: histórias de vida, lugares enunciados e comunicação como trilhas para a cidadania", das docentes Cecília Helena Toledo Vieira e Vera Lúcia dos Santos Placido, ambas do Programa de Desenvolvimento Humano Integral "Levanta-se e Anda" (PDHI:LA).

² Docente extensionista coordenadora do projeto de extensão "Práticas educativas: a importância da comunicação no processo de humanização da opinião pública sobre moradores em situação de rua", do biênio 2024-2026. E-mail: cicatoledo@puc-campinas.edu.br

³ Gerente de Extensão junto à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da PUC-Campinas e docente extensionista do biênio 2024-2026. E-mail: veraplacido@puc-campinas.edu.br

⁴ Discentes envolvidos no projeto interdisciplinar – bolsistas e voluntários – em 2025.

Resumo

dificuldades de adaptação no novo território, as redes de apoio criadas entre elas e a força do trabalho coletivo ao lado de outras mulheres do Campo Belo. No documentário, elas puderam recordar, refletir e narrar suas histórias, relatando a resistência, o pertencimento e a nova identidade no território escolhido para ressignificar suas vidas. O vídeo é o resultado da ação interdisciplinar de dois projetos de Extensão da PUC- Campinas, que têm como foco o protagonismo feminino em populações vulneráveis.

Introdução

No quilômetro 66 da Rodovia Santos Dumont, em Campinas-SP, está localizado um dos territórios mais vulneráveis da cidade. De um lado da pista, está o Aeroporto Internacional de Viracopos e, do outro, a região do Campo Belo e é neste local que as histórias de cinco mulheres se entrelaçam graças à potência humana, à vida comunitária e às esperanças que se tornam esperar na coletividade.

Neste trabalho, procurou-se mostrar pela história de vida de lideranças femininas que o lugar não é uma mera localização geográfica, mas sim a construção e a experimentação de vidas que se encontram, se conectam e juntas constroem uma comunidade. Quando decidiram deixar suas cidades de origem, Conceição do Nascimento, Maria Aparecida da Silva Moreira, Vera Lúcia de Souza Ramos, Silene Souza e Janete Vieira da Cruz mudaram-se com suas famílias para a região do Campo Belo e acabaram se entrelaçando na Comunidade Santa Rita de Cássia, no Jardim Dom Gilberto, no Campo Belo. Nesta região, e particularmente nesta comunidade, elas criaram seus filhos, netos e construíram amigos de uma vida.



Profa. Cecília Toledo entrevista Conceição do Nascimento, uma das mulheres do documentário.

Estratégias metodológicas

As estratégias metodológicas utilizadas no documentário foram discutidas nas reuniões semanais feitas pelas docentes com seus alunos extensionistas. Os critérios de pré-produção, produção e pós-produção jornalísticas, comumente utilizadas em quaisquer suportes midiáticos, foram respeitadas neste trabalho. No entanto, como a proposta sempre foi produzir um vídeo documentário e não um vídeo jornalístico, a objetividade jornalística foi substituída pelo tom autoral do documentário, ou seja, o relato das entrevistadas não precisou ser complementado, justificado ou até colocado em contradição por outras versões do mesmo fato.



A estudante bolsista Lizandra de Lima orienta o cinegrafista do Labs.

Pré-produção

A escolha das cinco mulheres deu-se com a ajuda de uma das líderes comunitárias do bairro, Silene Souza, que foi uma das entrevistadas. Após a indicação das mulheres e a seleção feita pelas docentes, foi realizada uma pré-entrevista com cada uma das mulheres, o que possibilitou a construção dos roteiros de gravação. As pré-entrevistas foram necessárias para a docente pois, ao fazê-las, conhecesse as mazelas e as contradições das entrevistadas, construindo, com mais direcionamento, o roteiro de gravação. Este documento é fundamental em qualquer produção audiovisual para que os cinegrafistas conheçam a pauta das gravações e as perguntas a serem feitas pelo entrevistador.

Produção

As imagens captadas nas casas das entrevistadas foram produzidas em três saídas (externas) dos cinegrafistas do Laboratório de Imagem e Som (Labls) da PUC-Campinas, com uma das professoras coordenadoras e um grupo de alunos, que se revezaram nas gravações. Após as gravações, os alunos fizeram as decupagens das imagens para que, junto com as docentes, escrevessem o roteiro de edição. Nesta etapa de produção, a participação dos editores de vídeo do Labls, que trabalham com tecnologia digital, foi essencial para garantir a qualidade estética do documentário. Além de dar voz às mulheres, o vídeo pretendeu sensibilizar o espectador.



Profa. Cecília prepara as entrevistadas para a gravação.

Pós-produção

Durante a etapa de edição, os alunos selecionaram várias trilhas de domínio público – conhecidas por trilha branca – e houve uma seleção criteriosa na escolha final. Foram usados recursos gráficos para ilustrar os depoimentos das mulheres, como as cartografias jornalísticas, produzidas originalmente pelos alunos extensionistas de uma das docentes e, posteriormente, ‘traduzidos’ pelos recursos gráficos da ilha de edição. Os mapas foram produzidos com o objetivo de facilitar a compreensão do espectador para o percurso migratório de cada entrevistada. O vídeo foi legendado, teve uma abertura e encerramento e um tempo de duração de 30 minutos. Todas as participantes assinaram termos de consentimento de cessão de imagem, conforme exigência legal da Universidade.



Vera Lúcia Ramos é filmada em um dos locais preferidos de sua casa.

Considerações Finais

Mesmo seguindo rotas diferentes, as protagonistas deste vídeo se colocaram em saída e descobriram, no dia a dia do Campo Belo, uma vida significativa à base de afeto e conexões. Ao contar suas histórias, elas puderam refletir sobre suas experiências – desde o processo de migração das cidades de origem, com suas famílias, até a adaptação ao novo ambiente. As narrativas perpassam os desafios, as lutas diárias, os aprendizados e as conquistas realizadas por cada uma delas. O que todas têm em comum é o enraizamento e a gratidão pelo Campo Belo. A memória e o compartilhamento de conhecimento destas mulheres estão preservados neste vídeo, que conecta histórias inspiradoras em um mesmo território.

Com isso, espera-se que estas narrativas inspirem outras mulheres, ajudem a divulgar e a refletir sobre experiências de migração e adaptação em regiões vulneráveis, além de promover o desenvolvimento social nestas comunidades.

O vídeo poderá ser exibido, além dos canais oficiais da Universidade e em plataformas de streaming, em eventos sociais da Comunidade Santa Rita de Cássia.

Mulheres na varanda: ações de extensão para promoção de saúde da mulher vulnerabilizada

Amanda Botrel de Brito¹

Beatriz Seabra Bias¹

Estela Garcia Cortez¹

Isabella Barbosa Silva Lyra¹

Maria Eduarda Pellison Coimbra¹

Maria Laura Tavares Queiroz de Almeida¹

Beatriz Martins Lopes²

Tatiana Slonczewski³

Resumo

O Projeto de Extensão “Varanda” vincula-se ao PDHI-LA (PUC-Campinas) e almeja promover a saúde mental prioritariamente de mulheres vulnerabilizadas, seja pela situação de rua, de acolhimento institucional ou demais condições biopsicossociais por meio do desenvolvimento de ações grupais e de escuta individualizadas, em diferentes contextos, nos quais esse público esteja presente e que seja assistido de alguma forma por ações pactuadas com a Universidade. Como resultado, a experiência tem se mostrado positiva aos atendidos, com impacto para o desenvolvimento de pessoas e comunidades.

Palavras-chave:

Extensão
Universitária;
Promoção
de Saúde
Mental; Mulher;
Vulnerabilidade;
Grupo.

¹ Discentes voluntárias do Projeto Varanda

² Discente bolsista do Projeto Varanda

³ Docente extensionista responsável pelo Projeto Varanda

Introdução

A noção de vulnerabilidade, segundo Ayres (2009), desloca a ideia de risco individual para uma leitura mais ampla, que inclui as condições materiais de existência, o acesso (ou não) a direitos, os laços sociais e as possibilidades reais de cuidado. Essa perspectiva é especialmente importante quando se considera as mulheres que vivem em territórios periféricos, enfrentando não apenas a pobreza, mas também o racismo, o machismo e a negligência do Estado. A interseccionalidade entre gênero, raça, classe e território opera como um marcador importante das desigualdades em saúde mental, ampliando o risco de sofrimento e invisibilidade dessas mulheres nas políticas públicas (SAWAIA, 1999).

Sabe-se que o acesso à saúde por parte dessa população é muito limitado e, portanto, pode levar a diagnósticos tardios, tratamentos insuficientes e, assim, a um pior prognóstico (VALE; VECCHIA, 2019). Este precário acesso à saúde, somado às violências que essas mulheres sofrem, tornam-se grandes fatores de estresse, provocando uma maior insatisfação com a sua saúde (VET *et al.* 2019). Nesse sentido, o diaadia desta população que, constantemente, busca atendimento apenas em momentos de urgência extrema, evidencia uma lacuna importante nos esforços de promoção da saúde e prevenção de doenças (ALVES *et al.*, 2024).

Ademais, quando mulheres se encontram em situação de rua, possuem o dobro do risco de gravidez, complicações obstétricas e menos acesso à saúde quando comparadas às com moradias, por exemplo (GEBREYESUS, *et al.*, 2019; GORDON, *et al.*, 2019). Além disso, as mesmas apresentam maior risco de tornarem-se vítimas de violências nas ruas e abrigos, incluindo agressões perpetradas por parceiros, policiais, agentes do tráfico e homens em uso prejudicial de substâncias psicoativas (SPIASSI, 2016).

A realidade da vulnerabilidade social no município de Campinas revela-se complexa e multidimensional. Um mapeamento da vulnerabilidade do município, realizado em 2022, indicou que, embora Campinas represente menos da metade da população da Região Metropolitana, a cidade concentra cerca de 50% da população em extrema pobreza da região, com destaque para a expressiva presença de pessoas em situação de rua. As desigualdades territoriais se expressam em condições habitacionais precárias, baixa renda per capita, maior dependência de benefícios assistenciais e na qualidade de acesso à infraestrutura básica, como saneamento, calçamento e iluminação elétrica (ROSANDINSKI; PEREIRA, 2022).

Nesse cenário, as implicações da vulnerabilidade social na saúde são amplas e estruturais, uma vez que as condições precárias de vida, como as observadas nas regiões mais vulnerabilizadas de Campinas, incidem diretamente sobre os determinantes sociais da saúde. A exposição ampliada a riscos sociais, econômicos e ambientais implicadas a estas populações se constituem como fatores que comprometem a autonomia dos sujeitos e acentuam sua exposição a agravos evitáveis, que comprometem a saúde mental (CARMO; SANTOS; PAQUIELA, 2024).

Desta forma, entende-se que as pessoas que vivem em situação de rua carecem de algumas condições de vida básicas, sendo afetadas por violências, preconceitos, limitações quanto ao acesso à educação e infraestrutura para cuidados, entre outros. Esses fatos, que corroboram para o surgimento e a intensificação dos transtornos mentais podem, por sua vez, ser um dos elementos que contribuem para que uma

pessoa viva em situação de rua (SANTANA, 2014).

Esses dados confirmam a relevância de ações extensionistas que incorporem estratégias para fortalecer o protagonismo dos sujeitos e fomentar respostas mais adequadas às múltiplas expressões da vulnerabilidade social (AYRES, 2009; BEDIM, 2012). Assim, surge o presente projeto de extensão, nomeado a partir da metáfora da varanda como espaço intermediário entre o privado e o público, entre o dentro e o fora, entre a universidade e a comunidade. Este conceito orienta a criação de espaços de acolhimento e diálogo, onde as fronteiras subjetivas e sociais das participantes possam ser reconhecidas, fortalecidas e ressignificadas.

Desenvolvimento

Público-alvo

O público-alvo foi composto por grupos femininos em diferentes situações de vulnerabilidade, como mulheres em situação de rua, egressas em acolhimento institucional e moradoras em regiões vulnerabilizadas, tais como as regiões do Itatinga e Campo Belo.

Contextos de atuação

a) Casa Santa Clara

Vinculada à Cáritas Arquidiocesana de Campinas, foi criada em parceria com a Prefeitura de Campinas em outubro de 2014. Consiste no primeiro espaço de acolhimento institucional da Região Metropolitana de Campinas a acolher mulheres adultas, independente de terem ou não filhos, em situação de rua ou em vulnerabilidade social. O abrigo recebe 25 mulheres e crianças e tem uma equipe multidisciplinar.

b) II Mostra de Talentos Humanos: vozes femininas, conexões humanas!

No dia 07 de junho, no Campo Belo, aconteceu a “II Mostra de Talentos Humanos: vozes femininas, conexões humanas”, evento promovido pela PUC-Campinas. O encontro com a comunidade foi composto por diversas atividades, incluindo café e almoço comunitários, oficinas e apresentações, mediados pelos estudantes universitários, professores e a própria população da região. O objetivo foi aproximar o contexto acadêmico das realidades em situação de vulnerabilidade, viabilizando o contato e o compartilhar de experiências.

c) Jantar Solidário

O Jantar Solidário é um evento de periodicidade mensal, realizado por uma parceria entre a ‘Geladeira Solidária’, a Catedral Metropolitana de Campinas, o Fomento da assistência social e cultura (FASC), o Terço

da Quarentena e a Associação Esperança e Vida, com articulação com a equipe do Programa Institucional Desenvolvimento Humano Integral – “Levanta-te e Anda” (PDHI-LA). Neste evento, são servidas, mensalmente, cerca de 200 refeições para pessoas em situação de rua.

d) Projeto “Alma Lavada” – Campo Belo

O Projeto “Alma Lavada” é interdisciplinar e busca reunir ações extensionistas voltadas à sustentabilidade e a promoção da saúde mental por meio do desenvolvimento de produtos domissanitários com componentes que não sejam nocivos à saúde e do estímulo à convivência grupal. Ele é voltado, prioritariamente, às mulheres e é desenvolvido na região do Campo Belo. Integra projetos de dois docentes extensionistas da PUC–Campinas, está vinculado ao PDHI-LA e conta com encontros semanais de duas horas de duração cada.

e) Cepromm – Jd. Itatinga

O Centro de Promoção Mundo Melhor (Cepromm) é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) instalada no Jardim Itatinga, bairro conhecido por, em sua origem, abrigar a zona de prostituição. A entidade é voltada à promoção da garantia de direitos de crianças e adolescentes desde 1993.

Metodologia utilizada

As atividades desenvolvidas pela equipe de voluntárias e bolsistas do projeto, orientadas pela docente responsável, privilegiaram metodologias ativas e grupais, incluindo rodas de conversa, oficinas temáticas, escuta ativa coletiva e individualizada, produção de materiais informativos e articulação com parceiros da rede local de saúde e assistência social, a fim de gerar a promoção de saúde integral para pessoas em situação de vulnerabilização, especialmente as mulheres.

Essa metodologia extensionista foi utilizada nos diferentes contextos atendidos, de acordo com a necessidade identificada pela equipe do projeto. A fundamentação teórica para isso parte da compreensão de vulnerabilidade biopsicossocial como fenômeno associado a fatores individuais, sociais e estruturais, exigindo respostas integradas que articulem universidade, comunidade e rede de serviços (AYRES, 2009). As ações desenvolvidas dialogam com a perspectiva de extensão universitária crítica e transformadora, orientada por princípios da educação popular, valorizando os saberes locais e a construção coletiva de soluções (FREIRE, 1987; BEDIM, 2012). Esta abordagem possibilita que as atividades propostas não apenas atendam demandas imediatas, mas também promovam processos contínuos de fortalecimento comunitário

Paratanto, buscou-se a utilização de metodologias participativas, nas quais as voluntárias pudessem se colocar como facilitadoras de processos sociais e humanos, de modo a valorizar o protagonismo dos sujeitos envolvidos (BEDIM, 2012). Buscou-se também a adoção de uma postura de escuta ativa, compreendida não apenas como a captação das palavras ditas, mas como uma atitude de abertura ao significado pleno do que era comunicado pelos participantes envolvidos. Esse modo de escutar permitiu o estabelecimento de

vínculos mais autênticos e a criação de um espaço de confiança, no qual os sujeitos puderam se expressar livremente, sentindo-se efetivamente compreendidos (AMATUZZI, 1990).

O presente trabalho também contempla o plano de atividades da bolsista, Beatriz Matins Lopes, do Programa Institucional PDHI-LA, desenvolvido no âmbito do Projeto Varanda, com foco na promoção da saúde mental e do fortalecimento social de mulheres em situação de vulnerabilidade na região do Campo Belo. A proposta combina ações individuais e coletivas, utilizando metodologias participativas e recursos psicoeducativos para estimular o autocuidado, a autonomia e a construção de redes de apoio. Entre as estratégias adotadas estão rodas de conversa, dinâmicas de grupo, oficinas de produção de produtos domissanitários sustentáveis, como sabão em barra, aromatizador de ambientes, sachês perfumados para gavetas e limpa-vidros, e a elaboração de materiais informativos que auxiliem na orientação e encaminhamento de demandas.

Resultados

Na Casa Santa Clara, no 1º semestre de 2025, foi realizada uma Oficina de Saúde Íntima com as mulheres acolhidas. Houve elaboração de diferentes dinâmicas, visando dois grupos alvos distintos: mulheres maduras e pré-adolescentes/adolescentes, com anuência das responsáveis. Assim, além do diálogo com as mães das meninas presentes, as extensionistas, por indicação dos coordenadores do abrigo e desejo tanto dos responsáveis quanto das próprias garotas, realizaram a ação em um ambiente seguro e acolhedor.

A atividade extensionista teve início apenas com as garotas, de maneira reservada, a fim de criar um vínculo de confiança e respeito à privacidade, por meio da escuta ativa. As meninas, apesar da timidez inicial, pareceram sentir-se gradativamente mais confortáveis em conversar com a equipe do projeto e sanar dúvidas acerca da saúde íntima.

Em um segundo momento, foi realizada uma oficina com mulheres maduras em diversos períodos do desenvolvimento reprodutivo, desde idade fértil até menopausadas. Embora sendo atividade com temas previamente selecionados e estudados para serem expostos no cartaz pelas extensionistas, foi permitido que a sequência da discussão se pautasse pela autonomia e interesse dessas mulheres, isto é, que o diálogo no grupo fosse guiado pelos interesses, perguntas e vontades das participantes.

Em simultaneidade à Oficina de Saúde Íntima realizada no abrigo Santa Clara, realizou-se um momento de recreação com as crianças residentes no abrigo. Isso se deu para que as participantes (que também são mães das crianças) pudessem estar na atividade sem se preocuparem, naquele momento, com os cuidados de suas filhas, o que facilitou o engajamento.

Com as crianças, diversas atividades foram realizadas, tais

como modelação de massinha, desenho e leitura de livros. Durante as atividades, abordaram-se temáticas relacionadas ao respeito, empatia e emoções. Participaram da atividade três crianças do sexo feminino, com idades respectivas de 1, 6 e 12 anos. A atividade durou cerca de uma hora e meia.



Casa Santa Clara.

A Mostra de Talentos Humanos, realizada na região do Campo Belo, contou com a presença de alunos e professores de diferentes cursos de Graduação da Universidade. Considerando as ações específicas do Projeto Varanda, parte da equipe realizou a Oficina de Saúde Íntima para mulheres e a outra parte dedicou-se à escuta ativa e a recreação de crianças. Estas ações contaram com grande participação popular, sendo que os participantes relataram grande aproveitamento das atividades.

Dentre as propostas das voluntárias, especialmente por parte das integrantes do curso de Psicologia, houve a oferta de um espaço voltado para a escuta ativa da comunidade. Por meio deste contato, foi possível a imersão no cotidiano dos moradores, fornecendo também a eles informações importantes sobre acesso aos serviços da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Durante a realização de atividades, o principal público do espaço de acolhimento foram as crianças e os adolescentes, na faixa etária de 2 a 13 anos, com anuência dos responsáveis. A ação extensionista baseou-se em atividades recreativas, que almejavam o estímulo à criatividade e a interação das crianças, por meio de desenhos, pinturas, massinhas e brincadeiras. Temáticas como família, escola e relações interpessoais foram predominantes no diálogo com os participantes.

Simultaneamente, ocorreu a Oficina de Saúde Íntima, mas em uma dinâmica diferente da realizada na Casa Santa Clara, pois o espaço era aberto a diferentes faixas etárias de meninas, jovens e mulheres que desejassem falar sobre a saúde feminina. Dessa forma, foi exposto o material informativo da oficina, porém não houve a roda de conversa, mas sim atendimentos individualizados e esclarecimento de dúvidas mais direcionadas ao cuidado com a saúde individual. Sendo assim, houve intensa rotatividade de participantes, desde meninas em fase de pré- adolescência, até mulheres no climatério.

A experiência de cuidado foi potencializada, pois na mesma tenda ocupada pela equipe extensionista também estavam discentes de outros cursos de Graduação da Escola de Ciências da Vida, que aferiram a pressão arterial e a glicemia das participantes e ainda forneceram ao público um kit de higiene, com pasta e escova de dente e absorvente, o

que tornou o acesso à saúde ainda mais interessante e proveitoso para a população do Campo Belo.

As ações da equipe durante a realização do Jantar Solidário incluíram a interação com a equipe organizadora, o apoio para a organização da infraestrutura no local e a interação e escuta ativa da população em situação de rua ou vulnerabilizada que busca a atividade. Mensalmente, é realizado o contato com um público aproximado de 200 pessoas em



Voluntárias e docente durante ações na Mostra de Talentos.

situação de rua, de diferentes idades, gêneros e condições de saúde, sendo uma oportunidade ímpar para buscar reduzir a invisibilidade dessas pessoas, por meio de uma escuta acolhedora.



Jantar Solidário.

No Projeto Alma Lavada, as ações extensionistas têm sido realizadas de forma interdisciplinar pela bolsista vinculada ao projeto e pela docente responsável, unindo a produção artesanal de saneantes sustentáveis ao fortalecimento psicossocial de mulheres do Campo Belo. O grupo, composto por cerca de 20 participantes, reúne-se semanalmente para oficinas, rodas de conversa, dinâmicas de grupo e momentos de formação intersetorial, articulando saberes populares e científicos por meio de metodologias participativas voltadas à promoção da saúde mental, fortalecimento de vínculos e valorização das histórias e potencialidades das mulheres.

O nome “Alma Lavada” surgiu das próprias participantes, expressando o sentimento coletivo de leveza e cuidado, unindo a limpeza consciente e segura do lar ao cuidado com a saúde emocional. As oficinas de produtos sustentáveis, conduzidas pelo Prof. Marcelo, ensinaram a confeccionar aromatizador de ambientes, limpa-vidros, sabão em barra e sachês aromáticos, associando aprendizado prático, geração de renda e pertencimento.

Essas experiências foram compartilhadas com a comunidade na

II Mostra de Talentos Humanos: Vozes Femininas; Conexões Humanas!, em 7 de junho de 2025, no Jardim Campo Belo. Na ocasião, o grupo apresentou uma oficina demonstrativa dos produtos confeccionados e distribuiu amostras à comunidade, fortalecendo vínculos e ampliando o alcance das práticas aprendidas. Todas as ações ocorreram em clima de escuta ativa, cuidado e participação, consolidando um modelo biopsicossocial de promoção da saúde mental e sustentabilidade, ancorado no território e nos vínculos comunitários.



Projeto Alma Lavada.

No Cepromm, as ações, até o momento, se deram por meio de visita técnica para reconhecimento do contexto e contato com a equipe interdisciplinar. A interação com mulheres assistidas pela OSC também ocorreu durante a oficina sobre prevenção de violência contra a mulher, realizada pela Dra. Paola Mineiro, no centro de referência do PDHI-LA, situado na região central de Campinas, à Avenida Orozimbo Maia.

Como produto das atividades desenvolvidas no âmbito do grupo de extensão universitária, foi publicado um livro infantil intitulado Rolê. A obra narra, de forma lúdica, a trajetória de um caracol que vive em situação de calçada. Inspirado na obra de Manoel de Barros e no

contato com a população assistida pelo presente projeto, o livro aborda temáticas como a superação de estigmas, o respeito à diversidade e a garantia de direitos. A proposta visa fomentar reflexões críticas sobre realidades atravessadas pela vulnerabilidade social, contribuindo para a construção de uma perspectiva mais humanizada e inclusiva desde a infância. A criação do livro infantil configura-se, portanto, como o desdobramento da escuta ativa realizada nos campos de atuação e como um recurso de mediação afetiva entre mães e crianças, de modo a favorecer a criação de vínculos por meio da leitura e da contação de histórias.

Considerando, especificamente, a avaliação das ações, o método adotado pelas extensionistas tem se mostrado positivo para as participantes. Tem sido utilizada uma metodologia de avaliação do impacto da ação por meio de um questionário da satisfação quanto à atividade realizada, conforme mostra a imagem abaixo, de modo a ser inclusivo a todas as participantes, mesmo àquelas com baixa escolaridade ou não alfabetizadas.

Para você, como foi a atividade?

		
☐	☐	☐

Detalhe da ficha de avaliação das ações do projeto.

Considerações Finais

O Projeto de Extensão “Varanda” demonstrou um grande impacto, tanto nas discentes participantes quanto na população-alvo das ações, isto é, mulheres em situação de vulnerabilidade social.

Por meio das Oficinas de Saúde Íntima, foi possível apreender para além do ponto de vista biológico, mas também uma compreensão melhor do ser humano e das importantes mazelas que existem na sociedade atual. A ideia base do Projeto de Extensão é levar conhecimento extra-muro para além da faculdade, e esse grupo beneficiou-se muito dessas ações, pois é marginalizado, tanto pelo poder público, quanto pelo restante da sociedade. Por meio das rodas de conversa com as mulheres em situação de vulnerabilidade social, a escuta ativa tornou o ambiente acolhedor e seguro para elas que, muitas vezes, não são adequadamente ouvidas, deixando-as confortáveis para compartilhar suas histórias de vida e agressões sofridas ao longo de sua trajetória.

Ademais, o contato com as pessoas em situação de rua, em especial no Jantar Solidário, possibilitou conhecer alguns dos atravessamentos e vivências de pessoas que vivem em situação de rua, grupo marginalizado e de difícil acesso no âmbito acadêmico tradicional. Mais do que uma refeição, o jantar permite que haja um espaço para trocas entre os voluntários e os próprios convidados, o que foi enriquecedor para observar suas relações e dinâmicas, além da oferta de escuta. Além disso, a vivência ampliou o entendimento sobre os limites das políticas públicas de forma isolada, reforçando a necessidade de ações que contemplem assistência social, educação e iniciativas comunitárias. Foi importante reconhecer a incompletude da ação institucional e a interdependência entre as políticas para assegurar o atendimento integral das pessoas em situação de rua, para além das garantias da assistência social.

Esse olhar mais crítico normalmente não acontece na formação acadêmica, e esse contato, desde o início da formação discente, permite atendimentos mais empáticos e compreensivos, visto que permite acolher demandas e críticas de uma população muito vulnerável.

O sofrimento psíquico em contextos de vulnerabilidade não pode ser compreendido fora das relações sociais em que está inserido. Como aponta Spink (2003), as práticas discursivas e os sentidos produzidos no cotidiano moldam as formas como as pessoas compreendem sua própria realidade, inclusive sua dor, seus desejos e suas estratégias de resistência. Assim, as intervenções em saúde mental precisam considerar a escuta atenta às experiências concretas dessas mulheres, reconhecendo sua potência e suas formas de organização.

Nesse sentido, ações coletivas e comunitárias, como as promovidas neste projeto de extensão, atuam como dispositivos de cuidado que rompem com o modelo biomédico- individualizante e oferecem espaços de criação de vínculos, partilha de experiências e construção de redes de apoio. As oficinas realizadas no território do Campo Belo, ao promoverem trocas afetivas e práticas que envolvem o fazer com as mãos, fortalecem a autonomia das mulheres e geram sentidos coletivos para a produção de bem-estar, ainda que em meio a contextos adversos.

Trabalhar com a saúde mental em territórios vulnerabilizados é também afirmar o compromisso ético-político da Universidade com a promoção e defesa dos direitos humanos e com a transformação social. O projeto, ao escutar e acolher as experiências dessas mulheres, reafirma que o cuidado em saúde mental deve ser construído de forma dialógica, situada e sensível às particularidades de cada contexto.

Referências

ALVES, K. C. *et al.* Acesso de mulheres em situação de rua aos serviços de saúde: uma revisão integrativa. **Hygeia – Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 20, p. 2069–2075, 2024. Doi: <http://dx.doi.org/10.14393/hygeia2074947>.

AMATUZZI, M. M. O que é ouvir?. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 86–97, 1990. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/estpsi/article/view/7947>. Acesso em: 7 ago. 2025.

AYRES, J. R. C. M. Vulnerabilidade e cuidado: relações éticas e técnicas na promoção da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 3, p. 841–848, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/xkDfWvDq7h4D5XDyVkTGB8M/?lang=pt>. Acesso em: 08 ago. 2025.

BEDIM, J. G. L. Metodologias Participativas na Extensão Universitária: instrumento de transformação social. **Revista Agenda Social**, v.6, 2012.

CARMO, G. M.; SANTOS, L. B. P.; PAQUIELA, L. C. K. S. A influência da vulnerabilidade social na saúde mental de adultos: uma revisão integrativa. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 11, p. e6700, 2024. Doi: 10.56083/RCV4N11–158.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GORDON A. C. T. *et al.* Influence of past trauma and health interactions on homeless women's views of perinatal care: a qualitative study. **Br J Gen Pract.**, v. 69, n. 688, p. 760–767, 2019. Doi: <http://dx.doi.org/10.3399/bjgp19X705557>.

GEBREYESUS, H. *et al.* Experiences of homeless women on maternity health service utilization and associated challenge in Aksum town, Northern Ethiopia. **BMC Health Serv Res**, v. 19, n. 1, p. 359, 2019. Doi:

<http://dx.doi.org/10.1186/s12913-019-4201-3>.

ROSANDISKI, E. N.; PERREIRA, A. J. Mapeamento da Vulnerabilidade no município de Campinas: dados exploratórios do CadÚnico. **Observatório PUC-Campinas**, Campinas, 13 nov. 2023.

SANTANA, C. Consultórios de rua ou na rua? Reflexões sobre políticas de abordagem à saúde da população de rua. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 8, p. 1798-1800, ago. 2014.

SAWAIA, B. B. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. São Paulo: UNESP, 1999.

SPIASSI, A. L. **Violência como fator de vulnerabilidade para a saúde de mulheres usuárias de drogas do centro do município de São Paulo**. 2016. Tese (Doutorado em Medicina Preventiva), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SPINK, P. J. P. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 119, p. 15-40, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/4VY5GFWqXVRZHbVbptQwq9P/>. Acesso em: 06 ago. 2025.

VALE, A. R.; VECCHIA, M.D. UPA é nós aqui mesmo: as redes de apoio social no cuidado à saúde da população em situação de rua em um município de pequeno porte. **Saúde e Sociedade**, v. 28, n.1, p. 222-234, 2019. Doi: <https://doi.org/10.1590/s0104-12902019180601>

VET,R. *et al.* Differences between Homeless Women and Men before and after the Transition from Shelter to Community Living: A Longitudinal Analysis. **Health Soc. Care Community**, v. 27, p. 1193-1203, 2019. Doi: <https://doi.org/10.1111/hsc.12752>

Prevenção ao trauma - Vitalità: promoção da saúde comunitária em Campinas

Amanda Baeta Snell¹
Ana Clara Barros de Oliveira¹
Ana Clara Borelli Bonilha Almeida¹
Ana Julia Reis Santimaria¹
Ana Laura Zampieri Cheibub¹
Beatrice Battistella Drago¹
Beatriz Cocato Malagutti¹
Bianca Lazaretti Domene²
Bruna Souza Miranda Barros Fonseca¹
Daniela Annunziata Masaro¹
Elis Feldstein Botelho¹
Emanuelle Chaddad Morelle¹
Ester dos Santos Crus¹
Flavia Frugoli Ramos¹
Gabriel Issa Fragoas¹
Giovana California Santarosa Silva¹
Giulia Midori Kawakami¹
Isabela Passos de Oliveira¹
Isabella Barbosa Ockner¹
Isabella Biagini Mangili¹
Isabella Di Domizio Alonso¹
Isadora de Toledo Piza Soares²
Isadora Paiva Abbondanza¹
João Gabriel Pontes Leão¹
João Pedro Biazso Pinto¹
Julia de Almeida Priante¹
Julia Maia Alves¹
Juliana Joly de Mattos¹
Lara Lemos Trevisan¹
Larissa Ayumi Yoshioka Lanfredi¹
Leticia Araujo de Souza¹
Letícia Quintana Herren¹
Livia Faria Moretti¹
Livia Mattos Gonzalez¹
Livia Santos Teixeira¹
Lucca Pascoal de Abreu Sampaio²
Luiza Machado Xavier Simoni¹

Resumo

Palavras-chave:

Prevenção de Trauma; Educação em Saúde; Extensão Universitária; Capacitação Comunitária; Parcerias Institucionais.

Maria Eduarda Battistoni Baldassari²
Maria Eduarda Sgariboldi Rocha¹
Maria Fernanda Rosa Chaib¹
Maria Luisa Stamato Bolzan¹
Maria Sofia Kopacheski¹
Mateus Tebet¹
Melissa Maria Passarinho Camargo¹
Mirela Almeida Panhota¹
Paula Beatriz Muniz Chuva¹
Renan Ferracini das Virgens¹
Samuel Abdel Massih Ribeiro de Melo¹
Sarah Endhy Barreto Romão¹
Sofia Moller¹
Thiago Torezan Baptistelli¹
Tiago Lincoln Santos da Cruz¹
Yasmin Gabriele Augusto Ribeiro³
Joaquim Simões Neto⁴

O projeto de extensão Prevenção ao Trauma – Vitalità visa prevenir traumas e promover a saúde comunitária em Campinas, integrando ensino, pesquisa e extensão universitária. Em 2025, o projeto realizou diversas ações educativas e práticas, envolvendo calouros de Medicina, motociclistas, motoclubes, policiais, jovens e idosos. Entre as atividades, destacam-se o Maio Amarelo, cursos de Suporte Básico de Vida (BLS), treinamentos Stop the Bleed, simulações de atendimento a múltiplas vítimas, além de blitzes educativas e cursos para motoristas. As ações foram realizadas em parceria com a EMDEC, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, motoclubes e outros parceiros comunitários, garantindo alcance, segurança e efetividade. Os resultados incluem capacitação prática de discentes e membros da comunidade, disseminação de conhecimentos em primeiros socorros, aumento da conscientização sobre segurança no trânsito e planejamento de futuras iniciativas de prevenção.

¹ Discente da Faculdade de Medicina – PUC-Campinas, membro do projeto de extensão “Prevenção ao Trauma – Vitalità”.

² Faculdade de Medicina – PUC-Campinas, Coordenador do projeto de extensão “Prevenção ao Trauma – Vitalità”.

³ Discente da Faculdade de Terapia Ocupacional– PUC-Campinas, membro do projeto de extensão “Prevenção ao Trauma – Vitalità”.

⁴ Docente orientador do projeto de extensão “Prevenção ao Trauma – Vitalità”. Diretor da Faculdade de Medicina – PUC-Campinas.

Introdução

Os acidentes de trânsito e outros traumas representam um desafio significativo para a saúde pública brasileira, com impactos sociais e econômicos. Motociclistas, jovens e idosos são grupos especialmente vulneráveis. A prevenção de traumas é prioridade em políticas públicas, exigindo estratégias integradas de conscientização e capacitação.

A universidade, por meio da extensão, desempenha papel estratégico, articulando ensino, pesquisa e serviço à comunidade. O projeto “Prevenção ao Trauma – Vitalità”, vinculado à PUC-Campinas, atua desde sua criação na difusão de práticas seguras e na capacitação em primeiros socorros, alcançando acadêmicos e comunidade.

Em 2025, o projeto ampliou seu alcance por meio de campanhas de conscientização, treinamentos Stop the Bleed, simulações de múltiplas vítimas e parcerias com EMDEC, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros e motoclubes. A integração com o Vitalità – Centro de Envelhecimento e Longevidade – permitiu que ações educativas contemplassem jovens, adultos e idosos, promovendo a prevenção de acidentes de forma intergeracional.

O presente resumo expandido descreve planejamento, execução e resultados das ações, destacando a importância da extensão universitária para a formação cidadã e promoção da segurança coletiva.

Objetivo Geral

Promover a prevenção de acidentes e traumas na população de Campinas por meio de ações educativas, capacitação em primeiros socorros e integração entre universidade, órgãos públicos e comunidade.

Objetivos Específicos

- Desenvolver e executar campanhas de conscientização sobre segurança no trânsito, com foco especial em motociclistas, jovens e idosos;
- Capacitar discentes e membros da comunidade em técnicas de primeiros socorros, suporte básico de vida (BLS) e controle de hemorragias (Stop the Bleed);
- Realizar treinamentos e simulações de atendimento a múltiplas vítimas em parceria com Corpo de Bombeiros, Polícia Militar e serviços de emergência;
- Ampliar o alcance do projeto por meio de ações em escolas públicas, empresas e eventos comunitários;
- Fortalecer parcerias estratégicas e avaliar o impacto das atividades realizadas.

Desenvolvimento

O projeto adota abordagem multifacetada, combinando educação, treinamento prático e parcerias estratégicas. As ações de 2025 envolveram estudantes, profissionais de saúde, órgãos de segurança e comunidade, com ênfase em prevenção de acidentes de trânsito, traumas domésticos e primeiros socorros.

Ações do Maio Amarelo

O Maio Amarelo é uma campanha nacional de conscientização sobre segurança viária e o projeto realizou diversas atividades durante o mês:

- Passeio Ciclístico: promoveu mobilidade segura e o uso de equipamentos de proteção, incentivando hábitos preventivos entre ciclistas da cidade. Durante o evento, foram transmitidas mensagens educativas sobre o Maio Amarelo e comportamentos seguros no trânsito, além da distribuição de fitas alusivas à campanha do Maio Amarelo;



Passeio Ciclístico do Maio Amarelo.

- Ações educativas em locais públicos: abordagens na rodoviária de Campinas e em bares, com foco nos riscos do álcool associado à direção e na promoção de comportamentos seguros, incluindo atividades lúdicas e mensagens educativas sobre o Maio Amarelo transmitidas a condutores e pedestres;



Ação educativa na Rodoviária de Campinas.

- Cursos “Gabaritando” em escolas públicas: em parceria com a EMDEC, capacitação de jovens em direção defensiva, legislação de trânsito, prevenção de acidentes e consequências de comportamentos de risco, com atividades que conscientizam sobre o consumo de álcool associado à direção, segurança na mobilidade urbana e prevenção de fraturas e traumatismos em acidentes automobilísticos;



“Gabaritando” – conscientização de alunos da E. E. Felipe Cantusio.

- Blitzes educativas para motociclistas: distribuição de material informativo e antenas corta-pipa, além de orientação direta aos condutores, reforçando hábitos seguros e a importância do uso correto de equipamentos de proteção.



Bliz educativa para motociclistas.

Cursos de Suporte Básico de Vida (BLS) e Stop the Bleed

Foram realizados cursos de Suporte Básico de Vida (BLS) e Stop the Bleed, capacitando estudantes e comunidade para respostas rápidas a emergências cardiorrespiratórias e hemorragias graves.

Público-alvo: calouros de medicina, estudantes de escolas públicas, multiplicadores comunitários, membros de motoclubes e profissionais de segurança.

Conteúdo programático:

- Avaliação inicial da vítima: segurança da cena, checagem de responsividade, respiração e pulso;

- Acionamento do serviço de emergência e comunicação clara do cenário;
- RCP: compressões torácicas, ventilação e sequência CABD;
- Desobstrução das vias aéreas: manobra de Heimlich, técnicas para bebês, crianças e adultos;
- Uso do desfibrilador externo automático (DEA);
- Controle de hemorragias: compressão direta, preenchimento de feridas com gaze hemostática, torniquete, bandagens israelenses;
- Situações especiais: parada pediátrica, afogamento, choque elétrico, trauma associado;
- Treinamento prático: simulações com manequins de alta fidelidade, incluindo feedback eletrônico.

Metodologia: aulas teóricas e práticas, treinamento hands-on, simulações realistas, avaliação contínua e feedback individualizado.

Resultados: capacitação segura e eficaz em emergências, formação de multiplicadores e integração entre universidade e comunidade.



Curso de Suporte básico de vida (BLS) para calouros.



Stop the Bleed para motoclubes.

Simulados de Atendimento a Múltiplas Vítimas

Os simulados de atendimento às múltiplas vítimas têm como objetivo capacitar discentes, profissionais de segurança e membros da comunidade a responder de forma organizada e eficiente em situações de trauma com múltiplas vítimas, como acidentes de trânsito, quedas em massa ou eventos de grande porte.

Público-alvo:

- Estudantes da PUC–Campinas envolvidos no projeto;
- Profissionais da Polícia Militar, Corpo de Bombeiros e serviços de emergência;
- Voluntários e membros da comunidade engajados no projeto.

Objetivos específicos:

- Desenvolver habilidades de triagem rápida e priorização de atendimento (uso de protocolos como START);
- Capacitar os participantes na organização de cenas de acidente e logística de transporte seguro de vítimas;
- Promover integração entre estudantes, profissionais de segurança e comunidade para atuação coordenada;
- Treinar a aplicação prática de BLS e controle de hemorragias em cenários realistas.

Metodologia:

- Planejamento do cenário: a equipe do projeto e parceiros define o tipo de acidente, número de vítimas e complexidade das lesões;
- Simulação prática: os participantes assumem papéis específicos, incluindo triagem, atendimento emergencial, comunicação com serviços de urgência e transporte de vítimas.
- Uso de recursos realistas: maquiagem de trauma, manequins, kits de primeiros socorros e equipamentos de proteção individual;
- Cenários dinâmicos: situações de pressão e múltiplos desafios, como ferimentos variados, riscos ambientais e vítimas inconscientes;
- Debriefing e feedback: análise detalhada do desempenho individual e em equipe, destacando acertos, dificuldades e oportunidades de melhoria.

Resultados:

- Melhoria na capacidade de decisão rápida e segura em situações de múltiplos feridos;
- Aprimoramento das competências práticas em BLS, controle de hemorragias e triagem de vítimas;
- Fortalecimento da colaboração entre universidade, órgãos de segurança e comunidade;
- Formação de multiplicadores capazes de replicar treinamentos em outros contextos.



Membros do projetos caracterizados de vítimas em um simulado.

Participação em Eventos e Congressos

O projeto também promove a divulgação científica e integração acadêmica:

- Apresentação de trabalhos no World Congress of Trauma and Emergency Leagues (Campinas-SP), European Congress of Trauma and Emergency Surgery (Aachen, Alemanha) e Pré-Congresso Brasileiro de Ligas de Trauma;
- Reconhecimento internacional de trabalhos, como premiação de Best Poster Presentation no European Congress of Trauma and Emergency Surgery (Aachen, Alemanha).

Parcerias Estratégicas

O projeto Prevenção ao Trauma – Vitalità destaca-se pela articulação com diversos parceiros estratégicos, que fortalecem a execução das ações, ampliam o alcance e garantem maior impacto

social. Entre os principais parceiros estão:

Vitalità – Centro de Envelhecimento e Longevidade (PUC-Campinas):

- Atua na promoção de um envelhecimento ativo e saudável, oferecendo oficinas, cursos, palestras e atividades culturais para idosos;
- Facilita a integração de atividades do projeto voltadas à prevenção de acidentes na população idosa, fortalecendo a abordagem intergeracional;
- Contribui com infraestrutura, orientação acadêmica e articulação com outros programas da universidade.

EMDEC – Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas:

- Parceira fundamental na realização de ações educativas de trânsito, como blitzes para motociclistas, cursos para motoristas e Gabaritando;
- Fornece apoio logístico, materiais educativos e orientação técnica, garantindo que as campanhas atinjam o público-alvo de forma segura e efetiva.

Polícia Militar e Corpo de Bombeiros:

- Participam dos simulados de atendimento a múltiplas vítimas, sendo capacitados em segurança, triagem e resgate;
- Atuam como multiplicadores do conhecimento, disseminando práticas de prevenção e primeiros socorros na comunidade.

Motoclubes e demais parceiros comunitários:

- Colaboram na divulgação das ações educativas voltadas a motociclistas e na participação ativa em treinamentos como Stop the Bleed;
- Contribuem para aumentar o engajamento da população em campanhas de prevenção e segurança no trânsito.

Esta rede de parcerias permite que o projeto seja executado de forma coordenada e eficaz, integrando ensino, pesquisa e extensão, promovendo conscientização, capacitação prática e engajamento

social. A articulação com a universidade, órgãos públicos e comunidade potencializa o impacto das ações e fortalece a formação dos discentes como agentes de mudança social.

Avaliação e Impacto

Embora dados quantitativos detalhados sejam complementados posteriormente, os impactos qualitativos observados incluem:

- Ampliação da conscientização da população sobre comportamento seguro no trânsito;
- Capacitação prática de centenas de participantes em primeiros socorros e emergências;
- Desenvolvimento de habilidades sociais e de liderança entre estudantes;
- Fortalecimento de parcerias estratégicas garantindo continuidade e expansão do projeto.
- Redução do número de fatalidades no trânsito relacionada às diversas campanhas educativas;

Considerações Finais

O projeto “Prevenção ao Trauma – Vitalità” demonstrou ser uma iniciativa de grande relevância para a comunidade acadêmica e local. A integração entre ensino, pesquisa e extensão possibilitou:

- Capacitação prática dos discentes em primeiros socorros e prevenção de traumas;
- Conscientização de jovens, motociclistas e motoristas sobre riscos no trânsito;
- Fortalecimento de parcerias estratégicas entre universidade, órgãos públicos e sociedade civil.

Futuras ações incluem a expansão das atividades educativas, desenvolvimento de novos treinamentos práticos e intensificação das campanhas de prevenção de acidentes em outras regiões, consolidando a missão extensionista do projeto e contribuindo para a promoção de uma cultura de segurança e saúde comunitária.

Produção Partilhada do Conhecimento nas Cartas de um Campo Belo

Caio de Salvi Lazaneo¹
Ana Luiza de Andrade Silva²
Caroliny Andrade²
Gabriela Fogaça de Almeida²
João Henrique Martins Manarini²
Linus Massignan Pereira Pinto²
Luana Moreira Araújo Silva²
Maria Eduarda Perini Wey²
Matheus Vinicius Andrade²
Murillo de Souza Germer de Lima²
Pedro Henrique Fernandes Felix²
Rafael Oliveira Tavares²
Raphael Rodrigues²
Samuel Rodrigues Benício²

Resumo

O artigo discute o projeto de extensão universitária 'Cartas de um Campo Belo', realizado no âmbito do Programa de Desenvolvimento Humano Integral: Levanta-te e anda, da PUC-Campinas. A partir do conceito de Produção Partilhada do Conhecimento (LAZANEO, 2012, 2017), reflete-se sobre a prática do filme-carta como experiência estética, ética e pedagógica de escuta e coautoria entre universidade e comunidade.

Palavras-chave:

Extensão
Universitária;
Produção
Partilhada do
Conhecimento;
Filme-carta;
Cinema;
Educação.

¹ Mestre e Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Coordenador e docente do curso de Cinema e Audiovisual da Escola de Linguagem e Comunicação (ELC) da PUC-Campinas e docente extensionista vinculado ao "Programa de Desenvolvimento Humano e Integral: Levanta-te e anda", da mesma universidade.

²Discente do primeiro e do segundo semestre do curso de Cinema e Audiovisual da PUC – Campinas.

Produção partilhada do conhecimento nas cartas de um Campo Belo

Se o mundo me perguntasse o que é o Campo Belo, eu diria: é um lugar que fala em silêncio. Um canto esquecido que tem tanto a dizer se alguém apenas escutar. Na mochila das crianças, cabem sonhos coloridos... um lápis, um caderno, um desenho do futuro e carregam leveza mesmo quando o caminho é pesado porque aprendem cedo que o amor também pode ser abrigo. O que chama atenção por aqui não são as luzes nem o brilho distante; é o jeito como o sol toca os rostos, como a poeira dança no ar, como cada olhar é um retrato de resistência.

Mas nem tudo é simples. Há dias em que o olhar do mundo pesa, olhares que julgam antes mesmo de conhecer, que veem a favela e não veem o ser. Mesmo assim, estas crianças aprendem a florescer no concreto, a sorrir onde disseram que só cabia dor. Elas pintam o céu com coragem e mostram a leveza que também nasce da resistência. E quando o silêncio vem, ele não traz medo, traz força porque aqui, cada criança carrega, dentro de si, a certeza de que vale tanto quanto cada estrela no alto. Escrevo ao mundo para lembrar: estas crianças não pedem piedade, e sim futuro. E talvez, só talvez, elas sejam o espelho mais puro daquilo que esquecemos de ser: gente que sonha mesmo quando o mundo não parece escutar.³

³ Este trecho faz parte do filme–carta “Os que sonham de pés descalços”, de Yasmin dos Santos, 13 anos, aluna da Escola Celeste Palandí de Mello.

O projeto de extensão “Cartas de um Campo Belo”⁴, inserido no Programa de Desenvolvimento Humano e Integral: Levanta-te e anda, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS), nasceu do desejo de aproximar a universidade desse território da cidade de Campinas promovendo, por meio da linguagem audiovisual, um encontro entre os estudantes da Escola Estadual Celeste Palandi de Mello e universitários do curso de Cinema e Audiovisual da PUC-Campinas. Desenvolvido em 2025, o projeto articulou oficinas formativas, processos de criação coletiva e montagem colaborativa, culminando em uma mostra pública dos filmes produzidos.

Buscamos investigar como o gesto cinematográfico pode se constituir como forma de Produção Partilhada do Conhecimento (LAZANEO, 2012, 2017), em diálogo com a antropologia compartilhada (Rouch, 1995) e os princípios freirianos da educação dialógica (FREIRE, 1987). O ponto de partida foi compreender o cinema, em contextos pedagógicos e comunitários, menos como instrumento de ensino e mais como espaço de escuta e partilha. As oficinas não visaram ensinar uma técnica, senão abrir um campo de invenção e investigação em comum no qual palavra, imagem e som pudessem emergir como expressão dos participantes.

A escolha do filme-carta teve motivações estéticas e políticas. Inspirou-se em obras como *Das crianças Ikpeng para o mundo* (2001), do coletivo *Vídeo nas Aldeias*; *Adeus Madima* (2010), de Robert-Jan Lacombe e *Cartas pela Paz* (2024), de Mariana Reade, Thays Acaiabe e Patrick Zeiger, experiências em que o gesto de se endereçar transforma o cinema em escrita sensível e relacional. No projeto, as cartas audiovisuais tornaram-se dispositivos para que jovens do Campo Belo narrassem suas histórias, memórias e sonhos, criando pontes entre o cotidiano e o universo simbólico do cinema.

A perspectiva que orienta este artigo ancora-se na concepção de Produção Partilhada do Conhecimento (LAZANEO, 2012, 2017), entendida como processo de cocriação heterárquica entre diferentes saberes, corpos e territórios. Esta abordagem desloca a noção de “extensão” como ação

⁴O filme completo está disponível em: bit.ly/cartasdeumcampobelo.

exclusiva da universidade, propondo-a como prática horizontal de escuta e diálogo, em consonância com Paulo Freire, para quem “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987).

Ao analisar o percurso do projeto Cartas de um Campo Belo, refletimos sobre como essa experiência possibilitou a emergência de uma ecologia de saberes que promove uma “dupla ruptura epistemológica” (SANTOS, 2002) na qual universidade, escola pública e território se reconhecem como espaços de produção de conhecimento. O projeto não buscou ensinar cinema, mas aprender com os jovens modos de olhar e narrar o mundo. Cada carta revela fragmentos desta partilha: sonhos, afetos e visões de futuro que falam não só do Campo Belo, mas das relações entre os sujeitos e seu território.

O artigo organiza-se em cinco seções: a segunda apresenta os fundamentos teóricos da Produção Partilhada do Conhecimento; a terceira descreve a trajetória metodológica do projeto; a quarta discute o formato do filme-carta como dispositivo de criação e partilha e a quinta, intitulada Conclusão: extensão, cinema e partilha do sensível, reflete sobre os sentidos dessa experiência no contexto da extensão universitária da PUC-Campinas. Mais do que relatar uma prática, buscamos aqui pensar o cinema como um lugar de conhecimento partilhado, em que a criação coletiva se faz tanto estética quanto política. Como nas cartas que inspiraram o projeto, este texto também se dirige a um destinatário: àqueles que acreditam que a universidade pode ser, ela mesma, uma correspondência contínua em diálogo com o mundo e seu tempo.



Estudantes da Escola Celeste Palandi de Mello, estudantes da PUC – Campinas e o prof. Caio Lazaneo, durante oficina na Escola Celeste Palandi de Mello.

A Produção Partilhada do Conhecimento

A Produção Partilhada do Conhecimento emerge no interior de um campo de experimentações estéticas e éticas desenvolvido no CEDIPP – Centro de Comunicação Digital e Pesquisa Partilhada, vinculado à Escola de Comunicações e Artes e à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (Universidade de São Paulo). Resulta de uma rede de trabalhos realizados junto às comunidades indígenas, quilombolas, rurais e periféricas que, ao longo dos anos, expandiu-se para outros contextos e parcerias, tecendo pontes entre a universidade e diferentes modos de produção de saber. Mais do que um método, trata-se de um processo comunicativo e poético em que o gesto da criação é também gesto de escuta. Sua ética funda-se na experiência do encontro e na possibilidade de reconhecer-se com o Outro em um mesmo espaço de invenção. Neste horizonte, aproxima-se da noção de “saber do Mestre Griô” (BAIRON; BATTISTELLA; LAZANEO, 2015), em

diálogo com o pensamento de Lílian Pacheco (2006), propondo uma epistemologia baseada na oralidade, na ancestralidade e na partilha.

O saber do Mestre Griô é, antes de tudo, uma forma de presença. Não se reduz à transmissão de conteúdos, mas à vibração entre corpos, sons e narrativas que se entrelaçam no ato de contar. É um saber que não se acumula, mas se compartilha, mediado por uma ética da convivência. O Mestre Griô é mediador, educador e artista: aquele que transforma o cotidiano em espiral simbólica, cuja palavra habita e é habitada. Nesta perspectiva, ética e estética se entrelaçam e o conhecimento nasce da escuta e da coabitação. Ao aproximar-se dessa cosmologia, a Produção Partilhada propõe uma ruptura epistemológica diante das formas hegemônicas de pesquisa. O pesquisador deixa de interpretar o Outro a partir de um ponto de exterioridade para tornar-se interlocutor, sujeito e objeto simultaneamente da relação. O conhecimento é tecido em rede, como um conjunto de vozes e olhares que se cruzam na construção de uma narrativa comum. Assim, o espaço acadêmico deixa de ser a origem exclusiva do saber e passa a ser lugar de mediação e escuta, onde distintas formas de conhecimento oral, escrita, sensível e espiritual coexistem e se tensionam. O sentido emerge do diálogo, não do objeto em si. Inspirada no princípio da polifonia (BAKHTIN, 2010), a Produção Partilhada transforma a pesquisa em um espaço de múltiplas vozes, em constante negociação e transformação. O processo torna-se uma estética dialógica em que escrita, escuta e montagem se constroem entre corpos e contextos, abertas à imprevisibilidade do encontro.

Esta perspectiva dialoga com Michel de Certeau (2011), que desloca o foco do conhecimento para o cotidiano como espaço de invenção. O “homem ordinário”, em sua vida comum, é aquele que reinventa as formas de viver e dizer. A Produção Partilhada se inscreve neste mesmo campo das micropolíticas da criação — dos deslocamentos e traduções que fazem da experiência um lugar de resistência simbólica e construção coletiva de sentido. De modo semelhante, Maffesoli (1998) propõe uma razão sensível, um saber que valoriza o afetivo, o intuitivo e o imprevisível como dimensões legítimas da experiência humana. Essa razão sensível

também fundamenta a Produção Partilhada: um saber que se faz no corpo, na convivência, na imagem e na escuta, redefinindo hierarquias entre oral e escrito, acadêmico e comunitário e reconhecendo em todos os modos de expressão a potência de produzir conhecimento. Em síntese, a Produção Partilhada do Conhecimento é uma prática política e estética de busca à restituição da palavra, da imagem e da autoria àqueles historicamente silenciados. Produzir partilhadamente é compreender o conhecimento como relação e processo — não posse nem acúmulo. É, sobretudo, um gesto de reencantamento do saber, reinscrevendo nele as vozes, gestos e narrativas que constituem o tecido vivo das culturas e das experiências humanas.



Estudantes da Escola Celeste Palandi de Mello, estudantes da PUC – Campinas e o prof. Caio Lazaneo, durante oficina na Escola Celeste Paland Estudantes da Escola Celeste Palandi de Mello, estudantes da PUC – Campinas e o prof. Caio Lazaneo, durante oficina na Escola Celeste Palandi de Mello. i de Mello.

A montagem como gesto de escuta

A montagem dos filmes, realizada pelos estudantes da PUC-Campinas a partir das imagens e sons dirigidos e captados pelos alunos da Escola Celeste Palandi de Mello, configurou-se como um momento decisivo de escuta e partilha. Mais do que uma etapa técnica do processo cinematográfico, a montagem foi entendida como espaço de encontro, território de tradução sensível das intenções e afetos expressos nos filmes-cartas.

Neste sentido, o gesto de montar não buscou corrigir, ordenar ou uniformizar as vozes dos participantes, algo trivialmente atribuído em sua compreensão técnica, mas sobretudo escutá-las e, consequentemente, criar conjuntamente. Ao selecionar planos, ajustar pausas e compor ritmos, os estudantes da universidade procuraram preservar a integridade e a potência das narrativas pessoais vindas da comunidade escolar, reconhecendo que o ato de montar implica também um posicionamento ético diante do outro.

Essa dimensão relacional da montagem aproxima-se das experiências de Jean Rouch e de sua proposta de cinema partilhado, na qual o processo fílmico é concebido como um campo de trocas e coautorias. Em *Crônica de um Verão* (1961), Rouch e Morin propuseram uma prática em que filmar, montar e exibir são etapas abertas ao diálogo. O filme se constrói na escuta e a montagem torna-se o lugar no qual as diferenças se revelam e se negociam, trânsito em que a câmera deve tornar-se uma espécie de prolongamento do olhar do Outro, ideia que aqui pode ser estendida à ilha de edição, onde a escuta e o olhar se materializam em cortes, falas, silêncios e justaposições.

No projeto *Cartas de um Campo Belo*, essa ética do encontro se atualiza: a montagem dos filmes-cartas, conduzida pelos estudantes da PUC-Campinas, não se configurou como instância hierárquica, mas como continuação dos diálogos iniciados nas oficinas. Montar, neste contexto, foi também devolver aos alunos da escola um olhar sobre si mesmos, de forma mediada. O resultado é um gesto de tradução e reconhecimento mútuo, em que a forma fílmica reflete a própria dinâmica de Produção

Partilhada que a originou e que, conseqüentemente, segue em partilha nas etapas sucessivas.



Estudantes da Escola Celeste Palandi de Mello e estudantes da PUC – Campinas trabalham nos Laboratório de Cinema na PUC – Campinas, na montagem dos filmes-cartas. Foto: Samuel Benício.

Extensão, partilha e reconhecimento⁵

Desde os primeiros encontros na Escola Celeste Palandi de Mello, o projeto Cartas de um Campo Belo estruturou-se como um espaço de diálogo e criação coletiva. As oficinas partiram não de roteiros fixos, mas de perguntas geradoras que abriram caminhos narrativos:

O que você contaria ao mundo a partir do Campo Belo?

Quais são os teus sonhos no Campo Belo?

Que sonhos você carrega em sua mochila?

Essas perguntas despertaram lembranças, desejos e modos de ver o próprio território. A partir delas, os estudantes transformaram sonhos em palavra, imagem e som. Giovanna Lino Cordeiro, por exemplo, narrou sua carta em inglês como gesto simbólico de abertura ao mundo. Joas Henrique Oliveira de Jesus expressou o desejo de ser piloto de avião, sonho que dialoga poeticamente com o céu cruzado pelos aviões de Viracopos. Yasmin de Fátima Rodrigues dos Santos falava sobre a importância de que o Campo Belo fosse visto além dos estigmas da favela e Maria Eduarda, movida pelo desejo de justiça, sonhava cursar Direito.

Estas narrativas singulares compuseram o tecido sensível das cartas, criadas a partir da escuta e da presença partilhada entre estudantes da PUC-Campinas e da Escola Celeste. Mais do que uma metodologia de ensino, o processo configurou-se como um campo de experimentação e diálogo, no qual se aprende convivendo e criando com o Outro.

Durante as oficinas, os estudantes assistiram e discutiram coletivamente os filmes Das crianças Ikpeng para o mundo (2001), Adeus, Mandima (2010) e Cartas pela Paz (2024). As obras serviram

⁵ Todos os depoimentos que constam nesta sessão, dos educadores, estudantes da Escola Celeste Palandi de Mello e estudantes do curso de Cinema e Audiovisual da PUC – Campinas foram colhidos na oportunidade da exibição dos filmes-cartas, no contexto da III Mostra de Talentos Humanos, que aconteceu no Espaço Tamurá, no Campus I, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, no dia 24 de outubro de 2025.

como inspiração estética, mostrando como a carta audiovisual pode ser, ao mesmo tempo, íntima e coletiva — um gesto de comunicação com o mundo a partir de si.

Inserido no Programa de Desenvolvimento Humano e Integral: Levanta-te e anda, o projeto constituiu-se como espaço de encontro entre universidade e comunidade, viabilizando trocas de saberes e experiências de reconhecimento. Ao propor a presença dos universitários junto à escola, reafirmou a extensão como prática transformadora, lugar em que o saber acadêmico se reinventa na escuta e na convivência.

A fala da professora Cristina Batista de Castro Ribeiro, vice-diretora da escola, evidencia esse movimento de deslocamento e escuta: “Eles têm uma identidade com a escola, com o bairro. [...] Eu acho que é interessante eles conhecerem a PUC. [...] O mundo enxerga a favela, mas não enxerga a pessoa que está lá dentro. Então, quando vocês chegaram, eles tiveram a oportunidade de ser reconhecidos e isso foi muito bom”.

A professora sintetiza o sentido mais profundo da extensão: não apenas levar a universidade à comunidade, mas deixar-se atravessar por ela. Sua fala ressoa os princípios da Produção Partilhada do Conhecimento, que compreende o processo formativo como relação de reciprocidade e coautoria. A escuta sensível converte-se em gesto político de partilha, em que câmera, diálogo e imagem tornam-se mediadores de reconhecimento.

A diretora Cibele Barbosa Franchetto reforçou esta dimensão após a exibição dos filmes-cartas no Espaço Tamurá da PUC-Campinas (outubro de 2025):

“Nos encheu de orgulho e emoção ver esse lado dos alunos, seus sonhos e qualidades. Foi muito bom poder ouvi-los, e estamos aqui para ajudá-los’.

Ao ver e ouvir seus alunos pelas imagens que eles mesmos criaram, a diretora reconhece outros modos de existência que o cotidiano escolar tende a silenciar. O filme-carta opera, assim, como narrativa autorreflexiva, espaço em que o sujeito se dá a ver e se

descobre de outro modo. Mais do que uma via de mão dupla entre universidade e comunidade, o projeto elaborou um processo interno de reconhecimento: ao escrever e filmar para alguém, o estudante fala também sobre si, abrindo-se ao olhar do Outro.

Os depoimentos dos alunos expressam essa transformação. Yasmin Rodrigues, realizadora de “Os que sonham de pés descalços”, afirmou: “Participar do projeto da PUC–Campinas com a Escola Celeste Palandi de Mello foi uma honra porque abriu os olhos das pessoas para como elas veem a nossa favela. Foi muito importante porque as pessoas veem o Campo Belo simplesmente como uma favela e não como um lugar que tem vida e pessoas incríveis, com muito para falar. Participar desse projeto abriu tanto os olhos dos alunos da Celeste quanto o das pessoas que viram nossos trabalhos. Nós vimos que temos várias oportunidades de mudar de vida se nos dedicarmos aos estudos e seguirmos nossos sonhos.”

Gabrielly de Souza Pavarina (Minha história começa aqui) acrescentou:

“Foi algo único. Me fez reconhecer o meu valor e o de outras pessoas. Quando mostrei para minha família, ficaram cheios de orgulho. Pode mudar nosso futuro.”

E Giovanna Lino Cordeiro (Carta para meu avô) destacou: *“Foi diferente falar dos meus sonhos na frente de tanta gente, mas foi importante me expressar. Foi maravilhoso conhecer a PUC e ver que podemos estar aqui também”.*

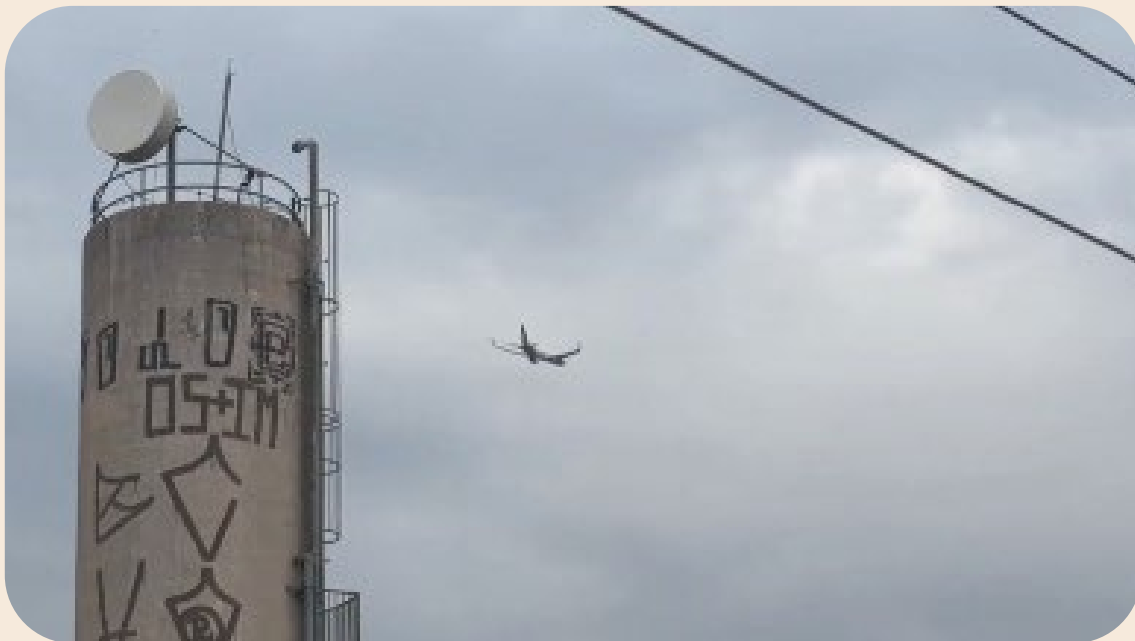
Bruno Germano de Souza, que realizou o filme–carta Uma carta da cidade Singer ao mundo, também destacou essa dimensão de pertencimento: “Foi um projeto muito legal. Deu uma boa oportunidade para eu me expressar. Eu sempre gostei de fazer coisas relacionadas à arte, tipo vídeo, e ter a chance de fazer um filme sobre mim mesmo foi incrível. [...] Foi muito legal conhecer novas pessoas, ser acolhido pela PUC. Eu nunca imaginei que estaria num lugar desse. Foi uma experiência que vou guardar para sempre”.

Estas vozes revelam o cinema como campo de acolhimento e reconhecimento, no qual estética e educação se entrelaçam. Os

estudantes da PUC-Campinas também relataram transformações. João Henrique Martins Manarini, montador de Equilíbrio, comentou: “Ver todos eles se expressando do jeito que queriam me fez ter mais força de vontade para seguir. Foi uma experiência imensa”. E Raphael Rodrigues, montador de Adeus, meu eu do futuro, completou:

“Foi muito proveitoso participar. Interagir com os estudantes e transformar suas cartas em curtas incríveis foi a melhor experiência que poderia ter”.

Estes depoimentos reafirmam a extensão como experiência de formação mútua, em que escuta, criação e afeto se tornam práticas pedagógicas e políticas de transformação. O projeto Cartas de um Campo Belo reafirma, assim, a extensão universitária como campo da Produção Partilhada do Conhecimento: um espaço onde saberes acadêmicos e comunitários se entrelaçam, produzindo imagens e sentidos que só existem na relação viva entre sujeitos.



Fotograma do filme-carta de Joas Henrique Oliveira de Jesus, intitulado “Um dia com Joas”, onde um avião cruza o céu acima da escola.



Fotograma do filme-carta de aluna Yasmin de Fátima Rodrigues dos Santos, intitulado “Os que sonham de pés descalços”.

O filme-carta como experiência de Produção Partilhada

A prática do filme-carta nos convida a repensar o cinema não apenas como forma de expressão individual, mas como espaço relacional, um lugar de escuta e diálogo entre sujeitos. Esta forma, que se desenvolveu em diferentes contextos do cinema contemporâneo, do epistolar pessoal ao político e coletivo, adquire um sentido singular quando é mobilizada em processos de extensão universitária e de Produção Partilhada do Conhecimento.

No projeto Cartas de um Campo Belo, o gesto de filmar uma carta não partiu do desejo de representar o outro, mas de dialogar com ele. Este princípio encontra ressonância direta na antropologia partilhada de Jean Rouch, para quem o cinema deve experienciar, antes de tudo, uma forma de encontro (ROUCH, 1995). Ao propor o que chamou de cinéma partagé, Rouch rompeu com o pressuposto de uma observação distanciada e abriu espaço para uma coautoria simbólica entre quem filma e quem é filmado.

Neste sentido, filmar é sempre estar em relação, compreendendo muitas vezes que a câmera opera enquanto o pretexto para uma conversa, um diálogo, uma memória e o filme apresenta-se como um vestígio destas relações que foram construídas no ato de filmar. Assim, o dispositivo fílmico torna-se um mediador ético e estético, um território em que o saber se constrói pela convivência e pela troca de olhares. Essa concepção dialoga intimamente com os princípios da Produção Partilhada do Conhecimento, no qual o conhecimento nasce de um processo de “habitar de diálogos” e o pesquisador é, ao mesmo tempo, interlocutor e participante.

Ao trabalharmos o filme-carta com os estudantes da Escola Celeste Palandi de Mello e da PUC-Campinas, assumimos que cada carta adotaria um espaço-tempo de enunciação afetiva, uma forma de

habitar o mundo e seu território. O processo se estruturou a partir da escuta, da confiança e da presença mútua, dimensões que configuram mais do que uma metodologia, uma ética da partilha, na perspectiva de que o filme–carta mobiliza palavra, imagem e som como formas de endereçamento relacional, operando numa zona limiar entre o íntimo e o público, entre a fala individual e o diálogo coletivo. Esse caráter híbrido e relacional faz do filme–carta um terreno fértil para práticas educativas e comunicacionais orientadas pela horizontalidade.

Essa ética da partilha é também a do reconhecimento da alteridade, daquilo que se descobre em comum no encontro com o Outro. Como expressa Luana Moreira Araújo Silva, estudante do segundo semestre do curso de Cinema e Audiovisual da PUC–Campinas e montadora do filme Uma carta da cidade Singer ao mundo:

“Participar do Projeto Campo Belo foi uma experiência transformadora, reacendendo minha capacidade de sonhar e me conectando com minha própria infância. Ao trabalhar com o Bruno, um jovem sonhador com vivências semelhantes às minhas, percebi que, apesar de bairros diferentes, compartilhamos desafios parecidos, como a delicada infraestrutura local. Essa conexão fortaleceu ainda mais a inspiração e o poder dos sonhos, mostrando que, mesmo diante das dificuldades, é possível olhar para o futuro com esperança.”

Em seu relato, a alteridade surge como um espelho e como uma abertura ao encontro, não como distância, senão como um espaço de reconhecimento partilhado, no qual o gesto de montar um filme–carta de um outro estudante, em outro contexto de vida, é também o de escutar a si mesma através da voz do outro.

No âmbito da extensão universitária, tal escolha estética e política reforça os objetivos do Programa de Desenvolvimento Humano Integral: Levanta-te e anda, no qual o projeto se insere. A carta, como forma discursiva, possibilita ao sujeito narrar-se, mas também reconhecer-se narrado pelo Outro. Neste sentido, cada filme–carta produzido pelos jovens da Escola Celeste materializa a coautoria e a reciprocidade como princípios constitutivos da experiência.

Nesta experiência, percebemos que o gesto de dirigir uma carta

para alguém, seja para si próprio, um familiar, à cidade, Deus ou o futuro demandou camadas de memória e de identidade que se entrelaçaram com as da equipe de montagem, constituída por estudantes da universidade, durante o projeto. Este entrelaçamento configura-se como uma estética do encontro, em que o cinema deixa de ser mero registro para tornar-se prática de vínculo.

Portanto, o filme-carta, enquanto forma expressiva e metodológica, permite concretizar princípios da Produção Partilhada: o saber e a imagem emergem de uma convivência não hierárquica, de uma relação de escuta e coautoria que se inscreve simultaneamente no corpo, na fala e na montagem. Assim, cada carta produzida no projeto não representa o outro, mas é com o Outro, gesto que reitera o cinema como espaço de presença mútua e diálogo.

O que se partilha, afinal, não são apenas filmes e seus modos de fazer, senão o próprio processo de vê-los nascer. Neste movimento, a universidade cumpre sua função mais profunda: a de aprender com as experiências vividas e narradas pelos sujeitos com quem se encontra.

Conclusão: extensão, cinema e partilha do sensível

Concluimos este primeiro percurso com a consciência de que o gesto de partilhar imagens e sons é, antes de tudo, um contínuo ato de escuta. A experiência do projeto Cartas de um Campo Belo reafirmou para nós que o cinema, quando vivido enquanto extensão universitária, torna-se também um espaço de atravessamentos — entre saberes, corpos e territórios — em que a universidade se desloca de seu lugar de fala, habitualmente hierarquizada, e passa a habitar um lugar de encontro e de escuta.

Ao longo das oficinas, das gravações e das montagens, compreendemos que a potência do cinema não reside apenas em sua capacidade de representar o mundo, mas em sua possibilidade de fazê-lo acontecer em um espaço transitório, isto é, entre aquele (a) que filma e aquele (a) que é filmado, entre quem escuta e quem fala, entre quem ensina e quem aprende. Neste ínterim, o saber se torna movimento, o aprendizado ganha corporeidade e as imagens e sons abrigam espelhos e pontes.

Os filmes–cartas realizados com os estudantes da Escola Celeste Palandi de Mello e da PUC–Campinas nos ensinaram que a extensão não é uma via de mão única, mas um espaço de atravessamentos recíprocos. Cada carta filmada devolveu à universidade uma pergunta: o que significa, afinal, produzir conhecimento com o outro? Ao acolher essas perguntas, a própria universidade se reconfigura, deixa se afetar, desmontar e remontar pela experiência. A Produção Partilhada do Conhecimento, neste contexto, não é apenas um método, mas uma postura diante do mundo, um modo de aprender a ver e a escutar de forma implicada, reconhecendo que todo saber é também uma forma

de convivência.

Assim, quando revisitamos as cartas, suas vozes, silêncios, gestos e pausas, percebemos que o que permanece não é a filmagem nem a exibição, mas a rede de afetos e de sentidos que se formou no caminho. O cinema, a extensão e a partilha do sensível (RANCIÈRE, 2005) se encontram neste ponto: no reconhecimento de que aprender e ensinar são, ambos, atos de estar com o Outro, em relação. Os filmes-cartas realizados pelos estudantes da Escola Celeste Palandi de Mello e da PUC-Campinas produziram uma reorganização dos lugares de fala e de visibilidade, abrindo espaço para novas sensibilidades e modos de pertencimento. Neste sentido, compreendemos o processo como uma partilha do sensível, de que nos fala Rancière (2005), como um deslocamento nas fronteiras do que é visível, audível e pensável no espaço comum. A partilha do sensível, aqui, ao dar lugar às vozes do Campo Belo, a partir dos estudantes de ambas as instituições de ensino, e incorporá-las na criação fílmica, redistribui o sensível, reconfigurando a cena da enunciação. O cinema torna-se, assim, uma pedagogia da escuta, em que o olhar universitário é também afetado e transformado pelo olhar da comunidade.

Cartas de um Campo Belo não encerra um processo, mas o inaugura. Como nas cartas que seguem viagens, destinatários que sequer ainda nem conhecemos, os filmes permanecem abertos a novas leituras e encontros. Ao fazer do cinema um espaço de coautoria e escuta, a universidade se torna, também ela, um lugar de transformação sensível, território em que aprender é partilhar e partilhar é, sempre, reinventar o comum. E talvez seja isso o que o projeto mais enseje vislumbrar adiante: a certeza de que o cinema pode ser menos uma janela e mais uma casa aberta, território onde o conhecimento se constrói no diálogo, a universidade se reconhece como parte da comunidade, as imagens e sons se tornam um território comum possibilitando, nas palavras de Yasmin, transformar “gente que sonha mesmo quando o mundo não parece escutar”.

Referências

BAIRON, S.; LAZANEO, C. S; BATISTELLA, R. Fundamentos da Produção Partilhada do Conhecimento e o saber do Mestre Griô. **Revista Diversitas**, v. 3, p. 246–265, 2015.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. revista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: as artes de fazer**. Petrópolis, Vozes, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LAZANEO, C. S. **Produção partilhada do conhecimento: uma experiência com as comunidades indígenas Xavante e Karajá**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LAZANEO, C. S. **Produção partilhada e Reticularidade Fílmica**. 2017. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PACHECO, L. **Pedagogia Griô: A reinvenção da Roda da Vida**. Grãos de Luz e Griô, 2006.

PACHECO, L. A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade. **Revista Diversitas**, São Paulo:USP. ano 2, n. 3, p. 22–99, set 2014/mar 2015.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.

Referências

ROUCH, Jean. "The camera and man". In: HOCKINGS, Paul. **Principles of visual anthropology**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1995.

SANTOS, B. S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

Desenvolvimento de aplicativo para coleta e processamento de dados de preços da cesta básica: uma solução tecnológica para o observatório PUC-Campinas

Pedro de Miranda Costa¹
Pedro Ramos Kobori²

Resumo

Este trabalho apresenta o desenvolvimento de um aplicativo destinado à coleta e ao processamento de dados de preços de produtos da cesta básica, desenvolvido no âmbito do projeto de extensão “Observatório PUC-Campinas”. A solução tecnológica implementada utiliza uma arquitetura baseada em serviços AWS, com acesso seguro via Cloudflare Tunnel, desenvolvida predominantemente em Python, com o framework Dash. O sistema visa ampliar a participação discente e expandir o escopo de apuração de preços para a criação de novos índices econômicos. A aplicação incorpora práticas de segurança, backup automatizado e monitoramento contínuo, constituindo uma ferramenta robusta para pesquisa econômica aplicada. As perspectivas futuras incluem containerização via Docker e a implementação de uma arquitetura distribuída para maior escalabilidade.

Palavras-chave:

Cesta Básica;
Coleta de Dados;
Aplicativo Web;
Python; Extensão
Universitária.

¹ Docente Extensionista, Programa Observatório PUC-Campinas. E-mail: pedro.costa@puc-campinas.edu.br

² Discente do curso de Administração, Linha de Formação em Finanças Corporativas. E-mail: pedro.kobori@puc-campinas.edu.br

Introdução

A apuração e divulgação do índice de cesta básica constituem uma atividade fundamental para o acompanhamento das condições socioeconômicas regionais. Na cidade de Campinas, essa tarefa vem sendo realizada desde agosto de 2022 por meio de projetos de extensão conduzidos no âmbito do programa institucional “Observatório PUC-Campinas”, sob coordenação do docente extensionista Pedro de Miranda Costa.

O projeto inicial estabeleceu, como objetivos centrais, a ampliação da participação de discentes nas atividades de pesquisa aplicada, bem como a expansão do escopo dos preços apurados, visando à criação de novos índices econômicos. Essa iniciativa se alinha com a missão institucional de promover o desenvolvimento regional por meio da produção de conhecimento aplicado às demandas sociais.

A necessidade de desenvolver uma solução tecnológica adequada emergiu da complexidade inerente aos processos de coleta, armazenamento e processamento de grandes volumes de dados econômicos. O presente trabalho descreve o desenvolvimento de um aplicativo especializado que atende a essas demandas específicas, proporcionando maior eficiência e confiabilidade aos processos de pesquisa.

Motivadores do desenvolvimento

O desenvolvimento do aplicativo foi motivado pela necessidade de criar uma ferramenta que pudesse suportar adequadamente as atividades do projeto de extensão. Entre os principais motivadores, identificaram-se:

A necessidade de envolver um maior número de discentes nas atividades, tanto como bolsistas quanto como voluntários de extensão, demandava uma plataforma que facilitasse o acesso e a colaboração remota. Além disso, as atividades do projeto apresentavam potencial para complementar disciplinas dos cursos de graduação, especialmente aquelas de caráter quantitativo ou relacionadas à coleta e manipulação de dados;

A expansão do escopo de produtos monitorados e a perspectiva de criação de novos índices econômicos exigiam uma solução escalável e flexível, capaz de adaptar-se a diferentes cenários de coleta e análise de dados. O sistema deveria também garantir a integridade e a segurança das informações coletadas, considerando a importância dos dados para pesquisas acadêmicas e sua potencial utilização por outras instituições.

Arquitetura e detalhes técnicos

Infraestrutura e Conectividade

A arquitetura implementada baseia-se em serviços da Amazon Web Services (AWS), proporcionando escalabilidade e confiabilidade adequadas às demandas do projeto. O acesso remoto seguro é viabilizado por meio do Cloudflare Tunnel, que atua como proxy reverso, garantindo conexão criptografada e de baixa latência entre os usuários e a aplicação.

Essa solução apresenta vantagens significativas em ambientes com restrições de NAT (Network Address Translation) ou firewalls, situações comuns em instituições acadêmicas. O Cloudflare Tunnel elimina a necessidade de configurações complexas de rede, mantendo elevados padrões de segurança.

Persistência e backup de dados

A persistência dos dados é assegurada por meio de um sistema robusto de cópias de segurança realizadas periodicamente via rsync. Os dados são direcionados a um sistema de armazenamento local estruturado com ZFS (Zettabyte File System), em configuração RAIDZ2.

Essa configuração oferece tolerância a falhas de até dois discos simultaneamente e garante a integridade dos dados por meio de verificação contínua de corrupção silenciosa. O sistema ZFS permite também snapshots incrementais, facilitando a recuperação de versões anteriores dos dados quando necessário.

Desenvolvimento e Tecnologias

A aplicação foi desenvolvida predominantemente em Python, linguagem escolhida por sua versatilidade e amplo ecossistema de bibliotecas para análise de dados. Para a construção da interface interativa, utilizou-se o framework Dash, que permite a criação de aplicações web reativas com sintaxe Python nativa.

Complementam essa estrutura tecnológica as linguagens SQL, para consultas e persistência de dados, CSS para estilização visual e JavaScript para implementação de lógica de interface e callbacks do lado do cliente. Essa escolha tecnológica priorizou tanto a velocidade de desenvolvimento quanto a capacidade de implementar otimizações voltadas à experiência do usuário.

A execução de tarefas no cliente contribui para a redução da carga no servidor, melhorando a responsividade da aplicação e permitindo maior escalabilidade com o aumento do número de usuários simultâneos.

Monitoramento e disponibilidade

O sistema incorpora monitoramento contínuo por meio da ferramenta Uptime Kuma, possibilitando a detecção imediata de indisponibilidades e a mensuração da estabilidade ao longo do tempo. Essa solução fornece métricas detalhadas sobre o desempenho da aplicação e permite a configuração de alertas automáticos.

Perspectivas futuras

Expansão de escopo

Entre as perspectivas de evolução do sistema, destaca-se a ampliação do escopo de produtos monitorados, permitindo a criação de índices econômicos mais abrangentes e detalhados. Essa expansão contempla não apenas produtos da cesta básica tradicional, mas também outros itens de consumo essencial.

Planeja-se também disponibilizar a solução para outras instituições com propósitos similares aos da PUC-Campinas, criando uma rede colaborativa de monitoramento de preços que pode beneficiar pesquisadores e formuladores de políticas públicas em diferentes regiões.

Melhorias de infraestrutura

Entre as etapas planejadas para a evolução da infraestrutura, destaca-se a containerização da aplicação via Docker. Essa abordagem visa automatizar o processo de inicialização e conexão com o Cloudflare Tunnel, além de viabilizar a implementação de redundância geográfica por meio de múltiplas instâncias do túnel em diferentes servidores.

Considera-se também a adoção futura de uma arquitetura em cluster utilizando Proxmox para virtualização e GlusterFS como sistema

de arquivos distribuído. Essa configuração ampliará significativamente a escalabilidade horizontal e a resiliência do sistema frente a falhas pontuais de hardware ou conectividade.

Considerações finais

O desenvolvimento do aplicativo para coleta de dados de preços da cesta básica representa um avanço significativo nas atividades do Observatório PUC-Campinas. A solução implementada combina robustez técnica com flexibilidade operacional, atendendo tanto às demandas atuais quanto às perspectivas de expansão do projeto.

A arquitetura adotada demonstra como tecnologias contemporâneas podem ser aplicadas eficazmente em projetos de extensão universitária, proporcionando oportunidades de aprendizado prático para discentes e contribuindo para o desenvolvimento de competências técnicas alinhadas às demandas do mercado de trabalho.

As perspectivas futuras indicam um potencial relevante de evolução, tanto em termos de funcionalidades quanto de alcance institucional, podendo constituir-se em uma ferramenta de referência para o monitoramento econômico regional. O projeto exemplifica a importância da integração entre ensino, pesquisa e extensão na produção de soluções tecnológicas com impacto social significativo.

Projeto de extensão interdisciplinar “alma lavada”

Marcelo José Della Mura Jannini¹

Tatiana Slonczewski²

Ana Carolina Vicente da Silva Almeida³

Beatriz Martins Lopes⁴

Resumo

Palavras-chave:

**Extensão
Universitária;
Saneantes
Sustentáveis;
Promoção de
Saúde Mental;
Metodologia
Grupal.**

O projeto interdisciplinar de extensão “Alma Lavada” é desenvolvido junto às mulheres da Comunidade Santa Rita de Cássia, na região do Campo Belo (Campinas/SP). As atividades realizadas têm como objetivo dialogar com práticas culturais de limpeza do público-alvo, como as misturas caseiras de produtos, propondo alternativas seguras e sustentáveis. Por meio de ações grupais de aprendizagem significativa são confeccionados, pelas participantes, produtos como sabão a partir de óleo reutilizado, limpa-vidros, limpador multiuso, aromatizantes e sachês. As oficinas integram, ainda, atividades de promoção de saúde mental. Os resultados demonstram impactos significativos na autonomia das participantes e no fortalecimento do grupo, além de promoverem consciência ambiental, protagonismo comunitário e a perspectiva de criação futura de uma cooperativa.

¹ Docente Mestre vinculado ao Programa Institucional Desenvolvimento Humano e Integral – Levanta-te e Anda (PDHI –LA) da PUC–Campinas, desenvolvendo o Projeto de Extensão “Alma Lavada”.

² Docente Doutora da Faculdade de Psicologia e vinculada ao Programa Institucional Desenvolvimento Humano e Integral – Levanta-te e Anda (PDHI –LA) da PUC–Campinas, desenvolvendo o Projeto de Extensão “Alma Lavada”.

³ Discente da Faculdade de Enfermagem da PUC–Campinas e bolsista de Extensão vinculada ao Projeto.

⁴ Discente da Faculdade de Psicologia da PUC–Campinas e bolsista de Extensão vinculada ao Projeto.

Introdução

No Brasil, os cuidados com a limpeza doméstica ultrapassam a dimensão prática e se tornam parte de um repertório cultural. Um hábito bastante comum é a realização das chamadas “misturas de limpeza”, ou seja, a combinação de diferentes produtos em busca de maior eficácia. Essa prática, transmitida de geração em geração, traduz a crença de que quanto maior o número de substâncias empregadas, maior será a sensação de limpeza e higienização. Ao mesmo tempo em que esse comportamento expressa criatividade e senso de autonomia, ele também carrega riscos. A combinação de produtos pode gerar reações químicas adversas, além de diminuir a eficácia dos agentes envolvidos e, em alguns casos, provocar danos à saúde ou ao meio ambiente.

Este ponto de partida esteve presente desde os primeiros encontros do projeto de extensão “Alma Lavada”, desenvolvido pela PUC–Campinas na região do Campo Belo, em Campinas–SP. Ao ouvir as mulheres da comunidade, percebeu-se que muitas delas tinham histórias relacionadas a essas misturas caseiras. As experiências eram diversas e, em geral, ligadas à busca por soluções acessíveis e eficazes para a limpeza doméstica. Esse diálogo inicial evidenciou que, para além da produção de novos produtos, seria essencial reconhecer os saberes já existentes e dialogar com eles de forma respeitosa, valorizando o repertório cultural das participantes.

O Campo Belo, onde o projeto se insere, é uma das maiores comunidades da região, marcada por intensa vida social, redes de apoio e participação comunitária. A presença da Universidade neste território já ocorre há algum tempo, por meio de diferentes iniciativas extensionistas, o que fortalece os vínculos e abre espaço para trocas qualificadas entre o saber científico e popular. Nesse contexto, o projeto não surge de forma isolada, mas como parte de um conjunto

maior de ações integradas, articuladas ao Grupo Alma Lavada, dentro do Programa Institucional Desenvolvimento Humano Integral – Levanta-te e Anda (PDHI – LA) da PUC–Campinas. A proposta central das oficinas é a confecção de saneantes sustentáveis, com baixo impacto ambiental e para a saúde, elaborados a partir de insumos acessíveis, como óleo de cozinha reutilizado, vinagre de álcool, álcool de cereais entre outros. O projeto reside em sua abordagem interdisciplinar e suas atividades de produção técnica são constantemente articuladas às dinâmicas voltadas à promoção da saúde mental e ao fortalecimento das relações entre as participantes. Dinâmicas de autoconhecimento e valorização pessoal, como exercícios em que cada mulher reconhece suas próprias qualidades ou aponta virtudes de outra colega ou ainda atividades que apoiam a construção de uma rede simbólica de vínculos têm se mostrado fundamentais para ampliar o sentido das oficinas.

Nessas ocasiões, o espaço da produção dos saneantes torna-se também um espaço de cuidado emocional, escuta e fortalecimento coletivo. Assim, o projeto atua em algumas frentes: promove práticas de consumo mais sustentáveis e ambientalmente responsáveis, oferece alternativas acessíveis de saneamento doméstico e, ao mesmo tempo, contribui para a saúde emocional e para o fortalecimento de vínculos comunitários. Ao unir ciência, cultura e cuidado humano, a iniciativa reafirma o papel da extensão universitária como ponte entre Universidade e comunidade, permitindo que ambas cresçam no processo de diálogo e construção conjunta de saberes.

Metodologia e desenvolvimento

Para a compreensão do público-alvo, foi realizada uma caracterização diagnóstica situacional junto às mulheres da Comunidade Santa Rita de Cássia, na região do Campo Belo (Campinas-SP). Os resultados revelaram aspectos relevantes sobre a realidade vivida por essas participantes que, além de lidarem com responsabilidades domésticas e familiares, também relataram desafios ligados à saúde mental, como sintomas de depressão e ansiedade. Esses dados reforçaram a importância de estruturar o projeto não apenas em

torno da confecção de saneantes, mas também como um espaço de acolhimento e cuidado.

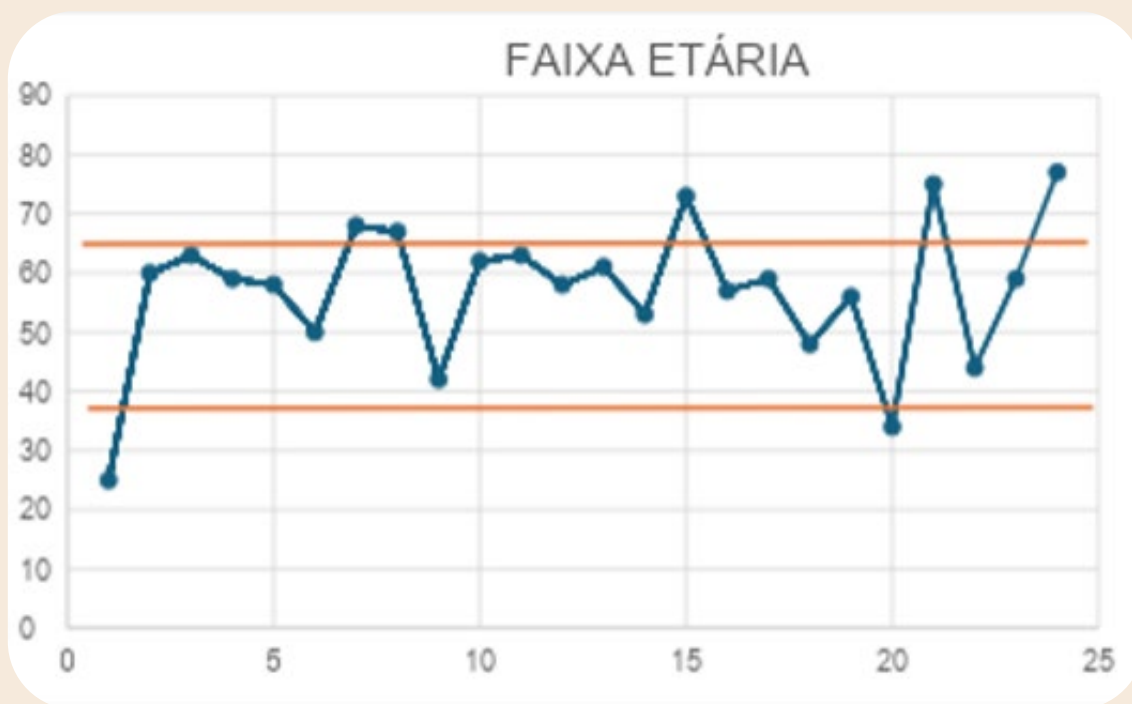


Gráfico 1 Perfil etário das participantes

O público-alvo das ações é, em sua maioria, composto por mulheres, com idades entre 25 e 80 anos, sendo a faixa etária de 40 a 65 a mais numerosa.

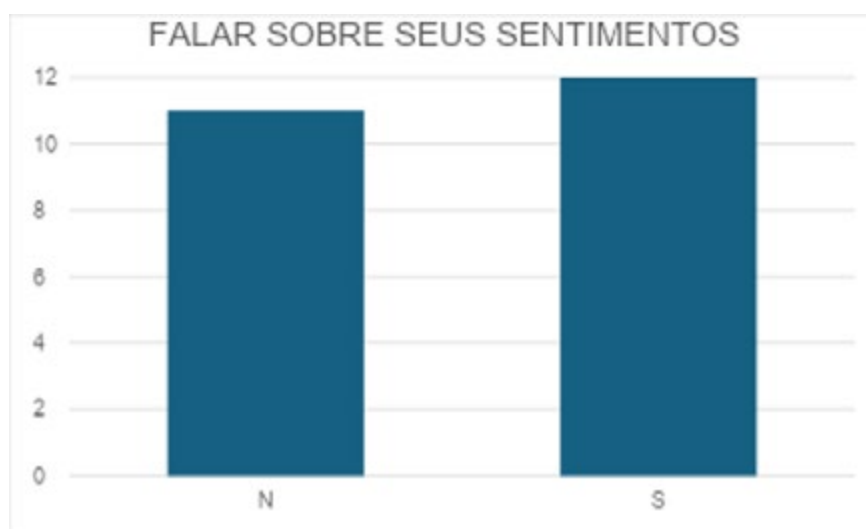


Gráfico 2 Relato sobre os sentimentos

O público-alvo das ações é, em sua maioria, composto por mulheres, com idades entre 25 e 80 anos, sendo a faixa etária de 40 a 65 a mais numerosa.



Gráfico 3

Rede de suporte para diálogo sobre sentimentos

A maioria das participantes afirma contar com a família como rede de suporte para falar de seus sentimentos, mas muitas afirmam não falar com ninguém sobre o que sentem.

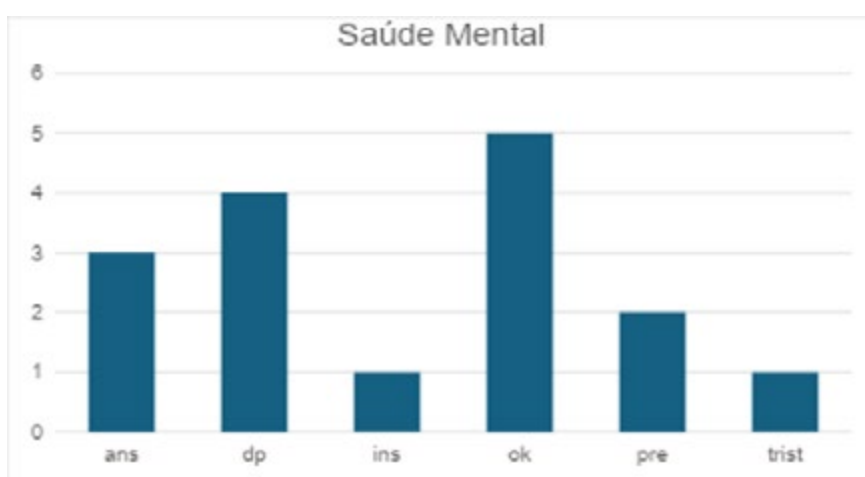


Gráfico 4

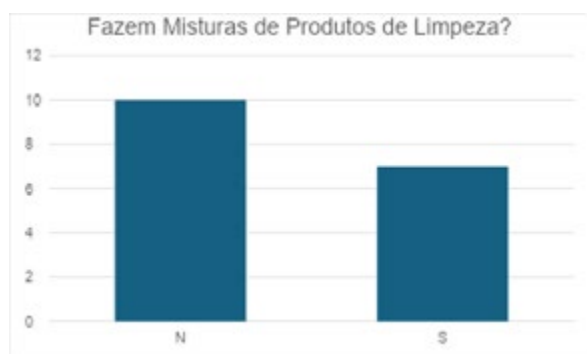
Queixas de saúde mental

O estado geral de saúde mental é descrito por elas como “bom”. As queixas mais frequentes foram sintomas de ansiedade e depressão, embora muitas considerassem seu estado mental atual como livre de queixas relevantes.



Gráfico 5 Tempo de descanso semanal

O padrão de descanso semanal descrito pelas participantes depende das atividades de cuidado remunerado ou não remunerado que realizam, concentrando-se aos finais de semana ou no tempo que resta quando encerram o serviço doméstico.



Gráficos 6 e 7 Mistura de produtos de limpeza

Parte delas afirma fazer misturas entre produtos de limpeza, sendo elas quem mais frequentemente exercem tarefas domésticas. As misturas mais frequentes incluem combinações entre dois produtos sanitizantes comerciais. Outro ponto observado foi o hábito



Gráficos 8 e 9

Causas e consequências das misturas de sanitizantes

já consolidado das chamadas “misturas de limpeza”, em que diferentes produtos são combinados com o pensamento de que “quanto mais mistura, mais limpo fica”. Essa prática, embora comum, pode gerar riscos e, por isso, foi escolhida como eixo inicial das oficinas, permitindo dialogar com a cultura local e, ao mesmo tempo, introduzir práticas mais seguras e sustentáveis.

As oficinas acontecem semanalmente, sempre às terças-feiras à tarde, em encontros presenciais que reúnem as mulheres da comunidade, os professores e alunas extensionistas. Essa frequência regular possibilita a continuidade das atividades e favorece o fortalecimento dos vínculos entre todos os envolvidos. Embora o grupo de mulheres que participam das ações não seja tão numeroso, devido a incompatibilidades de horários e com os trabalhos, as mesmas mulheres comparecem a cada semana, criando uma relação de confiança e familiaridade entre elas, com participação constante, engajada e com grande envolvimento, tanto na execução prática quanto nas dinâmicas de grupo.

Um aspecto central da metodologia é a escuta ativa e a aprendizagem significativa, ou seja, os produtos confeccionados não são previamente definidos apenas pelo professor, mas resultam do diálogo com as mulheres. Sempre que surge um interesse por determinado

produto, a oficina é planejada para atender a essa demanda. Esse processo participativo fortalece o sentimento de pertencimento, pois as mulheres percebem que suas necessidades e desejos orientam diretamente a construção das atividades.

Entre os saneantes produzidos até o momento, destacam-se: sabão sustentável (a partir de óleo reutilizado), limpa-vidros (à base de água, vinagre e essência natural), aromatizante de ambiente (à base de álcool de cereais, essência hidrossolúvel e água mineral) e sachê aromatizante (à base de vermiculita, essência e álcool de cereais). Essas produções têm caráter didático e prático, permitindo que as participantes levem os produtos para casa, utilizem no dia a dia e compartilhem os resultados e a satisfação com outras pessoas da comunidade.

As oficinas não se restringem ao espaço da comunidade, mas se desdobram em ações públicas. Na Mostra (Re)Olhar (PUC-Campinas e Catedral de Campinas- 2024) e no evento Círculos Dialógicos (PUC-Campinas - 2025), foram apresentados os produtos confeccionados pelas mulheres, e no próprio Campo Belo, em Mostra de Talentos realizado na paróquia local, as participantes assumiram o papel de multiplicadoras, ensinando os visitantes a produzirem os produtos. Essas experiências ampliaram o alcance do projeto e demonstraram a apropriação dos conhecimentos pelas participaantes.

Resultados e discussão

As oficinas, desenvolvidas desde o segundo semestre de 2024 e em andamento ao longo de 2025, têm revelado impactos significativos na vida das mulheres da Comunidade Santa Rita de Cássia, na região do Campo Belo, bem como na formação dos professores e alunos envolvidos. A frequência regular das atividades, realizadas todas as terças-feiras à tarde, permitiu a construção de vínculos sólidos entre a equipe universitária e a comunidade. Apesar de o grupo de mulheres ser reduzido, sua participação constante garantiu continuidade ao projeto. Observou-se grande entusiasmo das mulheres, que participam ativamente tanto na execução dos produtos quanto nas dinâmicas psicológicas. Para as participantes, as oficinas têm representado não apenas um espaço de aprendizado técnico, mas também de fortalecimento pessoal e coletivo. A confecção de saneantes sustentáveis trouxe novos conhecimentos sobre práticas seguras e ambientalmente responsáveis, ao mesmo tempo em que possibilitou a valorização dos saberes locais. Um aspecto simbólico central foi a escolha do nome “Alma Lavada”, atribuído pelas próprias mulheres. Elas afirmaram que o projeto “lava a alma”, pois oferece momentos de bem-estar, acolhimento e distração das dificuldades do dia a dia. Essa denominação demonstra a apropriação afetiva da experiência da interdisciplinaridade, que é identidade do projeto, e reforça o papel das oficinas como espaço de cuidado.

Além disso, o projeto tem a ideia de transformar a prática em oportunidade de geração de renda. Em várias conversas entre as participantes e delas com a equipe durante a realização das atividades, surgiu o desejo de estruturar futuramente uma cooperativa de saneantes sustentáveis, que venha possibilitar a elas não apenas produzir os produtos para uso doméstico, mas também comercializá-los como fonte de renda extra. Para as alunas extensionistas, por sua

vez, a experiência tem possibilitado aprendizagens que ultrapassam o campo técnico. A convivência semanal com as mulheres exigiu escuta ativa, empatia e capacidade de adaptação pedagógica. Ao planejar cada oficina a partir dos desejos das participantes, as estudantes vivenciaram um processo formativo mais crítico e sensível.

A utilização de insumos simples e acessíveis, como óleo reutilizado, contribuiu para a conscientização ambiental ao demonstrar como os resíduos podem ser reaproveitados de forma útil.

As ações comunitárias em espaços como a Catedral de Campinas, a Universidade e o próprio Campo Belo ampliaram o alcance social da proposta, permitindo que os conhecimentos produzidos no grupo fossem compartilhados com um público mais amplo e reforçando o protagonismo das mulheres envolvidas. Embora os resultados sejam expressivos, alguns desafios permanecem: a limitação de recursos para aquisição de insumos, a dificuldade de conciliar as oficinas com as rotinas de trabalho das participantes. No entanto, a força do grupo, a constância da equipe e a apropriação efetiva das mulheres apontam para a relevância do projeto e sua potencialidade de expansão.

Considerações Finais

O projeto “Alma Lavada” reafirma a extensão universitária como espaço de integração entre ciência, cultura e cuidado humano. Ao unir práticas de produção sustentável com dinâmicas de saúde mental, promove não apenas alternativas de saneamento doméstico, mas também momentos de fortalecimento coletivo. Os impactos observados até o momento revelam ganhos significativos para as mulheres da região do Campo Belo, que se apropriaram dos conhecimentos e passaram a multiplicá-los, e para as alunas extensionistas, que vivenciaram uma formação mais crítica, empática e comprometida com a realidade social.

Entre os próximos passos, destaca-se a intenção de apoiar a comunidade na criação de uma possível cooperativa de produção de saneantes sustentáveis. Embora ainda seja uma meta em construção, este desejo expressa o quanto o projeto ultrapassa o caráter educativo,

abrindo espaço para perspectivas de autonomia econômica e fortalecimento comunitário. Assim, as oficinas podem consolidar-se não apenas como um espaço de aprendizado e cuidado, mas também como geradoras de oportunidades de renda.



Jogo sobre misturas de sanitizantes, com função educativa e lúdica.



Ação na Catedral de Campinas durante a Mostra (Re)Olhar, na qual as mulheres compartilharam os conhecimentos que adquiriram, mostrando e distribuindo o sabão a partir de óleo reutilizado e confeccionando o limpa-vidro.



Oficina de sabão a partir de óleo reutilizado.



Stand de ação no Campo Belo durante a Mostra de Talentos, na qual as mulheres ensinaram os visitantes a produzirem os produtos que elas tinham aprendido nas oficinas e os distribuíram aos visitantes.



Grupo de professores e alunos extensionistas (Professora Tatiana Slonczewski, Professor Marcelo Jannini, Beatriz Lopez e Ana Carolina Vicen)

Alma Lavada – ateliê de extensão em sustentabilidade e saúde mental

Marcelo José Della Mura Jannini¹

Tatiana Slonczewski²

Ana Carolina Vicente da Silva Almeida³

Beatriz Martins Lopes⁴

Resumo

O ateliê 'Alma Lavada' é um encontro formativo e de promoção de saúde mental destinado a pessoas que queiram realizar uma imersão na metodologia do projeto de extensão de mesmo nome, vinculado ao Programa Institucional Desenvolvimento Humano e Integral – Levanta-te e Anda (PDHI-LA), da PUC-Campinas. Esse ateliê incluirá a produção de sanitizantes domissanitários sustentáveis e de atividades lúdicas que estimulem a convivência grupal o conhecimento sobre o tema. Ele será conduzido pelos docentes extensionistas, pelas alunas bolsistas e pelas mulheres da região do Campo Belo, sendo estas, também, participantes das ações interdisciplinares realizadas pelo projeto.

Palavras-chave:

**Extensão
Universitária;
Sustentabilidade;
Promoção de
Saúde Mental.**

¹ Professor Mestre vinculado ao Programa Institucional Desenvolvimento Humano e Integral – Levanta-te e Anda (PDHI-LA) da PUC-Campinas, desenvolvendo o Projeto de Extensão "Alma Lavada".

² Professora Doutora da Faculdade de Psicologia e vinculada ao Programa Institucional Desenvolvimento Humano e Integral – Levanta-te e Anda (PDHI -LA) da PUC-Campinas, desenvolvendo o Projeto de Extensão "Varanda" e "Alma Lavada".

³ Discente da Faculdade de Enfermagem da PUC-Campinas e bolsista de Extensão vinculada ao Projeto.

⁴ Discente da Faculdade de Psicologia da PUC-Campinas e bolsista de Extensão vinculada ao Projeto.

Introdução

‘Ateliê’ é uma palavra de origem francesa (atelier) cujo significado remete ao local de trabalho de artesãos, artistas e operários e, também, ao grupo de artistas ou artesãos que trabalham sob a orientação de um mestre⁵.

No presente trabalho, o ateliê corresponde tanto ao espaço da construção de um saber ou de um produto quanto ao grupo que o desenvolve, aproximando sua prática a um modo como cada oficina pode ser concebida na perspectiva de saúde mental e da interdisciplinaridade, qual seja: “lugar de aprendizagem, de produção, de intercâmbio, de ampliação das relações, de mergulho no universo cultural” (LIMA, 2004).

Tendo derivado de ação colaborativa interdisciplinar de extensão, o projeto que origina a proposta do presente ateliê – Projeto ‘Alma Lavada’ – reúne propostas distintas e complementares, sendo estas: orientar quanto ao uso e desenvolvimento de produtos domissanitários sustentáveis e promover a saúde mental das participantes, considerando ser o público de gênero feminino aquele sobre o qual, no Brasil, tradicionalmente recai a responsabilidade do cuidado doméstico/familiar e suas vicissitudes, algumas destas com impacto biopsicossocial significativo. Nesse contexto, portanto, a sustentabilidade é considerada amplamente, como um estilo de vida que engloba a forma dos seres humanos relacionarem-se consigo mesmos, entre si e com o meio ambiente (PAULISTA, *et al.*, 2008).

No contexto específico do uso dos produtos domissanitários por algumas comunidades vulnerabilizadas, a literatura científica identifica a existência de diversos fatores de risco, sendo alguns deles a falta de leitura e compreensão das informações contidas nos rótulos, o frequente uso de misturas caseiras para uma suposta

⁵ Ver definição: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/atelie/>.

potencialização da eficiência da limpeza e a ausência de uso de EPI adequado para manipulação. Com relação aos procedimentos pós-utilização, são identificados o desconhecimento dos malefícios causados pelo contato de domissanitários com o organismo e a inadequação na escolha de medidas a serem adotadas diante da intoxicação a partir do uso (JANNINI *et al.*, 2014; SOUZA, *et al.*, 2015).

Justificativa

A presente proposta de ateliê resulta da experiência das oficinas interdisciplinares de sustentabilidade e promoção de saúde mental desenvolvidas entre 2024 e 2025, em caráter extensionista, como parte das atividades do Projeto Alma Lavada, da PUC-Campinas.

No período em questão, as oficinas foram realizadas com mulheres moradoras da região do Campo Belo, um território socioeconomicamente vulnerável do município de Campinas-SP. Os encontros iniciais ocorreram de forma presencial, entre outubro e dezembro de 2024, com periodicidade quinzenal e duração de duas horas cada, partindo de uma caracterização das participantes e do levantamento das necessidades de intervenção psicossocial, além do desenvolvimento do primeiro sabão artesanal a partir de amostras de óleo de cozinha usado. Em 2025, os encontros passaram a ser semanais, com o desenvolvimento de outros produtos domissanitários sustentáveis, tais como limpa-vidros e aromatizadores de ambiente.

Nos encontros, metodologias grupais e participativas foram priorizadas, incluindo a promoção do convívio social, a escuta ativa acerca da tarefa do cuidado e da saúde mental, a educação a respeito dos riscos envolvidos no uso de sanitizantes domésticos e da possibilidade do uso sustentável.

Ao todo, aproximadamente 30 (trinta) mulheres participaram, com idades entre 25 (vinte e cinco) e 80 (oitenta) anos, sendo a maioria casada, tendo a atividade doméstica como ocupação prioritária, e baixa escolaridade. Nos levantamentos realizados com elas, foi identificado o uso frequente de misturas de sanitizantes comerciais, envolvendo

situações de risco à saúde. O estado de saúde geral foi descrito por elas como “regular”, com identificação de alguns prejuízos à qualidade da saúde mental, especialmente por sintomas de ansiedade, depressão e insônia, além da dificuldade em acessar serviços de saúde e a sobrecarga com tarefas de cuidado.

Durante as oficinas, as atividades multidisciplinares serviram como base para o exercício do convívio social e das trocas afetivas entre as participantes e delas com a equipe docente e discente, tendo sido avaliadas positivamente quanto ao impacto social e suporte comunitário.

No primeiro semestre de 2025, o grupo se consolidou e desenvolveu um maior protagonismo e autonomia com relação à organização e proposição das atividades, tendo se apropriado gradativamente dos procedimentos necessários para o desenvolvimento dos produtos sanitizantes e das habilidades de multiplicar esse conhecimento aos pares.

Sendo assim, de modo a validar essa possibilidade multiplicadora inerente à metodologia extensionista e valorizar o conhecimento que provém das comunidades atendidas pelo projeto, a presente proposta de ateliê busca oferecer aos participantes a possibilidade de experimentar algumas das atividades desenvolvidas e de se relacionar com a equipe responsável e com as mulheres participantes, construindo uma aprendizagem significativa que amplia e dissemina o alcance da construção conjunta de conhecimento.

Objetivos

O objetivo do ateliê de extensão 'Alma Lavada' é proporcionar um encontro temático e vivencial, em caráter de oficina, coordenado pelos docentes de extensão, vinculados ao Projeto Alma Lavada, e pelos discentes e pelas mulheres da região do Campo Belo que fizeram parte das ações do projeto. O intuito da atividade é contribuir para um processo de aprendizagem imersiva e significativa em sustentabilidade e promoção de saúde mental dos participantes, por meio do desenvolvimento de produtos domissanitários com componentes sustentáveis (exemplo: aromatizador de ambiente, limpa-vidros, entre outros). No encontro presencial com duas horas de duração, as mulheres participantes serão orientadas sobre a importância do uso correto de sanitizantes domésticos, bem como a respeito das etapas envolvidas no desenvolvimento de alguns desses produtos (da escolha dos componentes até a decoração das embalagens), com estratégias dinâmicas e que estimulam o diálogo entre os envolvidos e a convivência grupal. Ao final, as participantes receberão os produtos que terão desenvolvido e serão convidadas a avaliar a atividade de forma dialógica.

Público-alvo

Comunidades interna e externa envolvidas direta e indiretamente nos projetos de extensão. A atividade será presencial e com número de vagas limitada a vinte participantes.

JANINNI, M. J. D. M. *et al.* Conscientização sobre o uso correto de saneantes domissanitários visando a prevenção de acidentes, intoxicações e contaminação ambiental. **Diálogos**, v. 19, n. 1, 2014.

LIMA, E. A. Oficinas, Laboratórios, Ateliês, Grupos de Atividades: Dispositivos para uma clínica atravessada pela criação. *In*: COSTA, C. M.; FIGUEIREDO, A. C. **Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004, p. 59– 81.

PAULISTA, G.; VARVAKIS, G.; MONTIBELLER-FILHO, G. Espaço emocional e indicadores de sustentabilidade. **Ambiente & Sociedade**, v. XI, n. 1, p. 185–200, 2008.

SOUZA, R. O. L. *et al.* Impacto dos produtos domissanitários na saúde da população do Complexo do Alemão – Rio de Janeiro. **Química nova na escola (QNEsc)**, v. 37, n. 2, p. 93–97, 2015.

Referências

Quando o mapa fala aparece o lugar: mulheres e memória do Campo Belo, Campinas, SP

Vera Lúcia dos Santos Placido¹

Cecília Toledo²

Cleópatra Maziero Georges³

Daniel Ribeiro dos Santos³

Johnny Pereira de Lima Filho³

Julia Ferreira de Araujo³

Lizandra Kelly de Lima³

Murilo Araujo Sacardi³

Rodrigo da Costa Joaquim³

Caroline Carvalho Pitanga da Silva³

Caroline Alves Gomes Carneiro³

Mabylle Desireé Vieira Teixeira³

Mateus Andrade Antezana³

Sophia Miranda Ângelo Barbosa³

Valquíria Cravo da Costa³

Resumo

Palavras-chave:

Mapas;
Comunicação,
Lugar e
Memória; Redes
Migratórias;
Periferia Urbana.

Os mapas sempre foram importantes ferramentas para a localização; por meio deles, se localizam mares e rios, florestas e igarapés, cidades e vilas, continentes e estados. Mas, para além da localização, também são instrumentos de planejamento e gestão já que, com eles, se tomam importantes decisões, algumas inclusive, que modificam completamente a vida das pessoas direta e indiretamente atingidas. Nesta mesma linha de raciocínio, ou seja, os mapas como instrumentos que possibilitam a reorganização dos espaços, é possível inserir informações muito próprias de vidas humanas que,

¹ Docente Extensionista – biênio 2024-2026. Gerente de Extensão junto a Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão – PUC-Campinas.

² Docente Extensionista – biênio 2024-2026

³ Discentes bolsistas e voluntários, envolvidos no projeto interdisciplinar em 2025.

com um olhar mais atento e com a devida análise, compreende-se como a espacialização é informação precisa para a promoção da cidadania ou mesmo para se discutir o direito à cidade, considerando a Geografia e a História como bases para a produção social. Qual o padrão populacional da formação das nossas periferias? Os lugares, mesmo periféricos, são efetivamente pobres? Como a migração se materializa na memória? Essas e outras questões são abordadas ao longo desse texto, resultado da ação extensionista de duas docentes que se debruçaram sobre esse tema interdisciplinar – Mapas e Comunicação.

Introdução

Os mapas sempre foram fundamentais à ciência geográfica, seja para viabilizar a leitura espacial ou como instrumento e meio de garantir a posse de um território. Assim, não há como contestar a importância do seu papel como informação, por vezes, estratégica. Nenhum gestor preocupado com as dinâmicas territoriais tomará decisões sem considerar informações quanto a ocupação e organização social, riqueza ambiental ou mesmo delimitação de fronteiras. No caso das cidades, quando se pensa em planejamento e gestão de seus espaços, é inimaginável a tomada de decisões sem a ajuda precisa dos mapas.

Com o desenvolvimento do meio técnico-científico-informacional, diferentes espaços geográficos tornaram-se conhecidos e as relações espaço-tempo alteraram-se bruscamente, uma vez que, mesmo não conhecendo uma paisagem, é possível saber detalhes de sua fisionomia a partir das imagens de satélite e outros recursos que são, de certa forma, de fácil acesso.

Esta mudança, característica marcante do século XXI, muda completamente a relação que temos com a Geografia dos lugares e com os próprios mapas. Hoje, todos desejam ser vistos, tornar o seu lugar global, valorizando suas características positivas e topofílicas e reivindicando melhorias que sabem ter direito. Se antes as pessoas mudavam de lugar procurando locais mais aprazíveis para se viver, hoje, elas buscam mudar o próprio lugar consolidando, desta forma, sua identidade e territorialidade. Temos aqui, claramente, uma transição interrelacionada nos papéis do mapeamento: além de informar, eles também comunicam; neste caso, comunicam lugares invisibilizados, povos esquecidos, histórias de vida que se tornam espaços quando há migração, demandas ignoradas e, porque não dizer, direitos humanos negligenciados.

Esta característica tem mobilizado vários projetos de extensão e de pesquisa que objetivam popularizar os mapas, especialmente àqueles produzidos coletivamente, como forma de expressão territorial e estratégia para firmar direitos territoriais. Há diversos exemplos de transformação de demandas sociais em políticas públicas, por meio da utilização de diferentes processos de “mapeamento participativo”, garantindo o reconhecimento de demandas de diversos tipos de comunidades, como quilombolas, pesqueiras, extrativistas, afrodescendentes e de periferias. Exemplos significativos são encontrados na Amazônia e no Rio de Janeiro e, agora, se expandem por outras regiões no Brasil. Isso porque, como nos explicam Gorayeb e Meireles (2014), um grupo não pode ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sociocultural das pessoas está, invariavelmente, ligada aos atributos da paisagem. Daí a importância da demarcação e caracterização espacial de territórios, especialmente daqueles em disputa, de grande interesse político, socioambiental, econômico, cultural ou com vínculos ancestrais e simbólicos.

Desta forma, em vez de “apenas” informações técnicas, distantes de quem vivencia o lugar, o mapa social apresenta o cotidiano de uma comunidade, grupo social e agentes públicos que lidam com todos os tipos de mazelas dos territórios. No mapa, são inseridos localidades, rios, lagos, cemitérios, casas, igarapés, grotas, terreiros, santuários, espaços de disputa, percepções dos espaços vividos, dentre outros – independentemente de seu tamanho ou condição. Mapeia-se também mobilizações sociais, descrevendo-as e georreferenciando-as com base no que é considerado relevante pelas próprias comunidades e/ou grupos sociais estudados (ACSERALD, 2013). Isso se torna relevante nas lutas sociais e de pleito para melhorias nas políticas públicas, uma vez que a cartografia oficial não é elaborada na perspectiva de comunicar os territórios vividos e suas demandas, pois há um vazio de informação sobre os diferentes grupos que os habitam, suas histórias, suas experiências, suas formas de trabalho e seus modos de existência coletiva. Os mapas coletivos se propõem a apresentar estes elementos, fazendo emergir a autoconsciência do grupo e a construção e o

desenvolvimento de identidades próprias.

No Brasil, o conceito de mapeamento coletivo e/ou participativo ou ainda cartografia social surge, no início da década de 1990, com o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, coordenado pelo professor Alfredo Wagner. Este projeto obteve experiências de mapeamento social realizadas na área do Programa Grande Carajás, projeto de exploração mineral iniciado em 1980 pela Empresa Vale S.A., na Amazônia Legal, numa área correspondente a um décimo do território brasileiro (GORAYEB; MEIRELES, 2014). Esta ação resultou na elaboração de políticas fundiárias e ambientais nacionais, com a discussão de legislações, a elaboração de planos de uso, de manejo e de gestão territorial e a criação de Reservas Extrativistas (GORAYEB; MEIRELES, 2014). Se, no início os mapas coletivos se destinaram aos povos na luta pelos seus territórios, hoje esta perspectiva se ampliou para outras formas de expressão territorial ou mesmo de confirmação dos direitos de determinados segmentos, com vistas à promoção social, étnica e cultural ou mesmo para revelar ações e projetos sociais desenvolvidos com grupos vulnerabilizados. Isso inclui ampliar e representar as vozes, interesses e necessidades e fortalecê-los para que reivindiquem seus direitos e mantenham suas instituições responsáveis nas decisões que afetam seus modos de vida (PLESSMAN, 2013).

Nesse sentido, cabe citar alguns exemplos de mapas coletivos desenvolvidos no nosso país, a fim de reiterar o nosso posicionamento, ou seja, através da expressão territorial, podemos promover ações que garantam a melhoria da qualidade de vida, graças ao maior domínio do território vivido – há, desta forma, uma consciência territorial que, obviamente, perpassa pelos lugares.

Os primeiros trabalhos de mapeamento coletivo no Brasil foram desenvolvidos em territórios da Amazônia Legal e continuam sendo fortemente atuantes em estados como Pará, Tocantins, Maranhão, Acre e Amazonas, envolvendo populações tradicionais extrativistas, ribeirinhos, agricultores familiares e indígenas, devido aos grandes projetos de usinas hidrelétricas, problemas relacionados à grilagem de terras e ao não cumprimento das normatizações referentes às

delimitações de terras indígenas e áreas de preservação/ proteção ambiental (GORAYEB; MEIRELES, 2014).

Pode-se citar também diversos estudos que são desenvolvidos com comunidades da região Nordeste, com foco nas comunidades pesqueiras e indígenas litorâneas, devido ao avanço dos empreendimentos de energia eólica, carcinicultura (criação de camarões em viveiros) e os resorts que atendem, em especial, à demanda internacional, além de territórios comunitários de agricultores familiares, quebradeiras de coco babaçu, cipozeiros, indígenas e quilombolas atingidos por grandes empreendimentos econômicos, como mineração, obras hídricas, dentre outros. Na região Sul, existem relatos técnico científicos referentes ao mapeamento social com comunidades quilombolas e, na região Sudeste, com os caiçaras (pescadores tradicionais da região), (GORAYEB; MEIRELES, 2014).

Na última década, tem-se desenvolvido técnicas e métodos relacionados ao mapeamento social em comunidades urbanas, muitas vezes, com a utilização de mídias sociais e dispositivos tecnológicos diversos (móveis, de rede local e outros). Neste contexto, podem-se citar dezenas de estudos em áreas de risco urbanas – por exemplo, no Rio de Janeiro, a Maré (complexo de favelas); em Fortaleza, a favela Poço da Draga; comunidades e associações indígenas na cidade de Manaus e em Belém (GORAYEB; MEIRELES, 2014).

Nesta retrospectiva histórica, cabe mencionar os projetos de extensão desenvolvidos desde 2016 com o apoio da PUC–Campinas junto a diferentes comunidades em Campinas: comunidade afrodescendente Jongo Dito Ribeiro, Casas de Cultura e a comunidade do Campo Belo, considerada uma das mais vulnerabilizadas na cidade. Em todos estes projetos, os mapas coletivos foram muito mais que apontamentos de realidades vividas pelos grupos sociais envolvidos; eles comunicaram suas demandas, suas fragilidades e, de forma muito especial, suas potencialidades. Em instrumentos de comunicação e isso acontece

quando o grupo mobilizado no mapeamento coletivo “se enxerga” no mapa e, a partir disso, toma decisões importantes quanto a gestão, autonomia e emancipação em suas diretrizes de ação, de articulação política e de tomada de decisão.

A comunicação é expansiva, não se prende a limites fronteiriços; é ela a garantidora das ações em coletividade e, sem exagero, sem ela, não há exercício pleno da cidadania porque não se estabelece as redes solidárias. Pode-se afirmar que a comunicação, quando entendida e validada coletivamente, transforma-se em uma inteligência social e coletiva que se materializa via redes. Está aí a maior potência dos mapas coletivos, ou seja, sendo comunicação, são instrumentos de articulação em rede e, desta forma, de potencialização das forças em prol das causas coletivas. Compreender esta arquitetura espacial é fundamental para estabelecermos novas formas de desenvolvimento social e econômico.

Estes pressupostos fundamentam o case desenvolvido junto a um grupo de mulheres residentes no Campo Belo, macro região de Campinas, considerada uma das mais vulneráveis da cidade. Vale a pena destacar também que esse exercício foi possível graças a possibilidade de submeter um projeto interdisciplinar, abarcando dois projetos de extensão, envolvendo as duas docentes extensionistas e suas respectivas equipes. O projeto interdisciplinar intitulado: “Mulheres em saída: histórias de vida, lugares enunciados e comunicação como trilhas para a cidadania” está em desenvolvimento desde abril de 2025 com prazo até janeiro/2026 e está ancorado no Programa de Desenvolvimento Humano e Integral – Levanta-te e Anda (PDHI:LA).

Metodologia

Para um mapa falar, é necessário que se realize uma escuta ativa, isto é, que ocorra entrevistas semiestruturadas, com o cuidado ético de conduzir a conversa entendendo-a como história de vida. Esse trabalho foi cuidadosamente conduzido pela Profa. Cecília Toledo, jornalista e docente extensionista, em conjunto com a sua equipe, com cinco mulheres, cujas histórias de vida foram transpostas para os mapas que, ao apontarem os diferentes trajetos – mostrados espacialmente como “linhas” (apresentados abaixo) identificam que essas mulheres, em “saída” de seus lugares de origem, chegam aos novos e são, em certa medida, a “saída” em seus novos contextos, seja sendo uma base importante de sustento e cuidado da família, seja se posicionando como lideranças e articuladoras para novas realidades territoriais, o que é claramente perceptível nas entrevistas e reveladas no documentário.

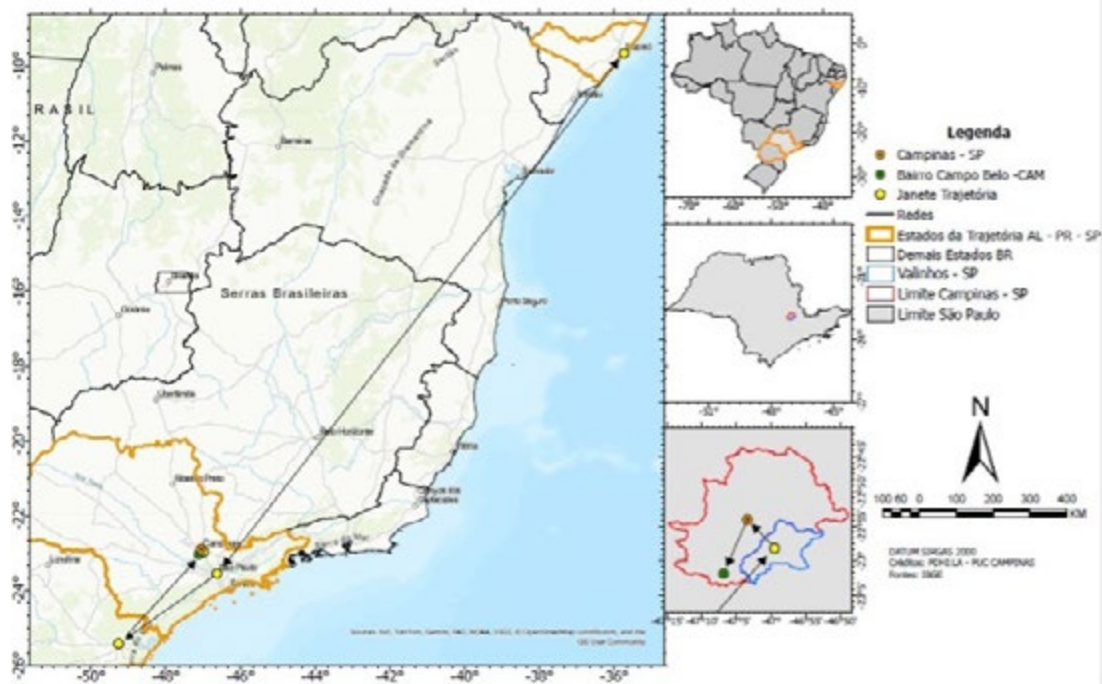
Trajetória e Redes da Maria Aparecida, Moradora do Campo Belo – PDHI:LA



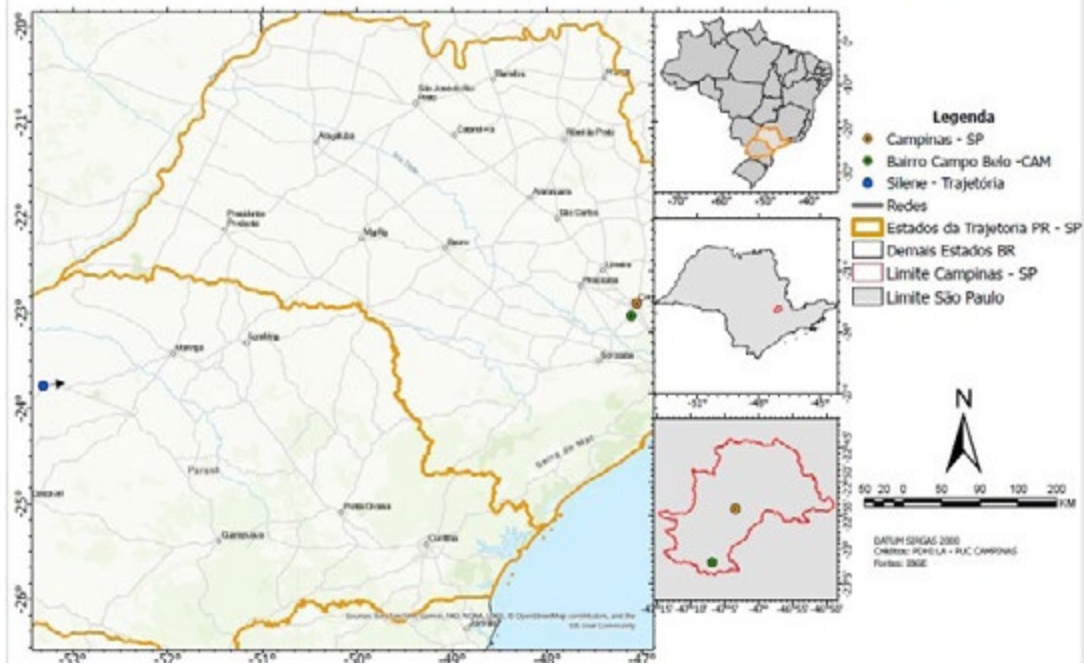
Trajatória e Redes da Conceição do Nascimento, Moradora do Campo Belo – PDHI:LA



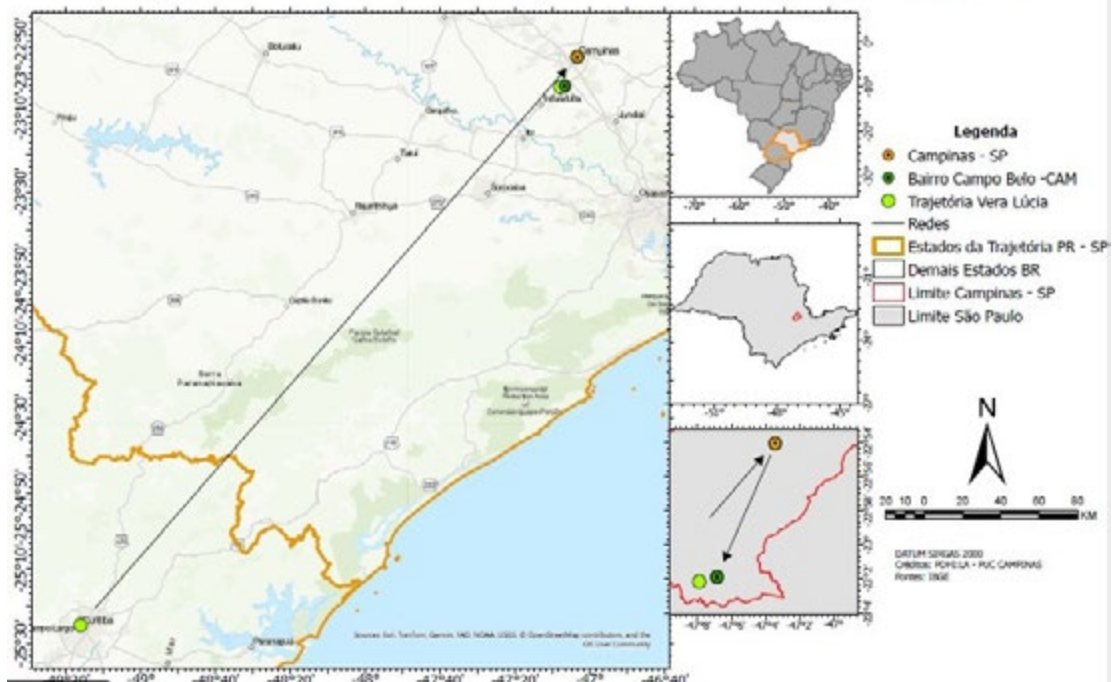
Trajatória e Redes da Janete, Moradora do Campo Belo – PDHI:LA



Trajatória e Redes de Silene Cardoso, Moradora do Campo Belo – PDHI:LA



Trajatória e Redes da Vera Lúcia, Moradora do Campo Belo – PDHI:LA





Após as entrevistas e a elaboração dos mapas, organizou-se um documentário com essas histórias de vida que são, também, narrativas dos lugares por onde essas mulheres passaram. Intenta-se que esse material, em exposição itinerante (escolas, universidade e outros selecionados por elas), possa educar sobre o lugar e, mais que isso, provocar uma intergeracionalidade comprometida com os lugares, a partir do protagonismo dessas mulheres.

Discussões e resultados

A revolução técnica-científica-informacional é recente no tempo histórico. Data da presente contemporaneidade, mesmo período que nos inquieta com tantas transformações tecnológicas que ainda estamos longe de saber, de fato, quais as suas consequências. No entanto, uma coisa é certa: o que nos torna humanos é a nossa capacidade de nos relacionar, de estar com o outro, de estabelecermos identidades, mesmo que a nossa origem espacial não seja a mesma, como nos indicou Harari (2017).

Analogamente, isso implica dizer que lugares são formados a partir das várias experiências que estabelecemos com ele; a partir do momento que passam a ser objetos de disputa, são também territórios. Em outras palavras, há implicitamente, nos territórios, uma identidade coletiva, entendida como territorialidade, como nos apontou Haesbaert (2011). Identificar essas territorialidades é dar um importante passo no sentido de empoderar os lugares e, tão importante quanto, revelar as histórias de vida que ele contém. São narrativas de luta, de resiliência, de resistência e de muitas conquistas. O lugar, entendido nesta perspectiva não é pobre, é sempre potente.

No caso da cartografia produzida a partir da história de vida de algumas mulheres moradores do Campo Belo, percebe-se, claramente, a presença do estado do Paraná, uma vez que quatro delas nasceram ou passaram por ele antes de virem para o estado de São Paulo. No contexto territorial brasileiro, o estado paulista recebeu uma quantidade significativa de migrantes do estado paranaense no momento em que cidades paulistas se industrializavam e despontavam como desenvolvidas no cenário brasileiro, como é o caso de Campinas.

Conhecer este contexto territorial é também educar para a cidadania, um compromisso que nos exige desmitificar os vários mitos que encobrem os lugares e a carga política que se sobrepõe a ele.

Referências

ACSELRAD, H. (org.) **Cartografia social, terra e território**. Rio de Janeiro: IPPUR; UFRJ, 2013.

GORAYEB, A.; MEIRELES, J. Cartografia social vem se consolidando com instrumento de defesa de direitos. **Rede Mobilizadores**, 10 fev. 2014. Disponível em: <http://www.mobilizadores.org.br/coep/Publico/consultarConteudoGrupo.aspx?TP=V&CODIGO=C20142610482831>.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HARARI, Y. N. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&P, 2017.

JOLIVEAU, T. O lugar do mapa nas abordagens participativas. In: ACSELRAD, H. et al. (org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento urbano e Regional, 2008, p. 45–69.

Agradecimentos (...)

Toda obra, quando termina, é o indicativo que, ao longo do processo, muitas mãos se uniram em torno do mesmo objetivo. Sem esse gesto, muito provavelmente, a ideia deste E-book não chegaria a sua concretude.

Aqui, seguem nossos singelos agradecimentos.

Primeiramente, à Reitoria PUC-Campinas, que sempre nos motivou a pensar a Extensão PUC-Campinas para além do seu fazer. A cada reunião, a cada solicitação, a cada pedido de adequação nos projetos, sempre nos inspirou a ir além, a agir com a intencionalidade do fazer e do ser.

À Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão, à Profa. Dra. Alessandra Borin Nogueira, pela paciência, pelo apoio incomensurável, pelas horas e horas de conversas e reuniões, pelo cuidado com os processos, por compreender o diálogo como metodologia extensionista.

À Profa. Dra Camila Brasil Gonçalves Campos, por acreditar neste projeto desde o início, quando trocamos as primeiras ideias no sentido de materializar as experiências da Extensão PUC-Campinas em um E-book.

A todos os docentes extensionistas, discentes bolsistas de extensão e discentes voluntários que se mostraram valentes, aprendizes e cuidadosos com o outro. Vocês são a prova de que a Extensão se faz no conjunto, na permanência, no movimento, na ação e na emancipação.

Agradecimentos (...)

A todos os parceiros e parceiras dos nossos projetos por sempre nos oferecer mais do que o esperado; pelo tempo juntos, por validar nossas ações, por nos receber e por nos permitir conhecer, de forma empírica, a nossa realidade social.

Às comunidades envolvidas por nos receber de braços abertos e por nos fazer sentir na pele o que significa “a potência dos lugares”.

Ao corpo técnico-administrativo que nos ajuda cotidianamente com a Extensão em seus vários desafios e demandas, e por fim, a todos aqueles que acreditam na Extensão Universitária e por ela se apaixonam, na perspectiva de que ela é sempre a soma: ao somar, revela que o aprendizado é um processo educativo transformador.

Pós-fácio

(...) não é suficiente conceder títulos acadêmicos; é necessário despertar e custodiar em cada pessoa o desejo de ser. Não basta desenhar carreiras competitivas; é preciso promover o descobrimento de vocações fecundas, inspirar caminhos de vida autêntica e integrar a contribuição de cada um nas dinâmicas criativas da comunidade.

(Papa Francisco)

As palavras iniciais deste posfácio indicam muito bem o espírito da Extensão Universitária: ela não é uma atividade acadêmica fechada em si mesma; ela acontece em um tempo cronológico, mas a sua intencionalidade é de um tempo a ser construído e elaborado coletivamente; ela nos envolve no presente em função das mudanças que desejamos para o futuro. Assim, a Extensão Universitária não se encaixa apenas em indicadores quantitativos, pelo contrário, nos faz questioná-los ao percebermos seus limites; tampouco, ela se enquadra em ações que se preconizam como salvadoras. Muito diferente disso, ela liberta de toda e qualquer forma de colonização e também não tem receitas prontas; diferentemente dos receituários, ela entende que o diálogo é o engenheiro das pontes, dos saberes, da diversidade, da inclusão, de uma sociedade mais justa, mais equilibrada ambientalmente e mais cuidadosa.



Nesse sentido, o presente E-book foi elaborado a partir de diferentes experiências muito alinhadas com o exposto acima. Foram várias mãos juntas, muitas idas a campo, muitas oficinas pedagógicas, muitas histórias, muito tecer coletivo, muitas trocas, muitas expectativas e muito aprendizado de todos os envolvidos. Ao longo de dois anos relativos ao biênio (2024 a janeiro de 2026), a Extensão PUC-Campinas esteve, de forma presente e permanente, em regiões vulnerabilizadas da cidade de Campinas e conversou com mulheres, com pessoas 60+, com jovens, com gestores, com pessoas em situação de rua. Ao longo deste biênio, produziu-se vídeos e documentários, mapeou a rua como território vivido, sentou nas calçadas para escutar, participou de jantares solidários, promoveu rodas de conversas, participou de forma entusiasmada de diferentes mostras, envolveu diferentes públicos; compôs músicas, organizou ateliês, desenvolveu produtos sustentáveis, planejou museus, dentre outras ações que, mais do que registrar no E-book, sabemos que todas são Memórias de mais um processo que chega ao seu fim com muitas vitórias e cumprindo, integralmente, seus objetivos.

É esse movimento que, acredita-se, coaduna-se de forma integrada a uma nova cultura, como tão bem preconizou o Papa Francisco e que o Papa Leão XIV também nos chama a atenção. Não se trata apenas de projetos pontuais mas, verdadeiramente, um novo modo de ser Universidade: mais aberta, solidária, sensível e próxima às diferentes dores dos nossos irmãos.



PUC
CAMPINAS

Editora
Splendet

ISBN: 978-65-89946-60-1

CDL



9 786589 946601